



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE

ANDREA VIRGÍNIA LAMÊGO LYRA

O VERMELHO NA CULTURA DO PAPEL: A VISIBILIDADE
MIDIÁTICA DO MST E A IMPRENSA

Salvador

2010

ANDREA VIRGÍNIA LAMÊGO LYRA

**O VERMELHO NA CULTURA DO PAPEL: A VISIBILIDADE
MIDIÁTICA DO MST E A IMPRENSA**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Conceição

**Salvador
2010**

Sistemas de Bibliotecas - UFBA

Lyra, Andrea Virgínia Lamêgo.

O vermelho na cultura do papel : a visibilidade midiática do MST e a imprensa / Andrea Virgínia Lamêgo Lyra. - 2010.

96 f. : il. + anexos.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Conceição.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2010.

1. Análise do discurso. 2. Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - Cobertura jornalística - Porto Seguro (BA). 3. A Tarde (Jornal). I. Conceição, Fernando. II. Universidade

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDREA VIRGINIA LAMÊGO LYRA

O VERMELHO NA CULTURA DO PAPEL: A VISIBILIDADE MIDIÁTICA DO MST E A IMPRENSA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau em Mestre em Cultura e Sociedade, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Fernando Conceição – Orientador _____

Pós-Doutorado, Lateinamerika-Institut, em pesquisa sobre o impacto do pensamento de Milton Santos no debate sobre a nova fase de globalização nos grupos de pesquisa e entre intelectuais que discutem o tema na Europa (2008-2009).

Universidade Federal da Bahia – (UFBA)

Antônio Nascimento Dias _____

Pós-Doutor em Educação Musical, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade do Estado da Bahia – (UNEB)

Maurício Nogueira Tavares _____

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000).

Universidade Federal da Bahia – (UFBA)

Salvador, 31 de março de 2010

Homens, mulheres, crianças;

Branco, negro, misturado;

Fortes, francos, solidários;

Uma união de pessoas únicas, a que eu chamo de família.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de humildade e grandeza. É nos agradecimentos que valorizamos quem realmente nos apoiou, esquecemos quem nos faltou ou nos magoou, reafirmamos nossa fé e afirmamos para o mundo que não somos sós. Então, vamos lá...

Agradeço:

A Deus, aos Santos e Orixás;

Ao meu pai, Antonio Visco, pela presença inesquecível em minha vida;

À minha mãe Solange Lamêgo, pelo amor, exemplo, beleza e força;

Ao meu filho João Visco, que, só por existir, já me faz especial;

Ao meu marido Fernando, cujo orgulho de mim me sustenta;

Aos meus irmãos: Juca, Léo e João tão diferentes e tão iguais;

Aos meus sobrinhos: Dani, Thai, Márcio, Peu, Paulinho, Malu, Rodrigo, Vítor e Dante, as melhores dores de cabeça da minha vida;

Às irmãs de coração: Julie, Aninha, Irlaine, Iracema, Cristiane, Cláudia, Gabi e Guy.

Aos meus sogros: os melhores suplentes de pais que eu conheço.

E, finalmente, agradeço aos professores que me guiaram por todo o caminho:

Fernando Conceição, paciente orientador e instigante mestre;

Maurício Tavares, membro da banca, mestre e alvo de minha eterna admiração;

Antonio Dias, membro da banca e mestre mais que generoso;

Ana Mônica Hughes, Maria Augusta Souza e Marcelino Galo, incentivadores e fontes de inspiração; e ao

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade que me possibilitou a realização deste sonho.

“a imprensa informativa reconhece no leitor a dignidade de sujeito político, capaz de ser, se não sujeito da história, ao menos sujeito de um discurso sobre a história...”.

Pierre Bourdieu

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo a análise da cobertura jornalística sobre o fenômeno de ocupação da Veracel S/A pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais – MST, em abril de 2004, no município de Porto Seguro-BA. O estudo da relação entre o MST (BA) e o Jornal A Tarde, foi baseado nas matérias jornalísticas que cobriram a ocupação, considerando-se o corte temporal de 04 a 13 de abril de 2004. No processo de análise do discurso foram também examinados dispositivos, métodos e estratégias que integram a cultura comunicativa do MST e que passou a influenciar o modo de planejar e realizar a comunicação dos movimentos sociais no Brasil. As matérias que compõem a cobertura jornalística ofereceram subsídios para análise de como se apresenta na mídia impressa à imagem do MST. O MST e sua postura supostamente radical, foi objeto de análise formulada pela mídia no sentido de avaliar suas estratégias de atuação e a maneira como estas estratégias se manifestam na mídia impressa. Ao abordar a imagem do movimento formulada pela mídia, são questionadas as motivações determinantes da construção dessa imagem: desconhecimento, preconceito ou comprometimento. Procurou-se desenvolver a idéia de visibilidade do MST na imprensa não como movimento unilateral, mas numa perspectiva da realidade da mídia em relação aos movimentos sociais. A noção de contradições como estado concreto e produto histórico é inerente ao processo de formação da imagem organizacional, gerando situações em que estratégias comunicativas possibilitam a visibilidade e o debate na sociedade. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, percebe o papel de mediador da imprensa e a utiliza quando dialoga com o poder político. A mídia reconhece seu poder na condição de mediação. Ambos se reconhecem nesta condição e jogam um “jogo de usos”, o vermelho na cultura do papel.

PALAVRAS-CHAVE: ANÁLISE DE DISCURSO; MST; MÍDIA; BAHIA.

ABSTRACT

The research had the intent to analyze the press coverage regarding the take over phenomenon of Veracel S/A by the *Movimento dos Trabalhadores Rurais – MST* in April 2004 in the city of Porto Seguro. The study between MST and the Jornal A Tarde was based in press releases that cover the MST take over from April 04 to 13, 2004. During the analysis of the speech, it was also observed actions, methods and strategies that was built in that moment, a communication culture that became integrated to the new way of planning and execute the communication of social movements in Brazil. The press releases were used as material for analysis of how the written media presents MST image. it was assessed MST with a possible radical approach, strategically thought and analyzed; together with prejudice and unknown information of rural reality from the media, in the process of building an image of the movement. It was developed the idea of MST image, not as a unilateral movement, but from a perspective of media reality related to social movements. the notion of contradiction as something concrete and history product is intrinsic of the process of building an organization image generating situations that communicative strategies allow the visibility and arguments in society. The *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST* realizes that the media plays the role of mediator and uses it when discussing with political power. The media, itself, recognizes its power as the mediator. Both of them know this condition and play a kind of power game; the "red" in the paper culture.

KEY WORDS: DISCOURSE ANALYSIS; MST; MEDIA; BAHIA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS PENSADORES, A TERRA E AS PALAVRAS	18
2 O HOMEM E SEUS MOVIMENTOS	37
2.1 CAMPESINATO.....	37
2.2 MST	42
2.2.1 Depois da ocupação.....	48
3 INTERESSES EM CONFRONTO	51
3.1 VERACEL CELULOSE S/A	54
3.2 AS QUESTÕES EM DISPUTA	58
3.3 O QUE FICA DA QUESTÃO.....	60
4 O FATO E A REPERCUSSÃO	62
4.1 O FATO	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

O Vermelho na Cultura do Papel tem como principal objetivo analisar a cobertura jornalística sobre o fenômeno de ocupação da Veracel S/A pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST¹, em abril de 2004, no município de Porto Seguro. A multinacional Veracel é uma das maiores empresas de celulose no Brasil e possui extensas áreas de plantio entre os municípios de Porto Seguro, Eunápolis e Belmonte.

Pretende-se caracterizar a relação entre o MST (BA) e o Jornal A Tarde, focalizando as matérias jornalísticas que cobriram a ocupação, considerando-se o corte temporal de 04 a 13 de abril de 2004. No processo de análise do discurso serão também examinados dispositivos, métodos e estratégias, que construíram no determinado momento uma cultura que passou a integrar o novo modo de planejar e realizar a comunicação dos movimentos sociais no Brasil.

Durante anos, trabalhando na Assessoria de Comunicação do INCRA, eu me encantei com a beleza da reforma agrária e a sua capacidade de mudar uma realidade social. Um projeto que só vemos realizado em pequenos pedaços e cuja ansiedade pelos resultados nos causa sofrimento. No convívio diário com as notícias e os trabalhadores rurais, compreendi a importância de me aprofundar nesta questão buscando identificar, nos autores consagrados, conceitos, categorias, estruturas e instituições sobre o tema.

A realidade da reforma agrária no Brasil precisa ser conhecida e reconhecida pelos diversos setores da sociedade e, em particular, pelo meio acadêmico. É necessário esse reconhecimento para que seja possível atuar e, desta forma, multiplicar as informações sobre a história da luta pela terra, pelo poder e pela imagem política. Considerei a ocupação da Veracel pelo MST uma oportunidade para fomentar este

¹ Sem Terra, com letras maiúsculas e sem hífen, é o nome próprio que identifica os sem-terra do MST. A expressão "sem-terra" indica a categoria social de trabalhadores e trabalhadoras do campo que não têm terra e que passam a requerê-la como direito. Trata-se de um vocábulo recente nos dicionários de língua portuguesa, uma das conquistas culturais da luta pela terra no Brasil. Mas em seu nome, os Sem Terra, mantêm a grafia original de seu nascimento como sujeitos que criaram o MST

debate. Esta pesquisa, assim como outros trabalhos científicos, utiliza a Reforma Agrária como temática.

A cobertura jornalística sobre a ocupação da Veracel pelo MST, em abril de 2004, no município de Porto Seguro/ Bahia, reiterou a imagem de marginalização do movimento, constituindo-se em um exemplo de construção simbólica de um movimento social pela chamada grande imprensa. Esta linha de pensamento será comprovada ao longo da pesquisa tendo a análise de discurso como ferramenta metodológica.

A imagem pública não pode ser necessariamente caracterizada como a tradução real da pessoa ou instituição da qual se origina, não devendo ser considerada “uma via de mão única”. É um conjunto de fatores que dinamicamente se alteram: o ator produz novos discursos e novas ações que, frequentemente, podem ser interpretados de formas diferentes dependendo de quem as recebe, dos seus contextos e substâncias.

Pretende-se conceituar o MST como ator e a mídia como fomentadora de uma imagem no tempo e no espaço delimitado. Esta análise tem como contexto a sociedade contemporânea, marcada pela cultura urbana e muito distante de uma realidade rural onde a terra significa mais do que um investimento ou um imóvel adquirido para fins especulativos. A Constituição Brasileira determina que a terra, além da garantia da propriedade privada, deve ter uma função social. Para o trabalhador rural a terra é um meio de vida, viabiliza uma profissão e resulta numa espécie de legado.

A importância de se estudar a questão agrária no Brasil está diretamente ligada ao resgate de duas dívidas históricas que se transformaram em grandes inquietações sociais e políticas: a escravidão e uma de suas consequências, a posse da terra. São temas interligados que estão presentes na pauta de discussão nacional como expoentes de um processo inacabado que está enraizado nos primeiros anos deste país.

A organização econômica, política e social do meio rural brasileiro foi estruturada no período colonial, com base na grande exploração rural, resultante do regime de capitanias hereditárias e do regime de sesmarias. Em 1850, com o advento da Lei de Terras², consolidou-se a grande propriedade. Na prática, a lei excluiu milhões de trabalhadores rurais da posse e uso da terra. Leite *et al* descreve este período da seguinte forma:

De um lado, havia a preocupação de legalizar (como convinha um projeto de “país civilizado”) práticas extralegais dos que concentravam seu poder em grandes extensões de terra e evitar conflitos que iam se tornando endêmicos. De outro, havia a intenção de reparar injustiças históricas, atribuindo terra (cuja propriedade, na época, era uma espécie de requisito da cidadania) aos ex-escravos, e assegurar um progresso que a experiência de muitos países sugeria estar fundado na pequena propriedade. A Lei de Terras de 1850, o Decreto que regulamentou em 1854 e toda a legislação que se seguiu, bem como as medidas administrativas associadas, refletiam essas tendências. (LEITE *et al*, 2004, p. 37).

Além da implantação da Lei de Terras, foram negligenciadas outras duas oportunidades históricas de se realizar uma ruptura com padrões excludentes: o primeiro desses momentos foi a partir da abolição da escravatura, no final do século XIX, quando negros, imigrantes e índios não tiveram acesso às terras devolutas³ existentes naquela época, situação imposta pela elite rural vigente. Martins afirma que:

O problema da escravidão e a busca do caminho para resolvê-lo, que nos conciliasse como nação, era um problema de toda a pátria, de todo o povo. Também a remanescente questão agrária é um problema suprapartidário, decorrência e resultado do modo insuficiente como foi resolvida a questão da escravidão (MARTINS, 2004, p.13).

O segundo momento no qual poderia se promover uma mudança de paradigma foi o da Revolução Verde, em meados do século XX, período marcadamente concentrador de terra e mão-de-obra, e que ainda hoje, em algumas regiões, apresenta a mesma tendência, a exemplo da região Oeste da Bahia. A Revolução Verde foi um período fortalecido pelas grandes empresas multinacionais que visavam à produção agrícola em larga escala, à custa de concentração de terras

² A Lei de Terras de 1850, uma das primeiras leis do Brasil, foi regulamentada logo após a Independência e dispunha sobre normas do direito agrário brasileiro.

³ Terras devolutas são terrenos públicos, ou seja, propriedade pública que nunca pertenceu a um particular mesmo estando ocupada, ou seja, nunca esteve sob propriedade privada. O termo *devolutas* relaciona-se com a decisão de devolução desta terra para o domínio público, ou não, dependendo de ações denominadas discriminatórias (Prado Júnior, 2000).

onde houve expansão das fronteiras agrícolas monocultoras e emprego de aditivos químicos como garantia de qualidade de produto.

Pode-se afirmar que a Revolução Verde significou uma mudança de paradigma da produção agrícola vigente, em que a industrialização e mecanização do campo e a produção em massa justificavam danos ao homem e ao meio-ambiente. Foi o período conhecido como Era do Agronegócio, cuja premissa baseava-se na produção agrícola a partir de sementes resistentes a determinadas intempéries naturais.

A partir de 1964, quando foi promulgado o Estatuto da Terra, a Reforma Agrária tornou-se uma política pública compensatória, alheia a qualquer projeto estratégico de desenvolvimento rural. O desvirtuamento do Estatuto da Terra, entre o projeto original e o que foi oficialmente promulgado no governo militar, demonstrou o poder de pressão das elites brasileiras. Como consequência deste período, os movimentos sociais rurais organizados se mobilizaram e iniciou-se a trajetória da formação orgânica de luta pela terra.

Atualmente, os movimentos de trabalhadores rurais, apesar de ainda representarem uma frágil acumulação de força, vão se sobrepondo ao intenso cerco político e à estratégia de criminalização dos sem-terra observada nestes últimos quarenta e três anos.

Ao observar este quadro simplificado da atual situação da reforma agrária no Brasil, percebe-se a presença da mídia como mediador entre Governo, movimentos sociais e sociedade civil. Mas, qual será realmente o papel da mídia neste processo? A sociedade contemporânea tem debatido com intensidade as mudanças ocorridas na sociedade e o papel desempenhado pelos meios de comunicação. Nesse debate, cabe aos movimentos sociais – na condição questionadores e representantes da sociedade civil - resistir aos padrões globalizados e aos métodos de comunicação de massa, reflexos da supremacia exercida pela comunicação, informação, entretenimento, mobilização e indução da opinião pública.

A mídia, por sua vez, está impregnada de interesses políticos em razão das ligações dos veículos de comunicação aos grandes grupos econômicos. A maioria dos grupos proprietários dos meios de comunicação é detentora de grandes propriedades rurais e/ou patrocinada por outros grupos com os mesmos interesses⁴.

A seguir Christa Berger confirma esta afirmação e acrescenta um novo argumento,

A questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje que “caiba” no meu jornal, que conquiste os leitores e não se confronte com os que o sustentam economicamente. Neste enunciado encontram-se os indicadores para compreensão do jornalismo: os vínculos com o mercado – dos patrocinadores e dos consumidores – e a equação do vivível num espaço editável. (BERGER, 2003, p.37).

A fim de cumprir o objetivo definido para este trabalho, foram realizadas entrevistas, levantamentos primários, pesquisas históricas e análise de dados secundários para auxiliar a realização da pesquisa que resultou no texto que se apresenta dividido em quatro capítulos, além desta introdução.

O *capítulo um* apresenta o referencial teórico que subsidiou, sob um enfoque multidisciplinar, o processo de análise e fundamentou as conclusões. Para fundamentar a pesquisa foram buscadas formulações de pensadores e teóricos da cultura e das ciências sociais, tais como: Geertz, Gramsci, Bourdieu, Canclini e Martin Barbero. Foram ainda incorporadas contribuições de autores brasileiros das áreas específicas da cultura e da reforma agrária, como Bernardo Mançano Fernandes e José de Souza Martins.

O *capítulo dois* aborda o conceito de *movimento social*, relacionando-o com as noções de *cultura popular*, *movimento popular*, *movimento camponês*. O MST é tratado neste texto desde a sua criação, num breve histórico, além de serem analisadas as principais influências, seus ícones e sua estrutura organizacional. Incluem-se ainda referências sobre os princípios e características que norteiam o *modus operandi* do Movimento.

⁴ Fazem parte da Associação Brasileira de Agribusiness dois dos maiores grupos de comunicação do país, a exemplo da Agência Estado e Globo Comunicação e Participações S.A., vide <http://www.abag.com.br/>

O *capítulo três* descreve a situação fundiária no extremo sul baiano a partir da expansão da indústria de celulose, com a implantação das grandes multinacionais produtoras de papel, e as tensões provocadas a partir dessa nova realidade, potencializadas pela construção da nova usina da Veracel iniciada em maio de 2003.

No *capítulo quatro* é apresentada a ocupação pelo MST da área da Veracel e analisado o discurso da mídia sobre o fato, a partir do noticiário do Jornal A Tarde. A escolha desse jornal se deu em função da sua importância como veículo de mídia impressa do estado. Matérias jornalísticas veiculadas entre 04 e 13 de abril de 2004 são objeto de análise de discurso em que são priorizados os aspectos macroestruturais em detrimento das estruturas mais formais como sintáticas, semânticas, estilísticas ou retóricas das sentenças.

Será utilizado, para análise discursiva, o modelo de estrutura temática e esquemática da notícia segundo o autor Teun A. Van Dijk que descreve a superestrutura da notícia e traça a sua organização interna. A proposta do autor é resultado de uma pesquisa com 700 textos jornalísticos sobre o mesmo fato, cuja conclusão é um modelo analítico baseado na cognição, para as estruturas do discurso da imprensa escrita diária.

Para Dijk (2004),

Entendemos por “estrutura temática” de um discurso a organização geral de “tópicos” globais sobre os quais versa um exemplar de notícia. Tal análise temática é realizada à luz de uma teoria de macroestruturas semânticas. Estas constituem a representação formal do conteúdo global e um texto ou diálogo e, portanto, caracterizam parte do sentido de um texto. (DIJK, 2004, p.122)

Dijk propõe quatro categorias de análise: resumo (título e cabeçalho), contexto e história (antecedentes e acontecimento principal), consequências (acontecimentos ou ações consequentes e reações verbais) e comentários finais (avaliação).

Estas categorias, além de organizar o conteúdo global (temas, macroestrutura) das notícias, desempenham funções cognitivas e sociais na produção informativa e na compreensão e memorização da notícia. (DIJK, 1990, p. 254).

A estrutura é proposta sob os princípios da relevância e “recência”⁵ para o discurso noticioso, a começar pela informação mais significativa e seguida pelos demais níveis até os detalhes de cada categoria esquemática, isto é, do resumo aos comentários, passando pelos acontecimentos principais e os antecedentes. Esse encadeamento tem relação íntima com as estratégias de produção jornalística em sua rotina de trabalho.

Para obtenção de dados que confirmem ou neguem a hipótese desta pesquisa, selecionam-se as informações publicadas no corte temporal acima descrito. Das 21 matérias publicadas neste período: a) construiu-se um quadro com a estrutura temática da cobertura jornalística segundo Dijk; b) selecionaram-se os títulos e as manchetes para identificar os dispositivos de impacto; c) determinaram-se os quatro momentos na evolução dos acontecimentos, reconhecendo a importância de cada um com base no espaço dedicado às matérias na superfície do jornal e d) faz-se um levantamento da utilização dos signos mais constantes nas matérias.

Por fim, a guisa de conclusão, nas *Considerações Finais* são oferecidos os resultados da análise acima apontada. Conclui-se o estudo relacionando-se os resultados com o referencial teórico, com a intenção de contribuir para o conhecimento disponível sobre o tema.

⁵ Recência: termo utilizado por Van Dijk (2004) para descrever o conceito de atualidade.

1 OS PENSADORES, A TERRA E AS PALAVRAS

Analisando a estrutura político-social do Brasil, percebe-se que as raízes do problema das desigualdades regionais, principalmente em relação ao acesso à terra, residem também na herança estrangeira. A concentração da propriedade da terra está fundamentada na formação histórica do país. Tais raízes remontam à natureza da colônia e das leis coloniais, as quais introduziram graves distorções na distribuição das terras e, a partir da segunda metade do século XIX, no funcionamento da malha fundiária (GERMANI, 1997).

O acesso à terra continua negado às populações rurais, principalmente àquelas para as quais a terra é a melhor possibilidade de transformar suas condições de vida, saindo da situação de miséria na qual se encontram. O resultado é a reprodução da pobreza rural e da desigualdade que adicionam condições desfavoráveis para toda a economia. Gramsci⁶ discorre sobre as desigualdades regionais afirmando que é preciso preservar as classes trabalhadoras. Para ele “é preciso que, como sempre ocorre, não sejam os vasos de argila os que se quebram entre os vasos de cobre que a nave tomada pela borrasca sacode e agita” (GRAMSCI, 1987, p. 64).

Ao estudar um índice de pobreza, entendida como privação de acesso, a partir dos dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar), do IBGE em 1996, Lemos (2003) estima um total de 28,59% de pobres para o Brasil sendo que, segundo a categoria local do domicílio, tem-se uma incidência de 22,33% de pobres nas zonas urbanas e 65,02% de pobres nas zonas rurais.

Prado (2000) reafirma que o desenvolvimento agrícola do Nordeste e as condições de vida de seu trabalhador rural não estão diretamente relacionados. O desenvolvimento e progresso tecnológico, particularmente na lavoura canavieira da década de 1950, favoreceram a grande estrutura fundiária e a expansão das lavouras para o adequado abastecimento em matéria prima das usinas. Esta

⁶ Antonio Gramsci foi uma das referências essenciais do pensamento de esquerda no século 20. Na década de 1920 e 1930, empenhou-se na avaliação da importância das contradições e da dinâmica da cultura no plano da luta pela transformação revolucionária da sociedade.

situação, além de reduzir o espaço então ocupado pelas culturas de subsistência mantidas pelos trabalhadores, contribuiu para o agravamento drástico da situação da população trabalhadora rural nordestina.

O Brasil possui um dos piores posicionamento⁷ em indicadores de desenvolvimento humano (IDH)⁸, dentre os países de igual nível de renda per capita, tendo-se tornado um caso de exemplo clássico de desenvolvimento desigual. A estratégia de má distribuição de terras levou ao esvaziamento do campo e alimentou a pobreza urbana, bloqueando, assim, o desenvolvimento regional e nacional.

Pode-se afirmar que a questão agrária no Brasil persiste historicamente caracterizando-se como um problema de exclusão econômica, social, política, de desigualdade regional e desrespeito ambiental. Todos esses elementos, somados à prática tecnológica em que se baseia a grande propriedade rural, traduzem-se na realidade excludente de trabalhadores sem terra.

O Censo Agropecuário 2006, com dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comprova que a concentração de terras persiste no País. O cenário de concentração fundiária e seus desdobramentos regionais pode ser visualizado pelo índice de Gini⁹. É importante salientar que o índice de Gini pode variar de 0 - quando a distribuição da terra for totalmente igualitária - a 1, caso extremo em que existe apenas um detentor da terra. Quanto mais perto esse índice está de 1, maior a concentração.

O índice de Gini, que mede a concentração de renda no Brasil, está em 0,6, apenas menos concentrado do que Serra Leoa, Suazilândia e República Centro-Africana. Estes índices apontam que a renda média dos mais ricos é 150 vezes maior do que a dos mais pobres. O índice Gini que mede a concentração fundiária no Brasil é acima de 0,8.

⁷ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil melhorou entre 2006 e 2007, mas o país manteve sua posição no ranking mundial — ficou em 75º numa lista com número recorde de 182 países e territórios, aponta o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH)

⁸ Atlas do Desenvolvimento Humano pesquisado e divulgado pelo PNUD.

⁹ O Índice de Gini é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini. É comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda, mas pode ser usada para qualquer distribuição.

Os dados indicam claramente um agravamento da concentração de terras nos últimos 10 anos. O Censo do IBGE mostrou um Gini de 0,872 para a estrutura agrária brasileira, superior aos índices apurados nos anos de 1985 (0,857) e 1995 (0,856).

Entretanto, os índices de Gini calculados com base no Censo 2006 variam com relação aos estados. Em São Paulo, passou de 0,758 no Censo anterior para 0,804; no Maranhão, por outro lado, recuou de 0,903 para 0,864. No Censo 2006, o maior índice de Gini apresentado foi o de Alagoas (0,871), enquanto o menor foi em Roraima (0,664). Em relação ao estado da Bahia que apresentava em 1995 o índice de 0,834, teve em 2006, um aumento no índice de concentração para 0,840.

De acordo com os últimos censos agropecuários, os números que mensuram as diferenças de tamanho das áreas dos estabelecimentos agropecuários continuam a caracterizar a manutenção da desigualdade na distribuição de terra no País.

Ainda de acordo com o IBGE, enquanto os estabelecimentos rurais de menos de 10 hectares ocupam menos de 2,7% da área total ocupada pelos estabelecimentos rurais, a área ocupada pelos estabelecimentos de mais de 1.000 hectares concentra mais de 43% da área total.

Ainda de acordo com o Censo 2006 revelou que os 5.175.489 estabelecimentos agropecuários ocupam 329.941.393 hectares, ou o equivalente a 36,75% do território brasileiro (851.487.659 hectares). Registrou-se uma redução de 6,69% na área ocupada pelos estabelecimentos em relação ao censo anterior (1995-1996), o que significa uma queda equivalente a 23.659.882 hectares na área total dos estabelecimentos agropecuários no período.

Como principal consequência da ocupação histórica do país, tem-se ainda hoje uma reforma agrária pautada em política pública de distribuição de terra, devido à enorme demanda existente por terra, contrariamente a uma mudança na estrutura fundiária necessária para o país. Pode-se considerar, então, a luta pela reforma agrária, como

uma das principais medidas de combate à concentração fundiária. De acordo com Oliveira,

Ao mesmo tempo que aumenta a concentração das terras nas mãos dos latifundiários, aumenta o número de camponeses em luta pela recuperação das terras expropriadas. Nem que para isso tenham que continuar seu devir histórico: ter a estrada como caminho. O que vale dizer: a migração como necessidade de sua reprodução, a luta pela fração do território distante como alternativa para continuar camponês. Espaço e tempo unem-se dialeticamente na explicação desse processo. Quando essa possibilidade de recuperar a fração do território perdido não pode ser realizada, ele encontra novas formas de luta para abrir acesso à terra camponesa onde ela se tornou capitalista. O Movimento dos Sem-Terra é um bom exemplo dessa realidade. (OLIVEIRA, 1991, p. 26).

Fernandes (2000) demonstra como o capitalismo se desenvolveu no campo brasileiro:

No campo, o avanço do capitalismo fez aumentar a miséria, a acumulação e a concentração da riqueza. Esse processo transformou o meio rural com a mecanização e a industrialização, simultaneamente à modernização tecnológica de alguns setores da agricultura. Também expropriou, expulsou da terra os trabalhadores rurais, causando o crescimento do trabalho assalariado e produzindo um novo personagem da luta pela terra e na luta pela Reforma Agrária: o bóia-fria. (FERNANDES, 2000, p.4).

Em momento algum, deseja-se desqualificar ou diminuir a importância da grande produção agropecuária (agronegócio), principalmente na pauta de exportação do Brasil. A questão principal reside na capacidade de atuar das duas formas pois qualquer superposição será igualmente prejudicial em quaisquer dos sistemas produtivos, tanto para o pequeno quanto para o grande produtor.

Geertz (2001) define,

A imagem, portanto, é clara e clássica. E também o é o dilema que apresenta. Por um lado, a manutenção de fazendeiros ricos com o cultivo de larga escala ao lado de pequenos agricultores empobrecidos não tem probabilidade, sem falar na injustiça social, de durar muito no mundo pós-colonial, e de fato já começou a se alterar. Por outro lado, o desaparecimento desses fazendeiros e sua substituição por pequenos camponeses ameaça, pelo menos inicialmente e talvez por muito tempo, uma queda na produção agrícola e da receita de divisas... Contudo, se a reforma agrária pode eliminar os latifúndios, não pode por si só transformar camponeses pobres tradicionais em competentes fazendeiros modernos... (GEERTZ, 2001, p.35)

Tanto no Brasil quanto no resto do mundo, a reforma agrária não pode ser encarada como uma unificação de sistemas de produção para a pequena produção. É preciso

o amadurecimento de vontades políticas e organização dos movimentos sociais de todos os atores sociais envolvidos.

Para quem convive com o problema da reforma agrária, e o conhece bem, é muito fácil opinar e indicar possíveis soluções, mas na verdade, como todo processo social, é preciso uma ampla discussão. A sociedade, em sua maioria, se declara a favor da reforma agrária¹⁰, no entanto, pouco conhece dos seus processos, atores e consequências. Com relação à opinião pública sobre a reforma agrária, Martins (2004), afirma que:

Hoje, concretamente, poucos se opõem a que essa luta seja reconhecida, a que esse direito seja realizado, a que essa dignidade seja proclamada e elevada à condição de valor fundante de um direito de todos. Muitos anos de lutas, e até lutas desencontradas de tantos, serviram para firmar um reconhecimento geral de que os pobres da terra também são a pátria. Pátria à qual querem pertencer não como párias e mendigos, como abandonados pela solução elitista que nossos problemas nacionais quase sempre tiveram. Mas como trabalhadores que são, capazes de nutrir com seu labor a terra que é de todos nós, a nossa terra, patriótica sessão de uso, para que ela seja semeada e fecundada e nos recompense a todos com o fruto sazonado da fartura e da alegria. Melhor assim do que salinizá-la com o pranto dos inocentes, das vítimas da fome, do desabrigo e da falta de oportunidades e esperança. (MARTINS, 2004, p. 14)

A reforma agrária implementada até então gerou um enorme passivo infra-estrutural, dispersão espacial, ausência de projeto de inserção sócio-econômica, e padrão único e burocrático para toda a diversidade da realidade rural brasileira. Há uma demanda por novos assentamentos, registrados nas mais de 60 mil famílias acampadas e em torno de 700 mil famílias cadastradas a partir da integração dos subsídios trazidos pelos estudos técnicos das equipes do programa de gestão da estrutura fundiária, aliado aos indicativos de demanda dos movimentos sociais. (INCRA, 2009).

Historicamente, o campo brasileiro tem sido marcado por graves conflitos agrários decorrentes da disputa pela terra e seus recursos naturais, resultando num quadro de violência, impunidade e desrespeito aos direitos humanos.

¹⁰ O Globo (2008), resultado de pesquisa do IBOPE sob encomenda da Vale do Rio Doce.

Fernandes (2000) esclarece:

A luta pela reforma agrária contém a luta pela terra. A luta pela terra promove a luta pela reforma agrária. Essa distinção nos ajuda a compreender que ainda não foi implantado um projeto de reforma agrária no Brasil, como o governo federal defende, mas está acontecendo uma intensificação da luta pela terra, por meio do crescimento das ocupações massivas, realizadas por diversos movimentos sociais, principalmente pelo MST. (FERNANDES, 2000, p.1).

A realidade social brasileira apresenta um cenário capaz de abarcar a urgência de uma organização social diferenciada. Dessa forma, apostar numa sociedade civil organizada é fundamental para dar sustentação a essa teoria.

A urgência de novos atores sociais, como os movimentos organizados (MST, sem-teto, GLBTS¹¹), os institutos, as organizações não-governamentais, o terceiro setor e diversos outros denota que há uma concordância sobre as falhas das políticas públicas e de sua operacionalização.

A redemocratização brasileira traz consigo um novo cenário de mobilização estruturada e crítica, capaz de representar a realidade dos segmentos sociais. Associativismo, sindicalismo, crítica social coletiva, organização social, mobilização constante de grupos unidos em torno de ideais e necessidades são exemplos de como a sociedade vem se mobilizando em torno de suas demandas.

Assim, na zona rural, como na urbana, o que surge é um novo panorama das relações sociais, cuja demanda por diálogo com o Estado representa um de seus maiores desafios.

Como um movimento que luta pela transformação da realidade rural do Brasil, o MST tem em seu discurso uma das suas principais ferramentas de mobilização. Ao focalizar material discursivo reproduzido pela mídia, percebe-se, a partir de 1998, quando o MST passou a reivindicar mudanças na política agrária do governo FHC como forma de resolver a crise no campo, que a visibilidade do movimento cresce significativamente.

¹¹ Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes.

Em entrevista concedida ao Boletim NPC, em dezembro de 2005¹², João Pedro Stédile relata a opinião do MST sobre comunicação de massas e ideologia:

Tem muita gente que se ilude. Eu mesmo de vez em quando publico artigos na imprensa burguesa: Folha de S. Paulo, O Globo. Mas isso não representa que a imprensa seja democrática ou que nós podemos nos iludir... A verdadeira luta ideológica nos países periféricos eles fazem através da imprensa. Então a imprensa brasileira burguesa cumpre o papel de partido ideológico da classe dominante, pra orientar a sua militância e para fazer o debate ideológico na sociedade. É assim que nós vemos a imprensa burguesa. Ela faz uma manipulação que atinge as massas mais despolitizadas, que acreditam no que vêem na Globo...

A imprensa burguesa sempre usa a palavra invasão. Porque invasão é classificada pelo código penal como esbulho possessório. E o que nós fazemos chama-se ocupação...E o conceito para ocupação é quando você mobiliza um contingente de trabalhadores, homens, mulheres e crianças, ocupam uma área, para que o governo cumpra a lei.

Na mesma entrevista, sobre a questão da comunicação entre os movimentos sociais, populares e os partidos políticos de esquerda com a sociedade brasileira, Stédile responde:

...É uma tristeza. É uma lástima. A esquerda é incompetente para fazer meios de comunicação de massa. Não é pedagógica. Não sabe fazer. Nós estamos muito atrasados na forma de nos comunicar com o povo. Eu estou falando como autocrítica, porque o MST também tem os seus meios de comunicação. Temos aí a experiência do jornal Brasil de Fato.

A esquerda ao longo das últimas décadas desenvolveu mais experiência de comunicação com a sua militância. Com a militância nós somos melhores. Fazemos cartilhas, jornais impressos, revistas. Agora, de comunicação de massa, aí nós estamos muito mal, porque temos um refluxo dos movimentos de massa. Há toda uma geração que não pegou esta experiência concreta de como, no calor das lutas, temos que nos comunicar rapidamente, e aí envolve, sobretudo o rádio, a televisão e um instrumento que é pouco referenciado pelos jornalistas, porque não é da profissão deles, que é a que chamamos de pedagogia de massas.

Analisando os depoimentos feitos por Stédile, percebe-se claramente a dificuldade que o MST tem de se relacionar com a imprensa. Os movimentos sociais, ligados à terra ou não, têm suas experiências reduzidas ao trato com a militância, usando a língua da revolução, a bandeira dos excluídos. Para o movimento é muito difícil partilhar das sutilezas do discurso político que tanto agrada aos jornalistas de uma forma geral. O marketing é o da guerrilha, a linguagem é bruta, faz parte do dia-a-dia da militância e do espírito “revolucionário” de transformação.

¹² João Pedro Stédile: Movimentos sociais não conseguem falar com o povo. **Entrevista ao Boletim NPC** (Núcleo Piratininga de Comunicação) n° 80, em dezembro de 2005, durante o 11º Curso Anual do NPC.

A imprensa, por comprometimento ideológico ou falta de conhecimento, não compreende este discurso; se compreende, não tolera, e, justamente neste ponto, caracterizamos um ciclo de comunicação completamente distorcido. A questão é: O MST é um comunicador tão incompetente quanto se diz? Será que um movimento tão competente em tantas outras ações ainda não conseguiu alguma estratégia de lidar com a imprensa de forma que atenda aos seus propósitos de visibilidade?

É difícil responder a estas questões com exatidão e clareza, resta-nos analisar o próprio discurso do movimento. Em entrevista de Ueudes Queiroz¹³, coordenador do MST no Extremo Sul da Bahia, podemos localizar algumas pistas de como o movimento age em relação à imprensa. Sobre a cobertura feita pelo Jornal A Tarde e a suposta intenção de gerar polêmica, Queiroz afirma:

Não é gerar polêmica, eu acho que é o debate, o debate para a gente difundir a necessidade de se fazer uma reforma agrária na Bahia e no Brasil. A ação que foi feita e eu acredito que a mídia fez o seu papel, que é aquilo que eu falei. Não, acho que, por exemplo, qualquer atividade que ela vá cobrir ela tem papel positivo por que vai gerar o debate, vai gerar a discussão na sociedade, e é útil. Por que a sociedade só vai saber que nós ocupamos a fazenda da Veracel se a mídia for. Por todo um processo de ignorância nós apanhávamos lá sozinhos. Ninguém sabia que nos tínhamos apanhado, nós tínhamos que vir para Salvador para dizer: - Nós apanhou lá, foi morto, foi preso...

Ao analisar os dois discursos, o de Stédile e o de Queiroz, percebe-se que, o depoimento de Queiroz revela muito mais a verdade da relação do MST com a imprensa. Enquanto Stédile se atém a questões gerais, Queiroz debate o dia-a-dia desta relação e registra a importância da imprensa para qualquer movimento social, independente do contexto veiculado. O que interessa ao MST é o debate a que a repercussão dos fatos na imprensa leva, prega Queiroz,

Os conceitos de Nestor Garcia Canclini sobre cultura e sociedade embasam alguns aspectos da discussão acerca do discurso do MST na mídia. Assim sendo, será exposta a forma como Canclini e outros autores procuram analisar as principais mudanças culturais nas sociedades latino-americanas.

¹³ Entrevista em março de 2007.

Para falar de social considera-se importante focalizar o popular e, por conseguinte, a cultura popular. Para conceituar cultura popular será preciso mais do que uma definição simplificada que a considera um conjunto de experiências adquiridas, criadas e recriadas tendo como base suas tradições, costumes, modos, valores, crenças, expressões artísticas, ideias, ações do cotidiano e conhecimentos. A definição, se é que ela existe de forma consensual, deverá resultar de uma análise do seu amadurecimento histórico e da sua importância contemporânea sob uma ótica multidisciplinar.

Em primeiro lugar, é preciso reafirmar a diversidade conceitual de cultura. Muitos autores tentam defini-la, poucos concordam entre si, mas, apenas através de uma incursão diversificada pode-se ter noção do significado de cultura. O popular atenta diretamente a povo, e este, para o qual também não existem uma definição precisa, tem sua essência no conjunto de cidadãos de um país.

Esta pesquisa discutirá os conceitos atuais de cultura, principalmente os que discordam das teorias essencialistas que distinguem claramente cultura popular e erudita, considerando-as independentes e estagnadas. Para Roger Chartier, este conceito traz uma visão elitista ou exótica, marginal, insuficiente da cultura popular. O autor elenca duas tendências conceituais, dois modelos de descrição e interpretações,

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1995, p.1)

Para Canclini, a dificuldade de conceituar algo tão vivo e tão “pessoal” quanto a cultura de um povo se comprova nas seguintes observações: primeiramente, pode-se produzir uma equivalência entre culturas, entretanto, não se poderá dar conta das distinções entre elas, principalmente quando as diferenças se transformam em desigualdade. Finalmente, quando se amplia o conceito de cultura para todos os fazeres humanos, ela não dá conta da hierarquização desses fazeres e o peso

distintivo que possuem dentro de uma determinada formação social (CANCLINI, 1983, p. 28).

Canclini (1983) propõe o uso do termo cultura da seguinte maneira,

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (Canclini, 1983, p. 29).

Apresentam-se duas imagens antagônicas do mesmo objeto, uma cultura independente, isolada e auto-suficiente, outra cultura ambientada e dependente das estruturas de poder e definida pela deficiência da legitimidade cultural. Esta dualidade tem sido base para o estudo cronológico da cultura no século XVII, tomando como marco o momento de transição entre a cultura popular rica e independente e o embate posterior que teve como regra a censura e coação e, como resultado, o desmonte e a desqualificação da própria cultura. No entanto, é preciso salientar que esta ruptura esteve situada, principalmente, na porção ocidental da Europa, onde a trajetória histórica, política e social muito difere na realidade das Américas e países do terceiro mundo. Para Chartier (1995),

Não é possível aceitar sem nuances a periodização clássica que vê na primeira metade do século XVII um momento de corte maior, de contraste muito forte entre uma idade de ouro, onde a cultura popular teria sido viva, livre, profusa, e uma época regida pela disciplina eclesial e estatal, onde ela teria sido reprimida e subjugada. Este esquema pareceu pertinente quando se tratava de dar conta da trajetória cultural da Europa ocidental: após 1600 ou 1650, as ações conjugadas dos Estados absolutistas, centralizadores e unificadores, e das Igrejas das Reformas protestantes e católica, repressivas e aculturantes, teriam abafado ou recalçado a exuberância inventiva de uma antiga cultura do povo. Ao impor disciplinas inéditas e novas submissões, ao inculcar novos modelos de comportamento, os Estados e as Igrejas teriam destruído em suas raízes e seus antigos equilíbrios um modo tradicional de ver e de viver o mundo. (CHARTIER, 1995, p.2)

Muchembled (1978 *apud* Chartier, 1995, p.2) "A cultura popular, tanto rural como urbana, sofreu um eclipse quase total na época do Rei-Sol. Sua coerência interna desapareceu definitivamente. Nunca mais poderia constituir um sistema de sobrevivência, uma filosofia da existência".

Já Burke (1989, p. 37) afirma que a cultura popular na Idade Média, em decorrência das lutas das elites "para mudar as atitudes e valores do resto da população" e "para

suprimir, ou ao menos purificar, vários elementos da cultura popular tradicional"; apresentou uma ruptura na cultura tradicional daquela época. Esta secção teve como consequência a rejeição de uma cultura anteriormente comum a todos, que, segundo o autor, teve como resultado: "Em 1500, a cultura popular era a cultura de todo mundo; uma segunda cultura para os instruídos e a única cultura para os demais. Por volta de 1800, contudo, em muitas partes da Europa, o clero, a nobreza, os comerciantes, os homens de ofício — e suas mulheres — haviam abandonado a cultura popular, da qual estavam agora separados, como nunca antes, por profundas diferenças de visão de mundo."

Outro fator de metamorfose cultural foi incontestavelmente o surgimento da cultura de massa, onde a nova forma de comunicação midiática se sobrepunha ao antigo sistema de oralidade comunitária, festividade folclórica, que era fruto de uma cultura criativa, agregadora e livre em sua transmissão de conhecimento. Felizmente a cultura parece apresentar uma faceta de indestrutibilidade, além de, sem sombra de dúvida, uma alta capacidade de mutação e sobrevivência.

Parece imperativo reconhecer que mais importante do que os grandes cortes históricos da cultura são as formas de sobrevivência desta mesma cultura. Na realidade, os meios parecem ter a importância dos resultados, as formas de resistência e existência de identidades que, tiveram que se afirmar e se reproduzir para se perpetuar.

Ao atentar para o continente americano no século XIX percebe-se que, além de um ou dois séculos de existência, a trajetória cultural também difere quando se trata do processo de mutação, que, ao contrário do antigo continente, não tinha uma fronteira tão demarcada entre cultura letrada e cultura popular. Segundo Hall (1990 *apud* Chartier, 1995, p.5),

... de um lado, a "cultura pública compartilhada" do início do século XIX não era isenta de exclusões, clivagens internas e concorrências externas; de outro lado, a "mercadorização" dos bens simbólicos aparentemente mais estranhos ao mercado e a captura pela cultura comercial de massa dos signos e valores da legitimidade cultural preservaram um forte intercâmbio entre cultura letrada e cultura popular.

Este debate sobre cultura erudita e cultura popular perpetua-se até os dias atuais, sendo discutidos e analisados sob óticas diversas e realidades distintas. Já no século XX, percebeu-se a permanência do ambiente de dominação e resistência, que Canclini afirmava ter como força motriz a desigualdade social. Quando refere-se à desigualdade social leia-se: apropriação desigual dos bens econômicos e culturais, elaboração própria de suas condições de vida e uma satisfação específica de suas poucas carências e a apropriação dos bens como elo de ligação entre as classes populares com as hegemônicas.

Para Cartier (1995), o principal não reside na delimitação histórica da cultura – início, meio e fim – e sim na análise de como se dá o relacionamento entre as forças aculturantes e as estratégias dos setores subalternos em resistência. Ao pensar essas estratégias o autor remete-se aos usos dos discursos e dos objetos quando relacionados com o popular,

É portanto inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. Não se pode mais aceitar acriticamente uma sociologia da distribuição que supõe implicitamente que à hierarquia das classes ou grupos corresponde uma hierarquia paralela das produções e dos hábitos culturais. (CHARTIER, 1995, p.6)

Para compreender a conceituação teórica de autores como Canclini, Barbero, Gramsci, entre outros que, a partir de agora, serão mais frequentemente abordados, optou-se por uma breve retrospectiva teórica a respeito dos pensamentos no campo da cultura.

A partir de 1960, sob a orientação teórica da Escola de Frankfurt, foram oficializados os laços entre economia, política e comunicação com base nos conceitos de ideologia e manipulação. Já na década de 1980, as temáticas há muito abordadas pelas obras de Gramsci pautavam as discussões sobre a capacidade de resposta das classes subalternas, afirmando a resistência destas classes em contraponto à função de dominação da classe hegemônica. Segundo Gramsci, o receptor popular resiste e persiste nos locais de dominação delimitando seu local de resistência.

No início da década de 1990, enfatiza-se na sociedade o impasse deste ambiente de dominação e resistência. Era preciso repensar e debater a atividade negociação/apropriação, principalmente sob a ótica da função Cultura de Massa/Cultura Popular.

Barbero (1989) afirma a necessidade de construção de um modelo de análise, capaz de observar a cultura como mediação social da comunicação com o popular. Para isto, é preciso questionar-se “sobre a capacidade das comunidades para transformar o que vêem em outra coisa e para vivê-la de outra maneira.” (BARBERO, 1989, p.24)

Ainda segundo Barbero, esta perspectiva só se revelará na teoria feita a partir de pesquisas empíricas, uma vez que só o trabalho de campo – realidade - pode perceber aquilo que não está descrito nas matrizes conceituais e métodos.

Berger (2003) acrescenta,

Por um lado, a questão popular desemboca no campo da cultura; por outro, no campo político. Sem dúvida, ambas cruzam-se logo a seguir, tornando-se indistintas. A Cultura Popular circula por entre o massivo, o tradicional, o moderno, o local, o nacional e o transnacional, expressando o próprio e reconstituindo o alheio num incessante jogo de interações entre as classes hegemônicas e subalternas. (BERGER, 2003, p.85)

Sob esta ótica, encontram-se os movimentos sociais, engajados politicamente no projeto de transformação social. E é justamente através destes que podemos perceber a sobrevivência ideológica e a cultura popular expressada e reproduzida.

Os movimentos sociais existem, também, como consequência de uma sociedade desigual, que demanda um tipo de organismo social de reivindicação e luta. A cultura nos movimentos sociais se expressa através do conflito e da solidariedade; da carência, da escassez e da falta, e é justamente esta cultura que se potencializa em um organismo de resistência. Para Canclini (1989, p.259),

As interações entre hegemônicos e subalternos são cenários de luta, mas também onde uns e outros dramatizam as experiências de alteridade e de reconhecimento. O confronto é um modo de encenar a desigualdade (enfrentamento para defender o próprio) e a diferença (pensar-se através do que desafia).

Berger (2003) acrescenta,

A mediação da cultura e da política é parte do processo de comunicação que dá identidade aos movimentos e permite a interregulagem dos diversos interesses e, então, destes com a sociedade. É pela comunicação pública que outros campos sociais conhecem, formam opinião, elaboram argumentos e dialogam com os movimentos sociais. (BERGER, 2003, p. 86)

Para inserir o MST neste contexto, é preciso observar as declarações do movimento camponês nas suas relações com a mídia, principalmente quando consideradas as matérias de cobertura jornalística que apresentam especificidade pelas temáticas predominantemente voltadas ao campo.

Quando se focaliza o MST, depara-se com uma questão conflitante e de difícil compreensão: o movimento afirma que é discriminado pela mídia e que suas mensagens são deturpadas. Ao tempo em que este debate se propaga, cria-se maior visibilidade, permanecendo em pauta o movimento e suas ações.

Em muitos momentos percebe-se, por parte dos líderes do movimento, um discurso comunicativo no modelo de controle estratégico, defendido por Goodall Jr e Eisberg (1995). Stedille, muitas vezes ambíguo, numa única mensagem é capaz de alcançar muitos objetivos, por exemplo: mobilizar os militantes, conseguir visibilidade na mídia, provocar debates na sociedade e ainda apavorar os latifundiários.

É preciso considerar que as escolhas comunicativas não têm motivação única. Espera-se que os outros quebrem as “regras” comunicativas de clareza e honestidade quando é do seu maior interesse agir assim. Com isso não se questiona a honestidade do movimento e seus líderes, pretende-se mostrar que em todo processo de comunicação as intenções nem sempre são claras.

Percebe-se a ocorrência de um investimento em imagem organizacional, comunicação direcionada e uso de estratégias que, ao final do processo, busca verdadeiramente o alcance de objetivos políticos e organizacionais.

Para análise da comunicação estratégica citada no parágrafo anterior, a concepção de Bourdieu acerca do processo de produção dos discursos políticos, demonstra o equívoco de se considerar o conteúdo destes discursos como uma verdade única. Segundo o autor, o discurso vem como consequência do meio em que é situado, é o ambiente onde se dão as disputas políticas que pautam o conteúdo estrategicamente produzido dependendo das necessidades internas e externas do próprio campo político, bem como do campo do conhecimento, objeto de discussão entre os cientistas (geógrafos, historiadores, etnólogos, economistas e sociólogos).

A veracidade e a autenticidade de um discurso, muitas vezes, não dependem de seu conteúdo propriamente dito e, sim, de sua capacidade de despertar nos ouvintes a noção de que o que se diz é verdadeiro. É a capacidade de convencimento e de comoção que transforma o discurso em um poder simbólico, como afirma o autor,

O poder simbólico como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer e fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo: poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p.14).

Em outro texto, ele diz:

Mas o efeito de conhecimento que o facto da objectivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige. (BOURDIEU, 2001, p. 117).

Para o autor, as ideias e representações que constituem a subjetividade dos agentes sociais podem ser denominadas, de uma forma mais ampla, de “habitus”. A compreensão do conceito de *habitus* é condição *sine qua non* para a compreensão da teoria sociológica de Bourdieu que conclui,

...- o habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o habitus, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em acção: tratava-se de chamar a atenção para o <<primado da razão prática>> de que falava Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeriria nas Teses sobre Feuerbach, o <<lado activo>> do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do <<reflexo>>, tinha abandonado. (BOURDIEU, 2001, p. 61).

Desta forma, o *habitus* funcionaria como um fator delimitador da conduta humana, uma vez que, ao agir, o homem não seria influenciado unicamente pelas estruturas

objetivas – ideais ou materiais – e sim pelo *habitus*, ou seja, pela bagagem de ideias e representações que adquiriu ao longo de sua trajetória no espaço social.

Outro conceito para compreensão das ideias do autor é o que se refere à noção de campo. Esta perspectiva de campo possibilita a segmentação e a análise das inter-relações entre os diversos campos: político e social, rural e jornalístico, etc. Bourdieu desenvolve seu pensamento da seguinte forma,

Com a noção de campo obtém-se o meio de aprender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade. Pode-se exigir da monografia mais idiográfica proposições gerais sobre o funcionamento dos campos e pode-se levantar, a partir de uma teoria geral do funcionamento dos campos, hipóteses muito poderosas sobre o funcionamento de um estágio particular de um campo particular. (BOURDIEU, 1990, p. 171).

Retornando à análise do discurso político, Bourdieu considera que os discursos políticos são produtos das lutas simbólicas que os agentes sociais travam entre si no campo político, assim sendo, a luta simbólica não é outra coisa senão a luta pela conservação ou pela transformação do mundo social por meio da visão deste mesmo mundo ou, mais precisamente, por meio da transformação ou da conservação dos sistemas de classificação e das instituições que contribuem para perpetuar a classificação em vigor, legitimando-a. Segundo o autor, “poder propriamente simbólico de fazer ver e fazer crer, de predizer e de prescrever, de dar a conhecer e de fazer reconhecer” (BOURDIEU, 1989, p.174)

Esta pesquisa considera que o jornal, como qualquer bem cultural (material ou simbólico) pertencente às diferentes classes sociais, é revelador dos valores, preocupações e interesses de grupos sociais. Segundo Orlandi apud Berger,

Tomar a palavra é um ato social com todas as implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc. (ORLANDI, 1988, p.17 apud Berger, 2003, p. 20)

Os veículos de comunicação, como entidades empresariais, estão diretamente vinculados ao processo capitalista, incluindo-se o capital simbólico, considerado por Bourdieu superior a todos os outros, por dar sentido ao mundo e transitar livremente por todos os campos.

Como anteriormente dito, o capital simbólico obtém capacidade de convencimento e transferência de realidades, onde a credibilidade é o principal diferencial. Assim

também pode ser descrito o campo jornalístico que, através da informação dada, lança mão de todo o seu poder de persuasão, utilizando-se para isso de meios que indiquem credibilidade: testemunhos, provas, fotos, etc.

A estratégia de comunicação do MST, nitidamente, demonstra o objetivo de conquistar simpatia, credibilidade e confiança do seu público, e desta forma, o poder simbólico através da influência político-social. Para Bourdieu,

as propriedades (objetivamente) simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador (BOURDIEU, 2001, p.112).

Não existem respostas simples nos estudos de comunicação. Em ambos os agentes estudados (Mídia e MST), é nítida a preocupação com a imagem organizacional, com a comunicação direta com os respectivos públicos-alvo e com o uso de estratégias e modelos de comunicação buscando atingir os objetivos estratégicos organizacionais.

Desta forma, conclui-se que o MST precisa evidenciar suas reivindicações, torná-las fotografáveis e oferecer à mídia elementos que confirmem sua natureza. À mídia, cabe reproduzir o presente, e quanto maiores comprovações do fato houver, maior será sua credibilidade já que a notícia é a produção do acontecimento pela linguagem.

Ainda de acordo com Dijk (2004), existem esquemas que descrevem a forma global de um discurso, que muda em função do tipo de texto. No caso das matérias jornalísticas veiculadas no jornal estudado, é preciso levar em consideração que o mesmo está inserido em uma cultura onde pouco se pode diferir de uma prática nacional de redação jornalística. Assim sendo, percebe-se a existência de um “esquema de notícias, no qual os tópicos gerais ou o conteúdo devem ser inseridos”.

Assim como o discurso político vem como consequência do meio em que é situado e é o ambiente onde se dão as disputas políticas que pautam o seu conteúdo, a matéria jornalística não pode ser considerada de forma isolada, como um reflexo do fato descrito e isenta do ambiente em que foi criada conforme Dijk (2004),

Obviamente, há condições sociais, culturais e cognitivas sobre tais propriedades organizacionais das mensagens da mídia. Em outras palavras,

assumimos que há uma relação sistemática entre texto noticioso e contexto. Assim, parece plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto de notícia não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais. (DIJK, 2004, p.123)

Não é possível dissociar o estudo do discurso na mídia da sua realidade sociopolítica. Como verificou-se através dos autores citados anteriormente, a mídia, de forma alguma, pode ser dissociada das relações de poder e classes. Ainda recorrendo a Dijk (2004),

Comum à maior parte dos estudos da notícia é a perspectiva sociológica, quaisquer que sejam as diferenças nos quadros reais de análise. Pode-se tratar de uma perspectiva macrossociológica, interessada no institucional, profissional e cultural da produção da notícia. Ou uma análise microssociológica dos hábitos jornalísticos, tomando como dados as regras práticas e os valores ou ideologias da notícia que governam as atividades diárias de jornalistas na coleta e redação da notícia. E, quando se presta atenção a conteúdo, forma e estilo, tal análise é primeiramente voltada para a avaliação de dimensões sociais ou culturais da mídia e comunicação de massas, como entrevistas, engaste institucional ou orientação ideológica de jornalistas ou jornais. (DIJK, 2004, p.124)

O discurso jornalístico também é composto pela união de várias linguagens: a linguagem verbal escrita, a fotográfica, a gráfica e a diagramática. Sobre o processo produtivo do texto jornalístico (FAUSTO NETO apud BERGER, 2003, p.49) diz,

Sabe-se que o processo de construção da realidade não é inteiramente livre, no qual o jornalista é meramente um observador, e nem a notícia emerge livremente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjugação de acontecimentos e textos.

Evidentemente que as notícias correspondem a índices do real, porém os procedimentos estratégicos adotados pelo jornalista para narrar fazem com que eles não sejam livres para escolher as formas: as narrativas são elaboradas através de metáforas, exemplos, frases feitas e imagens, ou seja, símbolos de condensação. Fórmulas antigas são reatualizadas, transformam acontecimentos em notícias. Portanto, os procedimentos estratégicos de construção da notícia são anteriores à voluntariedade do jornalista. São as “rotinas produtivas” que condicionam, dentre outras coisas, o chamado exercício profissional, na medida em que estruturam e fazem operar a lógica produtiva da organização informativa.

Esta pesquisa parte do entendimento de que o jornal, como qualquer bem cultural (material ou simbólico) pertencente às diferentes classes sociais, é revelador dos valores, preocupações e interesses de grupos sociais.

Pode-se afirmar que a mídia é produto de um sistema de linguagem humana, assim sendo, a mídia tem como resultado a produção de sentidos e dos sentidos. Algumas vezes estas “impressões” se formam de maneira não intencional, outras tantas,

como ferramenta de transformação ideológica, política e cultural. Pinto (2002) defende a ideia que define o discurso como cooptação e sedução:

Todo discurso é um simulacro interesseiro, produzido com o objetivo de se conseguir dar a última palavra na arena da comunicação, isto é, de ter reconhecido pelos outros as representações, identidades e relações sociais construídas por seu intermédio". (PINTO, 2002, p. 88).

Na análise deste processo de sedução deve-se ter como ponto de partida o jornalista como ator e mediador social. É preciso considerar o momento da construção do sentido através do que ele escreve, para quem escreve e quais as condições da produção deste texto, o que nos remete aos editores e proprietários dos meios de comunicação que funcionam como filtro do que é produzido pelos jornalistas. Considerar-se-á a mídia, no caso deste estudo, o Jornal A Tarde, como articulador de sentidos, distribuidor de interesses, um sedutor discursivo, e, conseqüentemente, agente transformador.

Observaram-se os elementos enunciativos e discursivos, para conseguir perceber uma parte, quem sabe o todo, da carga de sentido presente nessas matérias jornalísticas utilizadas para disseminação de uma postura político-ideológica para direcionar o leitor no entendimento de algumas ideias.

Por tratar-se do objeto movimento social e pela proposta de estudar a sua repercussão na mídia, seria no mínimo empobrecedor considerar, apenas os aspectos textuais, principalmente quando o ambiente sociopolítico é tão complexo como a história da luta pela terra no Brasil.

2 O HOMEM E SEUS MOVIMENTOS

O estudo de um tema tão rico quanto à relação dos movimentos sociais com a mídia é uma tarefa desafiadora. Este trabalho não propõe uma análise profunda do fenômeno, considerando que seria preciso muito mais do que uma dissertação de mestrado para abarcar todas as informações e considerações sobre este campo tão importante do processo político atual. Será apresentado, de forma resumida, um perfil dos movimentos sociais ligados à questão agrária e sua importância, no intuito de situar e ambientar o MST, na tentativa de compreender sua trajetória e sua ação.

Ao focalizar os estudos latino-americanos sobre o popular, Canclini (1989) aponta claramente três direções: a antropologia (comunidades tradicionais), o folclore (objetos e tradições); e a ação política (processo de conscientização). Esta fragmentação inicial serve como ponto de partida para este estudo, já que se pretende utilizar a terceira direção como linha de análise dos movimentos sociais na tentativa de aclarar as relações entre o monopólio econômico e a mídia.

2.1 CAMPESINATO

Ao decidir estudar os movimentos sociais da terra deve-se atentar para alguns conceitos primários os quais poderão apontar caminhos e vertentes de um tópico sujeito a tantas interpretações e reinterpretações. Primeiramente deve-se definir, de forma mais concisa possível, o camponês, foco principal desta pesquisa. Segundo Vanderlinde (2007, p. 47),

Problematizar sobre o camponês pode nos levar a priori a idéia de alguém que tem um sítio, uma colônia, que integra uma família que cultiva uma parcela de terra, sendo que sua presença pode ser detectada em muitas regiões do Brasil. Mas o camponês também é o colono, que pode ser morador ou parceiro cultivador que possui uma roça dentro da grande propriedade. Há também posseiros que se enquadram nesta categoria, que seriam os habitantes das chamadas terras livres, que embora palco de numerosas lutas sociais pela posse da manutenção da posse da terra, não tem impedido que eles produzam para auto-subsistência e, eventualmente, para mercados em diversos pontos do país.

O camponês é aquele que se contrapõe às ações que visam sua discriminação em detrimento de interesses financeiros. Para Almeida (2003, p.24),

Família, trabalho e terra são categorias centrais do mundo camponês, basicamente porque uma não tem sentido sem a outra, e, mais, delas é que valores como a moral, a liberdade, a comida, a autonomia extraem seu sentido e dão ao campesinato uma sociabilidade completa. Ser camponês é ser uma pessoa por inteiro e única, que no assentamento é reconhecida pelo nome, pelo apelido, pelo estilo de vida que expressa o *habitus* não como contradição, mas como manutenção, renovação e inovação.

Para se compreender o movimento camponês e suas nuances é preciso levar em consideração que os problemas do campo são muito diferentes dos urbanos, principalmente em relação às questões capitalistas de produção, uma vez que no campo as relações de trabalho se diferenciam em muito de uma região para outra. A análise das lutas de classes no campo não se restringe à costumeira luta burguesia x assalariados, o camponês não é nem burguês nem assalariado, mas possui características das duas classes.

Para Margarida Moura, o campesinato no Brasil tem desempenhado um “ofício subalterno”, mesmo assim, tem demonstrado a capacidade de adaptar-se e transformar-se nos mais diferentes contextos. Desta forma, “é mais correto falar em recriação, redefinição e até diversificação do campesinato do que fazer uma afirmação finalista”. (MOURA, 1986, p. 17).

Entretanto, para Moura, esta adaptação/recriação não tem como consequência a perda de identidade camponesa, até porque o campesinato tem características específicas, entre as quais a autora destaca:

O fato de o camponês controlar terra no capitalismo sem ser possuidor de capital, na acepção marxista da palavra; (...) o fato de o camponês trabalhar com a ajuda da família, à qual não remunera segundo a ótica capitalista, isto num mundo marcado pelo contrato individual de trabalho e pelo pagamento em salário das tarefas desempenhadas. E o fato de o camponês lutar por formas culturais e sociais próprias de organização, sem ser ou poder se concretizar como outro povo, outra cultura, estranhando, mais do que recusando a sociedade abrangente que o contém e circunda. (MOURA, 1986, p.8)

O processo de amadurecimento do campesinato acontece como parcela autônoma da sociedade, autonomia no sentido literal de “faculdade de se governar por vontade própria”. Este caminho rumo à autonomia pode ser percebido através da

transformação do campesinato em sujeito social com identidade própria; auto-representação na política através de seus movimentos e respectivos líderes; compreensão de que seus principais problemas têm sua razão no arrolamento do capitalismo e não em razões religiosas ou naturais; e finalmente, no respeito pela própria diversidade comprovado pela grande quantidade de setores dentro do próprio campesinato, que lutam pela defesa das diferenças étnicas, religiosas, de gênero. (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 107).

A constante recriação e resistência é perceptível no decorrer da história da sociedade mundial, quando o movimento camponês se caracterizou como uma força “revolucionária” e, muitas vezes armada, nas batalhas da História.

Neste momento, faz-se necessário elencar não só as conceituações teóricas a respeito dos camponeses, mas também, a sua importância histórica nas revoluções através do mundo, o que demonstra que os movimentos sociais do campo não se restringem ao hoje, nem ao nosso “quintal”, e sim a uma parcela da sociedade mundial que se organiza e resiste através do tempo. Para Wolf apud Almeida (2006),

o campesinato não só como uma incógnita no sentido de sua permanência na cena da história, como também pela sua decisiva participação nas revoluções que abalaram o século XX: mexicana (1910), russas (1905 e 1917), chinesa (1921 em diante), vietnamita (1961), argelina (1954) e cubana (1958). (ALMEIDA, 2006, p.83)

De acordo com a obra de Morissawa (2001), *A história da luta pela terra e o MST*, será descrito, neste momento, o aspecto histórico das lutas pela terra . No entanto, não se pretende mergulhar em minúcias históricas, e sim, tratar de forma concisa a participação dos camponeses na historia mundial, tentando assim, situar o ponto de vista camponês:

- Guerras Camponesas na Alemanha (1525): Estimulados pelas pregações de Lutero, os camponeses fundaram o Partido Revolucionário. Em 1517, aliados - protestantes e revolucionários- atacaram instituições da Igreja com o intuito de destituir o clero católico. A Alemanha estava em plena guerra civil quando Lutero uniu-se aos poderes dominantes para combater o que chamavam de “hordas assassinas de camponeses”.

- Revolução Mexicana (1910): Liderados por Emiliano Zapata, os camponeses se organizaram e fizeram a Revolução Mexicana que tinha como objetivo a recuperação das terras que haviam sido tomadas de seus ancestrais durante o período colonial do século XIX, lutando contra as agroindústrias mecanizadas e defendendo a volta do antigo sistema indígena de parcelamentos. A Reforma Agrária Mexicana propriamente dita, só se constituiu em 1934, durante o governo de Lázaro Cardenas, deixando um saldo de um milhão de vidas de camponeses sacrificadas, inclusive, do próprio Emiliano Zapata.
- Revolução Russa (1917): No começo do século XX, a Rússia era um grande país feudal, com 80% da sua população vivendo no campo em uma situação de extrema pobreza. Na madrugada de 7 de novembro de 1917, o Partido Bolchevique, liderado por Lênin, Trotsky e Stálin, com a participação de soldados e camponeses, tomou São Petersburgo e Moscou. O proletariado estava no poder. Nasce a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a primeira nação socialista do mundo, reunindo os territórios que pertenciam ao Império Russo.
- Revolução Chinesa (1949): Na primeira etapa da revolução, a nova democracia de Mao Tse-tung expropriou as grandes e médias propriedades rurais e distribuiu-as entre os camponeses. A Reforma Agrária deu terra a milhões e milhões de pessoas. Houve um notável movimento educacional, que alfabetizou centenas de milhares de adultos. Foram organizadas grandes cooperativas, as chamadas *comunas rurais*, onde, além do aumento da produção, pretendiam a instalação de pequenas indústrias, escolas e hospitais.
- Revolução Cubana (1959): No final de 1958, instaurou-se uma greve geral contra o governo de Fulgêncio Batista nas principais cidades cubanas. Os guerrilheiros de Castro tomam Havana em 1o de janeiro de 1959 e decretaram o Governo Revolucionário. A primeira medida do novo governo foi uma reforma agrária radical. Todas as terras dos latifúndios foram tomadas e distribuídas aos camponeses. Os bancos e as minas foram nacionalizados.
- Chile - O Golpe (1973): O Chile tem uma história inversa. A Unidade Popular, como era chamado o governo de Allende, tinha como projeto de governo a reforma agrária, estatização dos bancos, aumento de salários, medidas para erradicar a desnutrição infantil, investimentos em saúde e educação, etc. Em 1973, um golpe sangrento levou os militares ao poder. Salvador Allende foi

assassinado no palácio do governo, os chilenos foram perseguidos e mortos. Instaurava-se a ditadura militar comandada pelo general Augusto Pinochet, o mesmo que chefiou o golpe.

- Nicarágua (1978): Desde sua independência da Espanha em 1838, a Nicarágua era considerada como mais um “quintal” dos Estados Unidos. Esta realidade se estendeu até 1926 quando Augusto César Sandino, revoltado com as intervenções americanas, criou um movimento de guerrilha em resistência. Os guerrilheiros derrotam a Guarda Nacional e tomam o poder em julho de 1979; uma junta formada por sandinistas e setores liberais assume o poder. A revolução, que recebeu um forte apoio no mundo inteiro, iniciou a reforma agrária e urbana da propriedade, a cruzada pela alfabetização, e a diminuição da mortalidade infantil.
- Brasil (Uma Breve Retrospectiva): no Brasil Colônia até 1800: índios lutavam pelas terras contra os portugueses, dentre eles os bandeirantes; os negros lutavam pelo direito à terra e pela liberdade, surgindo os Quilombos; no final do século XIX até o início do século XX: movimentos camponeses “messiânicos” (Canudos – Antonio Conselheiros; Contestado - Monge Maria); nas décadas de 30 e 40: posseiros lutavam por suas terras com armas em punho, em lutas violentas, em diversas áreas do país; 1950 até 1964: os movimentos sociais se organizaram, criando as Ligas Camponesas, as ULTABS¹⁴ e o MASTER¹⁵. Como em todos os movimentos sociais e estudantis da época foram combatidos pela ditadura militar e seus líderes presos, torturados e mortos.

Finalmente, os grandes movimentos sociais, cuja constituição era o operariado, conquistaram neste último século uma “transformação radical” na estrutura social e política dos países em que se organizaram efetivamente, mas não o fizeram sem a promessa de reforma agrária.

¹⁴ União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

¹⁵ Movimento dos Agricultores Sem Terra

2.2 MST

Para narrar a história do MST, é preciso falar um pouco da Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹⁶ e das Ligas Camponesas¹⁷, movimentos que viabilizaram e prepararam terreno para o surgimento do MST. Segundo Morrisawa (2001),

O espaço aberto para esse processo foi a CPT, sem a qual, em anos de ditadura, o Movimento não teria nascido ou talvez demoraria ainda muito tempo para surgir. (Morrisawa, 2001, p. 123)

O MST surge em meados dos anos 70, situando-se inicialmente no sul e sudeste do Brasil, expandindo-se posteriormente por todo o país. O MST teve seu marco inicial no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Atualmente está organizado em 22 estados, e tem os mesmos conceitos e metas definidas no Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela Reforma Agrária, pela terra e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores. (MORRISAWA, 2001).

Apesar de o marco de criação do movimento estar determinado como janeiro de 1984, existem muitas experiências anteriores que colaboraram e/ou determinaram o surgimento do mesmo. Não se pode esquecer que a luta pela terra e pela qualidade de vida dos trabalhadores rurais não foi “inaugurada” pelo MST. Muito antes, a Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, que reunia os sindicatos e outras associações, mantinha uma articulação nacional e direcionava as lutas no campo brasileiro. Segundo Porto-Gonçalves:

Foi em torno dessa identidade de *trabalhadores rurais*, de *trabalhadores na agricultura*, sobretudo depois de 1968 quando os setores ‘mais combativos’ sob influência do Partido Comunista retomaram a entidade que estava sob intervenção do regime ditatorial desde 1964, que as lutas no campo brasileiro mantiveram uma articulação à escala nacional. Assim, foi por meio

¹⁶ Comissão Pastoral da Terra (CPT) é um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), vinculado à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz e nascido em 22 de junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela CNBB e realizado em Goiânia (GO).

¹⁷ As ligas camponesas constituíam uma entidade que organizava os camponeses em torno da luta pela reforma agrária, no sertão pernambucano. Foi o movimento mais importante pela reforma agrária no Brasil até o golpe de 64. Sua origem remonta às antigas Ligas Camponesas da década de 1930, originárias da ação do Partido Comunista do Brasil no campo.

dos sindicatos e da Contag que uma construção simbólico-política identitária de *trabalhadores rurais* se afirma nacionalmente se impondo sobre a enorme diversidade geo-socio-cultural de nosso mundo rural.

Segundo Morissawa, o MST tem sua origem ideológica nas ligas camponesas pré-golpe de 1964. Para isso, justifica,

O MST foi buscar a ponta do novelo que ficou perdida desde o aniquilamento das Ligas Camponesas pelo militares em 1964. Podemos dizer que a história das Ligas tem sua continuidade no MST. Por quê? Essencialmente porque elas, tal como o MST, constituíram um movimento independente, nascido no próprio interior das lutas que travavam pela terra. (Morissawa, 2001, p.120).

Por outro lado, Martins (2004) questiona a ideologia dos movimentos de luta pela terra como nascidos em meio aos próprios trabalhadores rurais. Afirma que no período pós-ditadura, o discurso da reforma agrária:

Correspondia muito mais a uma visão dos problemas sociais de setores radicais da classe média, na esquerda e também na direita, do que propriamente ao que pensavam e pensam, e precisam, as diferentes e desencontradas categorias de trabalhadores rurais: meeiros, parceiros, posseiros, minifundistas, braçais temporários ou permanentes. Não por acaso, o vocabulário dessas lutas, como agrário, camponês, latifundiário, burguesia, etc., é um vocabulário ausente do nosso mundo rural, palavras que não expressam de fatos conflitos e as polarizações sociais, que fluem de outro modo e por outros modos de tomar consciência da luta é diversa da consciência das contradições sociais. O vocabulário da luta não coincide com o vocabulário da vida, o que quer dizer que a consciência da luta é diversa da consciência de quem quer dirigir a luta. (MARTINS, 2004, p.75)

Estas são apenas duas das muitas visões sobre os movimentos sociais da terra, principalmente o MST no que diz respeito às suas bases sociais. Outra questão citada por MARTINS é justamente o tipo de relação que o trabalhador rural mantém com os meios de produção na terra, citando meeiros, posseiros, etc.

São muitos os modelos de obtenção de renda da terra em produto na agricultura brasileira, categorias que foram surgindo regionalmente e que se tornaram uma realidade muito comum na vida rural.

Os meeiros, como o nome sugere, são camponeses que dividem o produto do seu trabalho com o proprietário da terra. Considerado como um personagem social típico e comum na agricultura, o meeiro geralmente trabalha com a família na terra divide,

de acordo com um acordo oral ou contratual prévio, o produto deste trabalho com o proprietário rural.

Os parceiros ou arrendatários são aqueles que pagam, ou em produto, ou em dinheiro para poderem produzir na terra. Essas relações comerciais são muito frequentes, muitas vezes o proprietário não apenas “aluga” a terra, mas financia o arrendatário ou avaliza o empréstimo em uma instituição financeira. O parceiro geralmente dá como garantia o produto do seu trabalho, que fica penhorado. Assim sendo, o trabalhador endividado não pode vender seu produto sem a autorização do credor.

Existem, também, aqueles camponeses que não se adequam aos modos de divisão de lucros ou pagamento de “aluguéis” e se estabelecem em terras devolutas, públicas ou mesmo privada: os camponeses posseiros que representam uma grande parcela de agricultores no país. Muito já se ouviu falar dos posseiros, seja por Canudos, Contestado, Trombas e Formoso e muitas outras histórias das lutas contra a opressão no campo. Eternas vítimas de jagunços, latifundiários especuladores e grileiros¹⁸, os posseiros sempre se colocaram como uma força de mobilização, resistência e construção social.

Os minifundistas são justamente os pequenos proprietários, o pedaço de terra é geralmente tão pequeno que mal dá para o sustento da família, podendo ser de propriedade ou posse. Esses pequenos proprietários são muito conhecidos como base da agricultura familiar no campo brasileiro.

Os trabalhadores braçais temporários ou permanentes são considerados a forma mais comum e frequente no campo brasileiros. São homens, mulheres e, em muitos casos, crianças que trabalham em terras de outrem contratados de forma efetiva ou por um determinado tempo.

18 Conforme a Enciclopédia Livre Wikipédia, Grileiro é o nome designado a pessoas que se apossam de terras de forma ilegal por meio de documentos falsificados. O termo vem da técnica usada por tais pessoas, que colocam escrituras falsas dentro uma caixa com grilos que deixam os documentos amarelados e roídos dando-lhes uma aparência antiga e com isto mais verossímil. In <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Grileiro>> [Acessado em 09/09/09]

Atualmente o MST e a Contag, ambos com suas estruturas de poder bem definidas, disputam pela representação política dos trabalhadores rurais e definem a agenda das ocupações e outras formas de reivindicação na luta pela terra. O governo age como mediador nesta relação competitiva pelo poder de representar esta parcela dos trabalhadores da sociedade brasileira.

Nos 25 anos completados em janeiro de 2009, o movimento apresenta números de aproximadamente 370 mil famílias assentadas e de 130 mil famílias acampadas em todo o Brasil, além de uma estrutura de 81 cooperativas de trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, 45 unidades agroindustriais¹⁹ que, segundo o próprio movimento, proporcionou a eliminação da fome e a redução drástica dos índices de mortalidade infantil nos assentamentos espalhados pelo Brasil inteiro.

O MST muito se diferencia dos movimentos organizados atuais, por apresentar características próprias em sua trajetória de movimento social de trabalhadores do campo.

- A radicalidade como estratégia de ação e comunicação. A sua principal forma de luta é a ocupação e a capacidade de mobilização dos trabalhadores sem-terra tanto para ocupar quanto para as grandes marchas de conscientização das sociedades. O MST afirma traduzir nas próprias ações a contestação do latifúndio, a luta pela educação e por uma sociedade igualitária, tendo como prioridade a classe trabalhadora rural, ocupando um espaço na cena política e social do nosso país. É justamente esta radicalidade que provoca a reação imediata da sociedade.
- A diversidade de atuação. O MST tem como principal objetivo a luta pela terra, mas reconhece que a sociedade civil organizada precisa se posicionar também a respeito de outras lutas sociais. No caso específico do MST, a necessidade da reforma agrária vem aliada a ações e posicionamentos de apoio à produção, à educação, à saúde, à cultura, aos direitos humanos... Pode-se afirmar que a

¹⁹ Fonte: <http://www.mst.org.br/especiais/23>

diversidade de atuação do MST constitui-se um fator positivo uma vez que acrescenta ao trabalhador rural a consciência de sujeito social.

- A capacidade de multiplicar informação, ou de mobilizar a sociedade para discutir um tema a partir de uma luta específica e de um setor social específico. A luta pela reforma agrária é um traço muito forte na definição da identidade Sem Terra e tem como objetivo a conscientização da sociedade para o fato de que a reforma agrária é, além de uma importantíssima questão social, uma alternativa de produção de produtos básicos para alimentação dos brasileiros. Este processo de discussão na sociedade tem levado outras minorias excluídas a se identificarem com o MST.
- A visibilidade do movimento. O MST utiliza uma eficiente estratégia de comunicação traduzida em ícones próprios. Como se pode ver na sua teatralidade com utilização de componentes místicos, tradições religiosas e interligação com a religião. Bandeiras vermelhas e outros símbolos do MST (timbre e hino) traduzem a ideologia do movimento e difundem suas ideias e crenças políticas, morais e religiosas. É através da utilização bem sucedida de estímulos - visuais, auditivos, sensoriais - que a iconografia mística no MST comove e contamina, comunica e multiplica.

Todas estas características descritas comprovam que as ações e discursos presentes nos eventos promovidos pelo MST acionam os símbolos e evocam os ideais do movimento. São temas que vão da igualdade, direito e cidadania até os sentidos religiosos da terra, da solidariedade e da defesa da vida, sempre pautadas pela crença política na importância da disciplina e da organização, e pelos valores morais de lealdade, firmeza e coragem.

Quando relacionamos MST e mídia, é imprescindível atentar à forma como a sua imagem transparece para a sociedade, ou seja, com que signos a sociedade compreende o movimento e o qualifica e aos seus participantes e líderes.

O preconceito é cultural, mas expresso diferentemente. Na Europa, do século XV, leis consideravam os desempregados e pobres, historicamente expropriados do

campo, vagabundos e desocupados e que, por isso, deveriam ser castigados com diversas formas de pena, desde a escravidão, serviços forçados, lesões corporais até a execução. Posteriormente, para a sociedade capitalista, tratava-se de pessoas que não queriam trabalhar, argumentos muito frequentes hoje em dia.

No caso do MST, para a sociedade em geral²⁰, as mesmas qualificações e imagens são aplicadas a seus integrantes. Para os que vêem o movimento como uma ameaça, qualificam-no com adjetivos depreciativos, tratando-se de um conjunto de desocupados, baderneiros, ociosos que invadem a propriedade dos outros. Atribuem conceitos morais, ou de falta de moral, às ações do movimento.

As ações de ocupação de propriedade são coibidas pela ação policial, respaldada, geralmente, por mandados judiciais, seja com o objetivo de resguardar o direito de propriedade, seja com o objetivo de incriminar os invasores através de acusações penais específicas, como formação de quadrilha, entre outras. As penas aplicadas são, em sua maioria, a cadeia.

Há, ainda, outro modo de desqualificar o movimento e seus participantes. Atribui-se a eles, em geral, o desconhecimento com o trato agrícola, ou seja, por seus membros terem sido apenas trabalhadores rurais, falta-lhes a tradição e a experiência de um produtor rural. Trata-se, portanto, de uma visão simplória. (NOBLAT, 2008)

A partir de meados dos anos 1990, o MST passou a ganhar maior espaço nos meios de comunicação e, com isso, a questão agrária ganhou maior visibilidade em áreas urbanas.

Isso se deve, principalmente, aos massacres de Corumbiara, em 1995, e Eldorado dos Carajás, em 1996, que chamaram a atenção da mídia internacional e forçaram os meios de comunicação do país a discutirem a questão agrária na nossa sociedade.

²⁰ Dados coletados em pesquisa do Ibope 2008 e analisados por Ricardo Noblat na matéria "MST é visto como sinônimo de violência", publicada no jornal O Globo, em 14 de junho de 2008.

Em 1997, uma pesquisa realizada pelo Instituto Interscience indicava que 83% da população apoiava a reforma agrária. Outra pesquisa do IBOPE, em 2008, revelou que 85% dos entrevistados apoiava as ocupações de terra, desde que pacíficas. Em entrevista à Rádio Gabriela FM, de Ilhéus, sul do estado, o ex-superintendente do INCRA na Bahia, Marcelino Galo, afirmou agosto de 2004, “o grande problema da Reforma Agrária é que todo mundo é a favor, contanto que longe das vistas, longe dos imóveis de conhecidos e das áreas mais produtivas, de preferência no sertão onde a produção é quase inexistente devido aos fatores naturais”.

Segundo o próprio movimento, a maioria dos artigos sobre a reforma agrária passou a se concentrar em situações de conflito envolvendo o movimento, em resposta à preocupação das elites com a alta popularidade do MST.

2.2.1 Depois da ocupação

No dia 9 de dezembro de 2009, foi instalada a CPI mista do Congresso Nacional que vai investigar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O foco da comissão é o repasse de recursos que seriam feitos pelo governo federal a entidades ligadas ao MST. Para o movimento, a iniciativa da senadora Kátia Abreu (DEM-TO) de criar uma CPI é uma reação às mudanças nos índices de produtividade rural.

Os índices de produtividade são utilizados como parâmetro pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para desapropriação de terras. A revisão de cálculo do índice causará uma reavaliação dos parâmetros para desapropriação de terras e é uma reivindicação muito antiga por parte dos movimentos sociais de luta pela terra, já que estes índices estão congelados desde 1980 e têm como base o censo agropecuário de 1975.

Imediatamente após a aprovação da nova CPMI no Congresso Nacional sobre o MST, a Confederação Nacional de Agricultura (CNA) encomendou uma pesquisa ao Ibope, que ouviu 2002 pessoas de todas as regiões do país, entre os dias 12 a 16 de novembro de 2009. Essa pesquisa fragiliza ainda mais a imagem do movimento, já

que o resultado foi amplamente divulgado pela mídia, a maioria das manchetes trazia a informação de que 60% dos brasileiros desaprovam o MST.

Apesar do caráter panfletário da pesquisa, uma vez que encomendada e divulgada pela senadora Kátia Abreu (DEM/TO), reconhecida líder dos ruralistas no Congresso Nacional, a pesquisa cria um fato midiático extremamente negativo.

A pesquisa também questionou sobre os objetivos do MST, que segundo o instituto de pesquisa Ibope são: a luta pela terra; a distribuição de renda e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Verificou-se que 88% dos entrevistados concordam com os objetivos descritos, apesar de 57% desconfiarem de que o MST esteja lutando para concretização de tais metas. Enquanto 58% acham que o MST é legítimo porque são trabalhadores querendo terra para trabalhar e morar, que sem condições de pagar por ela.

Logo depois da ocupação da Veracel em 2004, as 500 famílias instalaram-se em um grande acampamento de nome Luis Inácio Lula da Silva ou Lulão como foi apelidado pelos trabalhadores. Durante três anos, as 500 famílias já cadastradas pelo Incra, aguardaram as margens da rodovia 101, entre os municípios de Eunápolis e Porto Seguro, no Extremo Sul do estado.

Segundo dados fornecidos pelo Incra, a dificuldade de obtenção de terras formou-se a partir do momento em que as propriedades da região, que se adaptaram ao cultivo do eucalipto (leva cerca de oito anos, entre o plantio e o ponto de corte) foram adquiridas por empresas do ramo da celulose. Desde 1997 o Incra não desapropriava na região, até que a situação começou a ser revertida em 2004 com a criação de quatro projetos de assentamentos, beneficiando 450 famílias em 4.770 hectares de terras, nos municípios de Mucuri e Itamaraju.

As desapropriações das fazendas Virote e Santa Cruz do Ouro, respectivamente nos municípios de Itabela e Itamaraju, em agosto de 2005, que beneficiaram 170 famílias foram os primeiros passos para assentar os acampados do Lulão. Foram 2.424 hectares obtidos pelo Incra.

Em setembro do mesmo ano saiu a desapropriação da Fazenda Coroa com capacidade para 68 famílias e 674 hectares e da Fazenda Bela Vista Moveelar, com 1.020 hectares para 84 famílias. Ela já possuía 10 hectares de plantio de frutas cítricas, irrigação, 180 hectares de pastagens e 60 hectares de café. A Cerro Azul recebeu 180 famílias em 2.534 hectares e a Fazenda Bela Vista Moveelar, vizinha a Coroa, assentou 84 famílias em 1.020 hectares de terras. Ao total 502 famílias foram assentadas naquela região, a maioria delas estava presente na ocupação da Veracel em 2004.

Para o MST, nas palavras de Oronildo Costa²¹, “a ocupação da Veracel foi muito importante para que essas famílias tenham hoje seu pedaço de terra, foi a pressão que fizemos com as ocupações que apressou a reforma agrária aqui na região”.

Para Veracel, apesar de ter sido alvo em 2004 de uma invasão do MST, hoje as relações entre a empresa e o movimento estão pacificadas.

Em 2007, a Veracel divulgou um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) que mostrava o impacto das atividades da Veracel nos municípios diretamente afetados por sua produção, no Estado da Bahia e na economia brasileira. O estudo descrevia os elos da cadeia produtiva, quantifica a geração de riqueza e a geração de emprego e renda. Segundo a FGV, a empresa vem contribuindo para o desenvolvimento econômico e social da região.

²¹ Líder do MST no Extremo Sul, um dos principais idealizadores da ocupação da Veracel e várias vezes citado nas matérias analisadas. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2010.

3 INTERESSES EM CONFRONTO

A situação da propriedade de terra na Bahia, em geral, segue a realidade brasileira, e a perspectiva de terra para cultivar funciona como um atrativo para os agricultores sem terra e os pequenos proprietários. Esses últimos têm praticado a agricultura em pequenas plantações encravadas dentro da floresta, muitas vezes sem a regulamentação legal para a propriedade da terra.

A CPT afirma que as propriedades agrárias que excedem 10 000 hectares constituem 1% do número total de propriedades no Brasil, e, no entanto, elas cobrem 45 % de toda a terra arável. Ao mesmo tempo, estima a CPT, há aproximadamente 4,5 milhões de famílias que não têm terra para cultivar. O INCRA estima, por outro lado, que 62,4% de toda a área agricultável são improdutivas (PRUTH, 2003).

A Bahia é o décimo segundo estado mais pobre do Brasil²² e possui o mais alto índice de analfabetismo do país²³. A taxa de desemprego e subemprego na capital, Salvador, é aproximadamente 18%.

Torna-se evidente a demanda popular por terra e emprego na Bahia. Projetos são desenvolvidos tentando criar oportunidades de emprego e/ou disponibilizar áreas de terra para que os sem-terra e agricultores possam contribuir para o alívio dos problemas econômicos e sociais. Projetos de desenvolvimento que não preencham nenhuma dessas duas premissas só agravarão os problemas econômicos e sociais da região.

O desenvolvimento histórico no norte do Espírito Santo, fronteira com o estado da Bahia, é similar àquele do extremo sul. A Mata Atlântica começou a ser desmatada mais cedo do que na Bahia e a área também foi explorada comercialmente num estágio mais inicial. Grande parte das terras da região era propriedade do Estado e era habitada por povos indígenas e comunidades agrárias dos afro-descendentes.

²² Fundação Getúlio Vargas, Mapa do Bolso Brasileiro.

²³ Ministério da Educação, Mapa do Analfabetismo no Brasil

De acordo com organizações que defendem os direitos desses grupos, elas são expulsas de seus territórios através da coerção ou por falsas promessas. (FASE, 2002).

No início dos anos 1990, com a implantação da fábrica da Bahia Sul Celulose, reiniciou-se a atividade florestal no extremo sul da Bahia. Além dos grandes maciços florestais, como atrativo principal, a região apresentava a infraestrutura necessária e já configurada: rodovias, condições para construções de portos, energia, telecomunicações e centros urbanos de médio porte, a exemplo de Eunápolis, Teixeira de Freitas e Itamaraju.

A partir deste momento, a região torna-se centro produtor de eucalipto e beneficiamento de celulose para os mercados interno e externo. Entre 1980 e 1997, o segmento de extração vegetal e silvicultura²⁴ passa de 6,9% para 17% na estrutura do setor primário na Bahia (exceção de minérios e pescados) transformando-se numa das principais atividades econômicas do Estado. (SEI apud CARVALHO, 2000).

A produção de celulose exige elevados investimentos em uma base territorial concentrada. Até o ano de 2007, foram investidos no extremo sul cerca de US\$ 2,7 bilhões, dos quais US\$ 1,5 bilhão foram investidos pela Bahia Sul Celulose na produção de 1200 toneladas/ano de papel e celulose, tudo isso removido dos 300 mil hectares plantados, cerca de 10% da área total de toda região (SEI, 2008).

Podemos caracterizar a celulose como uma cultura concentradora de terras, onde cada posto de trabalho criado refere-se a 50 ha de terra de reflorestamento, resultando em um custo de US\$ 250 mil para cada emprego fornecido.

O projeto da Veracel Florestal prevê o reflorestamento de 96 mil hectares com eucalipto, em terras próprias e arrendadas, pretendendo gerar 2.600 empregos, com

²⁴ Ato de criar e desenvolver povoamentos florestais, satisfazendo às necessidades de mercado.

um investimento total de US\$1,25 bilhão, o que produzirá 750 mil toneladas de celulose por ano.²⁵

Para cada emprego gerado, serão ocupados aproximadamente 37 hectares, com um custo por emprego de US\$425 mil²⁶. A unidade fabril recém construída em Eunápolis e as áreas reflorestadas ocupam parte dos territórios de Belmonte, Eunápolis, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Alcobaça, Itamaraju, Jucuruçu, Teixeira de Freitas, Vereda, Prado, no Extremo Sul, e Camacã, Una, Santa Luzia, Itarantim, Canavieiras, Potiraguá, Pau Brasil e Mascote, já no Litoral Sul.

Em 1993, as duas maiores empresas presentes na sub-região [Teixeira de Freitas] - Bahia Sul e Aracruz - empregavam, respectivamente, 5.500 e 1.300 pessoas, considerando-se os empregos regulares diretos e indiretos. Embora o impacto da indústria de celulose sobre o emprego e sobre a massa salarial total seja reduzido, a presença significativa de categorias de trabalho especializado alterou as características da demanda por comércio e serviços da sub-região, dando origem a novos estabelecimentos concentrados, principalmente em Teixeira de Freitas, que hoje já tem um porte urbano equivalente ao de Eunápolis. (SEI, 2000, p.86).

Apenas uma das três empresas de celulose, a Bahia Sul Celulose, responde por 30% da arrecadação do imposto estadual sobre circulação de mercadorias e serviços da região de Teixeira de Freitas. Nessa mesma região, a agropecuária representa 29% e o comércio gera 53%. As áreas reflorestadas das empresas concentram-se em Alcobaça, Caravelas, Mucuri, Nova Viçosa, Teixeira de Freitas e Ibirapuã.

De acordo com SEI²⁷ (2000), esse processo consolidou os padrões de uso do solo e de estrutura fundiária que começaram a se esboçar desde o final do ciclo extrativista madeireiro e do incentivo ao reflorestamento, restringindo, em grande medida, as possibilidades futuras de reconfiguração destes padrões. Com a implantação do projeto da Veracel Florestal, a tendência é o aumento do índice de concentração fundiária em torno dessas indústrias.

²⁵ Relatório Veracel 2003

²⁶ Relatório Veracel 2003

²⁷ Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

Segundo estimativas do Governo do Estado, através da CAR²⁸ *apud* SEI (2000), em 1993 a área ocupada pelo plantio era superior a 200 mil hectares, o que naquela época, correspondia a 7% do território do Extremo Sul.

3.1 VERACEL CELULOSE S/A

Sediada em Eunápolis, no extremo sul²⁹ do Estado da Bahia, a Veracel é um projeto agro-industrial integrado. No presente momento, a propriedade sobre a Veracel Celulose S/A é dividida entre a Aracruz Celulose S/A³⁰ e a Stora Enso³¹, cada uma detendo 50% de controle acionário. Os principais ativos da empresa são 700 km² de plantações de eucalipto, um terminal de barcas marítimas e um viveiro de última geração. Além disso, construiu-se uma usina de celulose com capacidade mínima de produção em cerca de 900.000m³ de celulose por ano, dos quais cada companhia irá deter a metade.

Instalada em uma área de quase dois milhões de metros quadrados com 200 mil metros quadrados construídos, a fábrica de celulose está sediada em Eunápolis e Belmonte, a cerca de 64 Km de distância da costa atlântica. Segundo a Veracel, esta região foi escolhida pelos seguintes fatores:

- condições climáticas extremamente favoráveis
- ampla disponibilidade de terras
- possibilidade de expansão futura
- solução ambiental equilibrada
- região com vocação e experiência de sucesso em florestas plantadas e fabricação de celulose infraestrutura adequada.

²⁸ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

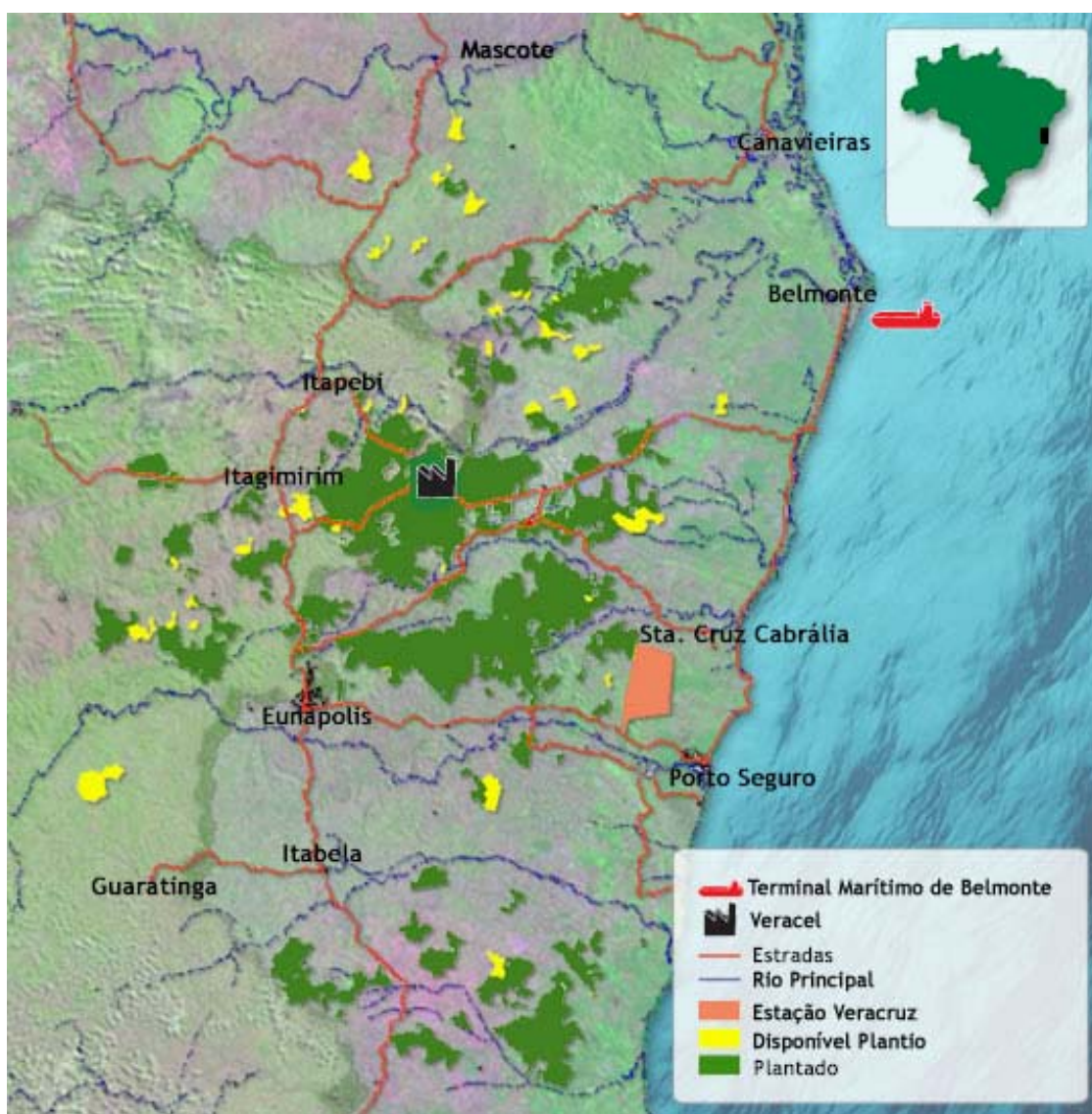
²⁹ Região administrativa que abrange os municípios de Eunápolis, Canavieiras, Belmonte, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. (Ver mapas)

³⁰ A Aracruz Celulose é uma empresa brasileira, líder mundial na produção de celulose branqueada de eucalipto. Responde por 24% da oferta global do produto, destinado à fabricação de papéis.

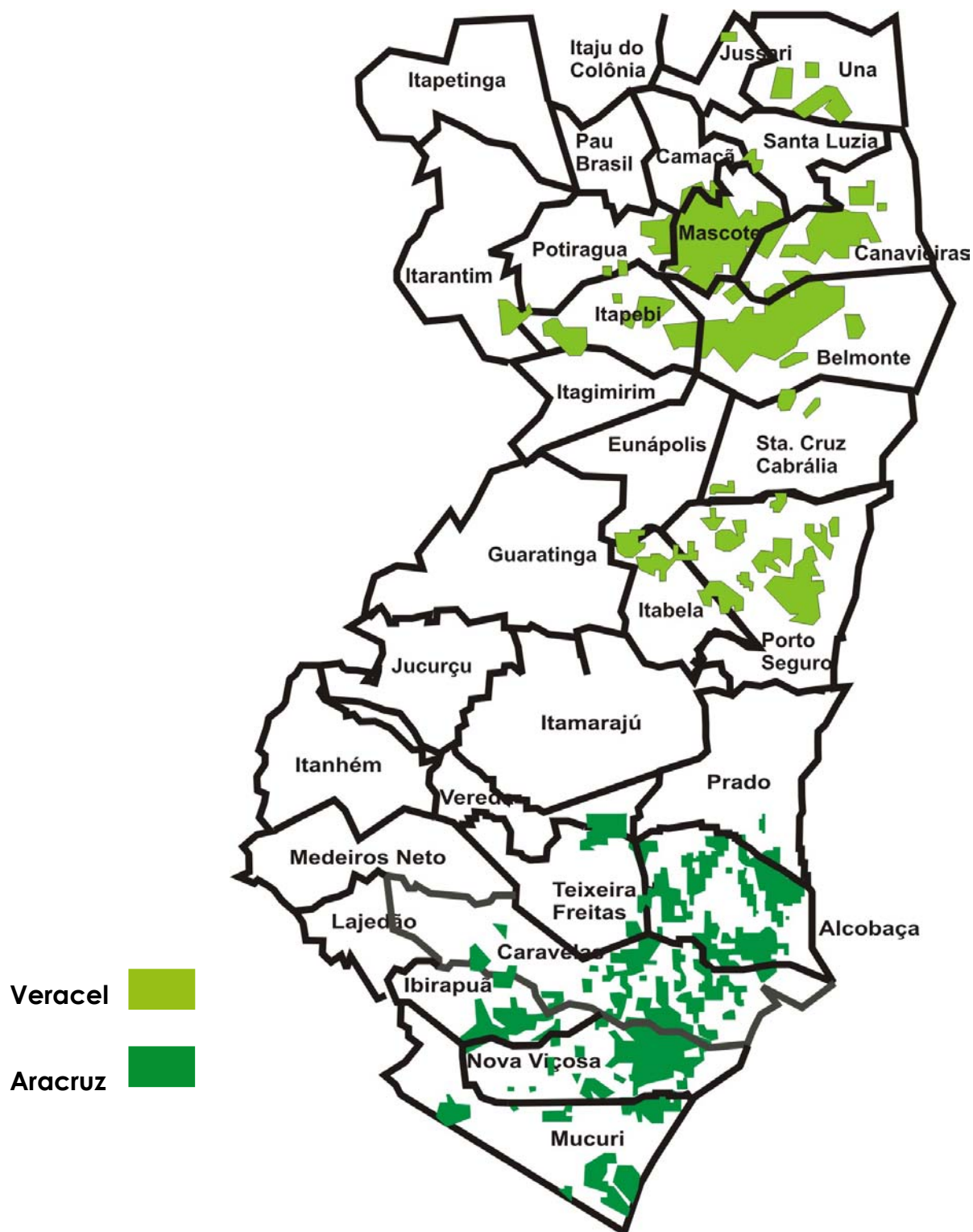
³¹ A Stora Enso Oyj (NYSE: SEO) é uma fabricante Suéco-Finlandesa de polpa e papel. Fundada em 1998, com a Fusão da Stora e da Enso (ambas da área florestal). Sua sede localiza-se em Helsinki, capital da Finlândia e possui aproximadamente 46.000 empregados em mais de 40 países.

Os custos de construção das usinas somaram um montante de um bilhão e duzentos milhões de dólares, dos quais 45% foram de capital próprio e o restante através de empréstimos em bancos de desenvolvimento, principalmente o BNDES. Dados do relatório produzido pela Fundação Getúlio Vargas demonstram que a Veracel S/A na sua totalidade de atividades da sustentariam 30,4 mil empregos (FGV, 2007).

FIGURA 1 – Áreas de plantio, infraestrutura e localização espacial da Veracel, 2003



Fonte: <http://www.veracel.com.br/shared/ra.pdf>

FIGURA 2 - Áreas de Plantio da Aracruz e da Veracel*, 2004

*Áreas aproximadas em 2004.

Fonte: www.aracruz.com.br; www.veracel.com.br

A Veracel enfrenta resistência desde sua fundação. Devido às acusações de desmatamento ilegal em 1992-1993 e o debate concernente ao Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e à permissão de funcionamento, pode-se dizer que o período de críticas mais intenso contra a companhia tenha ocorrido no período entre 1993 e 1996.

Mesmo que a Veracel e a Aracruz tenham tido sucesso em expandir suas plantações e produção de celulose, elas estão enfrentando resistências cada vez mais duras.

Em 2002, o deputado estadual pelo Espírito Santo, Nasser Youssef, aprovou lei propondo que futuras plantações de eucalipto com fins de produção de celulose devem ser proibidas até que se faça um mapeamento e um zoneamento por uso das terras. A nova lei foi derrubada pelo Superior Tribunal Federal no ano seguinte. No mesmo ano, a Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo criou uma Comissão Parlamentar de Inquérito para averiguar irregularidades no licenciamento da terceira usina da Aracruz. A comissão também investigou se, e em que medida, a Aracruz respeitava a legislação vigente, os direitos humanos e as questões ambientais. Todos os grupos que tinham sido afetados pela atuação da Aracruz testemunharam sobre as suas violações de direitos econômicos, sociais e culturais, bem como a quebra de convenções e legislações ambientais³².

Mesmo antes do governo Lula, uma reunião entre a Aracruz e o primeiro escalão do Partido dos Trabalhadores foi realizada. Quando a decisão de se construir a nova usina de celulose da Veracel foi apresentada, tanto o Presidente Lula quanto o governador da Bahia, Paulo Souto estavam presentes. Uma decisão econômica dessa magnitude terá efeito muito além do setor de papel e celulose, demonstrando

³²Infelizmente, a comissão foi, possivelmente usada como ferramenta de políticos locais para extorquir dinheiro da Aracruz. A barganha era que os políticos prometiam dissolver a comissão se a Aracruz lhes pagasse propina. Dois anos antes, a Xerox tinha encerrado todas suas atividades no Espírito Santo e se retirou do estado depois que políticos tinham extorquido dinheiro da companhia (A Tarde, 2003). Atualmente, há uma série de processos judiciais contra vários políticos locais quem se suspeita pertencer a sindicatos do crime, que atuam em diversos estados. A comissão que investigava a Aracruz foi dissolvida por conta de um erro de procedimento que foi habilmente usado pela empresa. A dissolução da comissão teve como consequência que nenhum relatório final foi apresentado. Nunca antes, um estudo com tal profundidade sobre as atividades da Aracruz fora realizado.

que companhias transnacionais acreditam que o Brasil representa um lugar seguro para investimentos (ARACRUZ, 2003).

3.2 AS QUESTÕES EM DISPUTA

Desde a criação da Veracel existiam planos de se construção da usina de celulose. No entanto, a realização do projeto foi repetidamente postergada. A construção da usina de celulose foi iniciada em 22 de maio de 2003. A fábrica se localiza a 49 km da costa, e 5 km ao sul do Rio Jequitinhonha.

As vantagens competitivas, segundo a Veracel³³:

Plantio

- condições de clima e solo adequadas ao plantio de eucalipto
- proximidade com o Terminal Marítimo de Belmonte
- área de plantio totalmente sustentável
- tecnologia silvicultural potencializa a produtividade das florestas plantadas
- plantios reconhecidos mundialmente como os mais produtivos, em função das características ambientais favoráveis e tecnologia utilizada no material genético

Fábrica

- estrutura organizacional reduzida
- escala de produção maximizada
- baixo custo fixo
- fábrica devidamente licenciada pelos órgãos de controle ambiental
- menores custos de manufatura do mercado mundial
- estrutura modular permite multiplicação futura de módulos de forma rápida e econômica

33 Fonte: <http://www.veracel.com.br/shared/ra.pdf>, acessado em 09/03/2010

Logística

- baixa distância média percorrida no transporte de madeira entre a floresta e a fábrica
- terminal marítimo de Belmonte irá permitir também a exportação de madeira

As desvantagens sociais, segundo o MST³⁴:

Já o MST, o outro pólo do conflito, contrapõe um conjunto de aspectos que trarão para a região extremo sul da Bahia grandes desvantagens sociais.

- A expansão das plantações força as populações locais, agricultores, indígenas e afro-descendentes a abandonarem suas terras.
- As corporações de papel e celulose se apropriam de terras que poderiam ser destinadas à Reforma Agrária.
- As plantações aumentam o preço da terra, tornando assim mais cara a sua desapropriação, por parte do Estado, para que seja usada na Reforma Agrária.
- As plantações têm efeitos prejudiciais sobre a agricultura nas vizinhanças e reduz-se a disponibilidade de água.
- As plantações obstruem a recuperação da Mata Atlântica e têm impacto negativo sobre as delicadas floras e faunas locais.
- As indústrias de papel e celulose geram poucas vagas de trabalho, apesar de vultosos recursos governamentais terem sido empregados nesse setor.
- A construção das usinas de celulose tem impacto negativo no meio-ambiente.
- A construção das usinas de celulose atrai milhares de pessoas à região, as quais, por não possuírem a qualificação para preencher as vagas de trabalho, acabam por se fixar nas áreas de periferia das cidades.

³⁴ Fonte: Site do MST - <http://www.mst.org.br/search/node/fabrica%20veracel>, acessado em 09/03/2010

3.3 O QUE FICA DA QUESTÃO

Há também várias razões para se questionar, a longo prazo, a sustentabilidade da produção de papel e celulose. Os críticos das corporações de papel e celulose encaram as plantações de eucalipto como mais um exemplo de monocultura que contribui para agravar os problemas sociais e econômicos do Brasil. Veracel e Aracruz, duas das maiores companhias de papel e celulose, são alvo dessas críticas.

Os argumentos são de que a expansão do eucalipto contribui para expulsar pequenos agricultores de suas terras. A Veracel tem comprado suas terras de grandes proprietários, mas esses, por sua vez, compram dos pequenos que acucados pelas grandes plantações de eucalipto não têm outra escolha. A resposta da Veracel a essa crítica é que ela gera milhares de empregos, pois as corporações não prestam contas sobre quantos empregos são eliminados quando as fazendas e terras de agricultura são transformadas em plantações de eucalipto.

Os críticos continuam suas argumentações dizendo que enormes somas de investimentos federais são empregados em cada oportunidade de emprego criada nas plantações e nas fábricas, enquanto o apoio estatal para a pequena agricultura é negligenciado. Há, também, uma escassez de terras aráveis no Brasil e muitas famílias no meio rural não possuem terra para trabalhar. Essa escassez contribui para fazer do MST o maior movimento social do Brasil.

A expansão das plantações de eucalipto contribui para agravar o distorcido regime de propriedade da terra no Brasil. O MST ocupou terras pertencentes à Veracel, argumentando que a área usada para as plantações devia ser distribuída para os agricultores sem terra.

A demanda das corporações de papel e celulose por novas áreas pode elevar substancialmente o preço da terra e fazer com que a Reforma Agrária fique mais onerosa, já que, os grandes proprietários de terra são compensados financeiramente

segundo os preços de mercado quando suas terras são destinadas à reforma agrária.

4 O FATO E A REPERCUSSÃO

Existem muitas formas de se analisar o discurso narrativo, principalmente, em se tratando de uma notícia. É preciso levar em consideração o emissor, o veículo onde a mensagem (notícia) foi veiculada e a linguagem utilizada.

Todo profissional de comunicação sabe que a mídia impressa, entre todos os outros veículos, é o que mais agrega credibilidade à mensagem, tanto publicitária quanto ao conteúdo. Uma matéria em um jornal tem um poder inacreditável: pode levar a ganhos e perdas financeiras, incentivar ou aniquilar ideologias, condenar ou absolver homens.

Segundo a jornalista Christa Berger,

Em primeiro lugar, o jornal deve ser encarado como um sujeito – tem personalidade jurídica, um estatuto e uma razão social que garantem sua individualização ante o direito e ante terceiros. Mas, mais que isso, esta pessoa/jornal precisa possuir uma “imagem de marca”, que provoca atitudes de atração ou repulsa, como qualquer pessoa. E que deseja imiscuir-se de tal forma nas vidas dos leitores que estes não podem prescindir de sua companhia. É este modo de ser que deve ser pesquisado. (BERGER, 2003, p.45)

Como um dos atores que participam do fato analisado por este estudo, o jornal A Tarde é uma peça fundamental para que se possa compreender a relação entre o MST e mídia no episódio da ocupação da Veracel. Em seu site na internet, o veículo se auto-define,

Conhecido por ser imparcial e independente, o Jornal A TARDE tem como objetivo servir e informar com ética, responsabilidade e imparcialidade. Ao longo dos seus 90 anos de vida, A TARDE tem investido continuamente na melhoria do seu produto visando a atender aos desejos e necessidades do povo baiano. Assim, disponibiliza aos leitores informações completas sobre política, economia, esportes, saúde, lazer, mercado de trabalho e ainda o maior classificados da Bahia. Tudo isso, com criatividade, credibilidade e acima de tudo respeito ao cidadão. A TARDE atende às pretensões de diversas camadas da sociedade, satisfazendo a vontade do executivo à dona-de-casa; do adolescente ao idoso; do pobre ao rico. A TARDE é hoje o maior Jornal em circulação do Norte/Nordeste. Este sucesso provém de um trabalho sério e independente, desenvolvido ao longo da sua história firmando um compromisso com a verdade, a justiça e a ética, junto à sociedade.

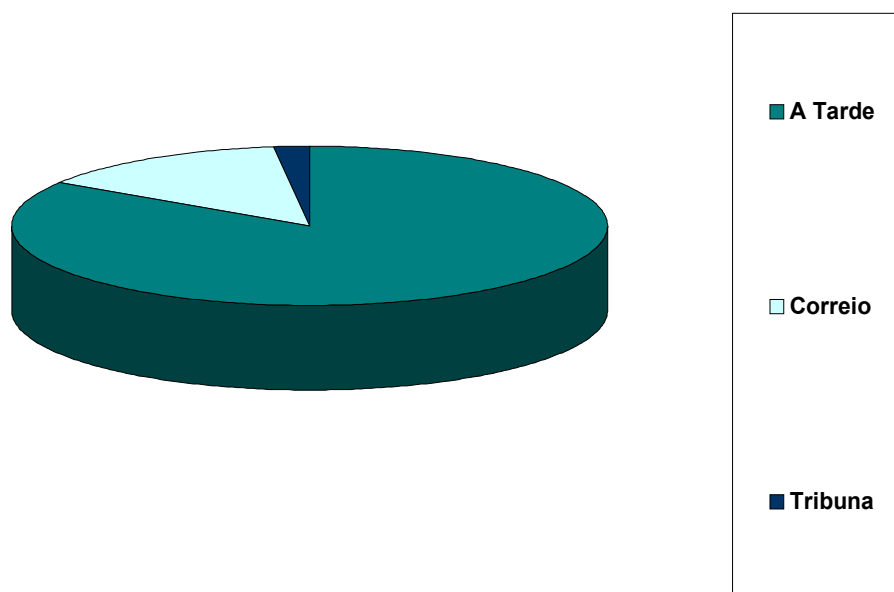
Compreendido e definido o jornal como uma figura social, é preciso posicioná-lo em

relação ao seu ambiente, seu mercado, seu lugar em relação aos outros jornais da mesma região mercadológica.

No mercado baiano, em particular, temos o posicionamento político do Correio da Bahia sempre amparando os governos de direita e o Carlismo, mas, atualmente reposicionado, lutando para atuar no segmento de baixa renda, tendo reduzido o custo do exemplar e investido em classificados. A Tribuna da Bahia mantém sua tradição e ocasionalmente desliza pelo sensacionalismo. O jornal A Tarde, o veículo fonte deste trabalho, posiciona-se pela tradição de seus mais de 90 anos e pela credibilidade de sua marca.

A participação de mercado de cada veículo pode ser vista no gráfico a seguir. Deve-se ressaltar que os dados referentes ao número de assinantes foram informados pelo Instituto Verificação de Circulação (IVC), entidade responsável pela auditoria dos veículos impressos e pelo próprio veículo, no caso da Tribuna da Bahia.

FIGURA 3 – Participação dos jornais na RMS, 2009



Imagina-se que quando alguém compra um jornal ou uma revista, ou mesmo visita um site de notícias, depara-se com a tarefa inconsciente de decifrar signos e códigos, para então selecionar algumas das informações presentes em todo um mundo de estímulos visuais presentes na mídia em geral. A partir do momento em que alguém filtra o que deseja armazenar de informação, atualiza-se como leitor e como cidadão - um ser cultural, político e social. São fatos, fotos, manchetes, subtítulos, palavras e determinadas sequência de pensamento que não só induz, como convence de que a realidade ali descrita nada mais é do que a realidade concreta. Segundo Gregolin (2003),

O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite o leitor produzir formas simbólicas de representação da sua realidade concreta (...) participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. (GREGOLIN, 2003 p.97)

O jornalismo tem como função principal a de narrador dos acontecimentos do mundo e durante séculos foi considerado espelho de uma verdade absoluta, voltado para a sociedade e, assim sendo, contribuindo para preservação de uma estrutura social e cultural. A credibilidade há muito conquistada não garante a verdade absoluta dos fatos, já que a representação do real de um ponto de vista específico frequentemente comete desvios, mesmo que, cada jornalista, busque incansavelmente estar o mais próximo possível da verdade. E são justamente esses aspectos de credibilidade e de função social que costumam ser lembrados quando se descreve a mídia como “quarto poder”.

Os jornalistas Laerte Cerqueira e Amanda Braga ³⁵, autores da cobertura jornalística do desastre na Barragem de Camará e seus dobramentos, citam Ravel (2005) para descrever o ponto de vista de quem escreve a matéria,

Participar como “sujeito-autor”, fez-nos questionar esse processo. Por muitas vezes estávamos ali diante de um “real” acontecimento e prontos para construir um “enunciado acontecimento”, diante desse processo, vemo-nos mergulhados em formação ideológica específica, prestes a aumentar a rede de enunciados da formação discursiva, em condições de produção específica, em momentos históricos determinantes, em dias menos concentrados, interpelados por desejos e ansiedade e no rugir da hora foi preciso escolher palavras, dar ordem às coisas ditas, pensar lá na

³⁵ Artigo Desastre de Camará: o discurso jornalístico e “várias verdades” do Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba. UFPB

frente, enfim, o prazo se esgotou... Os sentidos foram “queimados” na chapa de impressão e iriam a partir dali interferir ou não na vida de outros sujeitos, fazê-los condenar, amar, idolatrar. E fomos nós e “outros”, que estabelecemos essa verdade, ou essa vontade de verdade, que é “produzida e transmitida sob o controle dominante de alguns aparelhos (...) é lugar de um enfrentamento social e de um debate político violento, sob a forma de lutas ideológicas.” (CERQUEIRA; BRAGA, 2006, p.3)

Orlandi (2002) reforça esta abordagem,

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada e uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2002, p. 43).

Conclui-se então que o profissional de jornalismo é marcado fortemente por influências de cunho ideológico, um agente da linguagem que ao redigir palavras, expressões e proposições empresta ao leitor uma visão de cunho ideológico.

4.1 O FATO

Na madrugada de 04 de abril de 2004, dois mil agricultores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam quatro hectares de eucaliptos plantados pela multinacional Veracel, no município de Porto Seguro.

A ocupação de terras tem sido a ferramenta mais eficaz dos sem-terra, sinalizando à sociedade e ao Governo que o MST conhece a estrutura fundiária do país e tem um amplo poder de mobilização para promover a luta pela terra. Além disso, sabe que uma ação tal como a ocupação da Veracel possui um alto grau de noticiabilidade na mídia.

O acontecimento testemunhado *in loco* por profissionais de veículos de comunicação da região, de imediato ocupou as manchetes dos principais meios de comunicação do Estado. A seguir, são apresentadas a primeira página de três edições do jornal A Tarde que tiveram o fato como manchete.

No dia 05 de abril de 2004, o Jornal A Tarde noticiou:

ESTA EDIÇÃO
1 caderno
58 páginas

A TARDE

EDITORIAL
Quarta central
Seminário de saúde pública
nacional de meio ambiente
nacional para a Bahia, o País, e
Democracia e justiça **PÁGINA 2**

Ano 91 | Nº 31.043 | www.atarde.com.br | FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO (1886/1957) | Salvador, Bahia | SEGUNDA-FEIRA | 5-4-2004

Esporte Clube

Vitória e Bahia decidem título
Deu a lógica: Bahia e Vitória não tiveram problema para eliminar Feijóes e Cabaense na briga por vaga na final do Campeonato Baiano. O tricolor venceu por 1x0, na Fonte Nova, e o rubro negro goleou por 5x0, no Barradão. **PÁGINAS 4, 6, 6 E 7**

Schumacher vence no Bahrein
Três corridas, três vitórias de Michael Schumacher. O alemão não deu qualquer chance aos seus adversários e deu um verdadeiro passeio no circuito de Sakhir. Seu companheiro na Ferrari, Rubens Barrichello, terminou em segundo. **PÁGINAS 10 E 11**

MENINAS DE OURO
Daniele Hypólito e Daiane dos Santos conquistaram a medalha de ouro na trave e soló, respectivamente, da etapa Rio da Copa do Mundo de Ginástica Olímpica. No salto, o irmão de Daniele, Diego, também foi ouro. **15A TO DA HOMENAGEM**

OS IMBATIVE
Leonardo marcou dois e Lechov a goleada rubro-negra




Dois mil invadem área na Bahia

Numa das maiores ocupações do País, os sem-terra derrubaram ontem a plantação de eucalipto da multinacional de celulose Veracel e invadiram uma área de três mil hectares, no município de Porto Seguro, a 810 km de Salvador. "Passamos um ano na estrada e não vamos mais esperar", advertiu o coordenador do MST na Bahia, Valmir Assunção. **PÁGINAS 3 E 4**



Trabalhadores rurais sem-terra, sob o acampamento "Lalão", comemoram a invasão da fazenda da Veracel, em Porto Seguro

Ex-prefeitos vão devolver dinheiro

Em apenas dois meses, o Tribunal de Contas da União intimou 11 ex-prefeitos baianos e outros gestores públicos a devolverem recursos que somam R\$ 1,3 milhão, oriundos de orçãos federais, cuja aplicação foi desviada. **PÁGINA 12**

Fiéis lembram o Domingo de Ramos

Milhares de fiéis participaram ontem do Processo de Ramos entre o Campo Grande e a Praça Municipal, onde Dom Geraldo Majella, cardeal arcebispo de Salvador, celebrou missa. O cortejo lembra a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém e afunilou no Saramá Santa. **PÁGINA 9**

Inspeção nuclear cria um impasse

O governo brasileiro não estaria permitindo inspeções de técnicos da Agência Internacional de Energia Atômica em unidade de armazenamento de urânio no Rio de Janeiro. **PÁGINA 13**



NIRVANA Dez anos depois da morte do líder do Nirvana, tudo que gira em torno do nome de Kurt Cobain é motivo de disputa. **CADERNO 2**

Sem-teto ocupam hotel na Pituba

CADERNO 4

Confrontos deixam 30 mortos no Iraque

PÁGINA 15

Cerrado vai receber trigo

A região do cerrado baiano, com terras férteis e altas, vai experimentar o trigo irrigado. A principal vantagem é que no cerrado será cultivado na entressafra das demais culturas, justamente o período mais frio do ano, propício ao trigo. **RURAL**



A manchete do dia 06 de abril de 2004 do Jornal A Tarde trazia:

ESTA EDIÇÃO
7 cadernos
56 páginas

Valor de venda: R\$ 1,20
Código de barras: 978-85-302-4312-0
Número de identificação: 01.034.000-0

A TARDE

EDITORIAL
"Sugestão médica"
Receita de limão no perfume chega
que em sua essência de caráter amargo
está que também de caráter quente
e sedutor. **PÁGINA 2**

Ano XI - Nº 31.044 - www.atarde.br FUNDADOR: ERNESTO SIÂNICO FILHO (1896-1937) Salvador, Bahia - TERÇA-FEIRA - 06/04/2004

Sem-terra avançam em 8 Estados

Em movimento coordenado por diferentes organizações, os sem-terra continuam avançando no País e já ocupam propriedades rurais em oito Estados. Ontem foram invadidas áreas particulares na Bahia, Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. **PÁGINAS 2 E 4**



BAHIA Em Petrópolis, cerca de dois mil trabalhadores sem-terra cercaram mais de 100 pés de mudas de plântulas da Vivecel Colônia para dar lugar ao plantio de feijão.



SÃO PAULO Na entrada da cidade de Presidente Prudente, 1.700 integrantes do MST fizeram fila para bloquear no acostamento improvisado. Eles saíram antes, após cinco dias de marcha.



RIO Pelo menos 250 integrantes da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro (Fetrag) invadiram a Fazenda Santa Helena, no município de Campos, na sexta-feira.



ASSINATURA - VENDA PRECOURADA

A mesa que gerou o encontro foi formada pelo presidente da Fich, Jorge Fretz, ministro Jacques Wagner, Walden Pinó e Patrícia Assis, jornalista Sílvia Studer, prefeito Antônio Indaúnha, secretário Roberto Mourão, Fátima Espalheira Fritjof Capra

Canadá vai pagar obras no subúrbio

O prefeito Antônio Indaúnha diz que o Brasil deve receber do Canadá US\$ 10 milhões para um grande projeto de urbanização do subúrbio brasileiro. O anúncio foi feito no seminário Construindo Cidades Sustentáveis, que marca o início das atividades do Instituto Saneza Fich. Já o futuro prefeito Fritjof Capra disse ser necessário que o modelo gerado sirva para outra forma de produção. **PÁGINA 16**

Capotamento mata 4 e deixa 41 feridos

Um acidente envolvendo 45 pessoas que ocorreu de uma faixa livre capotou ontem no Saco do Bonfim, distrito de Belo Campo, no sudoeste baiano, depois de perder o freio. Entre os mortos há um garoto de 4 anos. **PÁGINA 6**

Paixão de Cristo com cores e luzes no Dique

A peça teatral *O Salvador em Salvador* estreia ontem à noite, no Dique do Tiroel, para um público de quase duas mil pessoas. A encenação mistura música e luzes - são luzes, fogos de artifício e efeitos visuais - para contar a história do Peão de Ross e Cristo. **PÁGINA 7**



Sudesh cancela convênio

Cerca de 1.500 crianças que tinham sedção na praia de Vila Olímpica estão sendo encaminhadas para a Itália para o Sudesh e a Federação Brasileira de Desportos Aquáticos. **TEMA DO DIA, PÁGINAS 8 E 7**

Preparativos para decisão

Bahia e Vitória preparam suas times para o jogo de ida do clássico do Campeonato Brasileiro, domingo, na Ponte Nova. O jogo será às 19h30, na Arena Fonte Nova. **PÁGINAS 2, 3, 4 E 5**



TENSÃO E MEDO

Elas ficaram tristes, com a sua família que ocupam o prédio Costa Moreira, no São Paulo, temiam a viver um dia de mais tensão. A possível chegada do Batalhão de Choque da PM para cumprir o mandato de despejo de posse causava medo entre os inquilinos. Na Praia costeira grupo ocupa prédio do antigo Hotel Princesa (foto). **PÁGINA 5**

Descoberto mais petróleo em Catu

PÁGINA 10

Modaxé em Paris

Em junho, o Projeto Azeite prevê cerca de 40 milhões para o projeto de 3 a 10 anos no sul da montanha italiana. Uma participação que pode resultar em prováveis fôcos de exportação. **CADINHO 8**

Novo Fox 4 portas

A Volkswagen acaba de lançar a versão quatro portas do Fox, um modelo compacto posicionado entre o Gol e o Polo. Com isso, o carro rende a gasolina mercado e ocupa espaço que hoje pertence ao campeão de vendas Gol. **AUTOMÓVELS**

Cotas para negros na faculdade particular

PÁGINA 12

Demitidos protestam realizando um bingo

PÁGINA 9



ÍNDICE

CADINHO 1 - 16 PAIS 8 - CADINHO 2 - 1 PAIS 3 - A TARDE ESPORTE CLUBE - 10 PAIS 5 - AUTOMÓVELS 8 PAIS 3 - MODAXÉ 14 PAIS 10



No dia 07 de abril o Jornal A Tarde trazia a seguinte manchete:

ESTABELECIDA
7 edições
74 páginas

Endereço: Rua ...
Telefone: ...
CNPJ: ...

Assinatura: **VERONICA PEREIRA**

A TARDE

FUNDADOR: DOMINGOS SIMÕES FILHO (1886-1977)

EDITORIAL
Tudo em ordem
Membros da Agredados depois o
colaborador assinou o NIT, não
pode continuar utilizando
o sistema. **PÁGINA 1**

Começam dias de meditação

Hoje é Quarta-feira e a partir de amanhã começam os dias de meditação na comunidade de São João, região em que se encontra a fazenda de São João, em São João del-Rei. A TARDE publica uma série de reportagens, entrevistas e matérias sobre a meditação de um ser humano, além de entrevistas, em outras ocasiões. **PÁGINA 2**

Tudo sobre concursos

Como os concursos para contratação de vagas no setor público em todo o País, não se trata apenas de um concurso. É se o candidato é capaz, a internet pode ser uma alternativa para os seus currículos. Confira os sites especializados em concursos e aprenda para ficar por dentro das vagas e próximas inscrições. **INFORMÁTICA**

Balbininho ultrapassado

Apesar dos problemas na estrutura e nos equipamentos, a Fluminense cobrou triunfo de utilização do Balbininho (foto de balneação). A saída do diretor da entidade, Antonio Lima, é resultado de uma decisão. **TEMA DO DIA, PÁGINAS 6 E 7**

Sem-terra reagem à desocupação

A Justiça determinou, ontem de manhã, a reintegração de posse das terras da Veracel, em Porto Seguro. O MST, no entanto, está disposto a resistir à ação da Polícia Militar – convocada para retirá-los das terras invadidas há 4 dias. A Casa Militar do Governo do Estado chamou o MST para tentar um acordo que evite o confronto. **PÁGINAS 2 E 4**



ASSINATURA: VERONICA PEREIRA

Em Presidente Prudente, o bispo dom José Saracinho leva no pé do menino Alan, filho de um sem-terra

Cresce rebelião no Iraque e cai aprovação a Bush

A rebelião no Iraque ganhou força ontem nas regiões sul e no distrito sul-oeste, a oeste de Bagdá, onde pelo menos 12 funcionários civis americanos foram mortos. Em outra parte, tropas americanas bombardearam a cidade de Falluja, matando 26 iraquianos. O apoio popular a Bush caiu para 40% depois de choques de civis dos EUA no Iraque. **PÁGINA 10**

Apenas 1% do lixo no Brasil é reciclado

PÁGINA 10

Carentes têm acesso gratuito a advogado

PÁGINA 7

Metrô só recebe mais dinheiro se prestar contas

O ministro das Cidades, Oliveira Diniz, exigiu que o governo federal libere R\$ 35,5 milhões de parcelamento para o metrô de Salvador mas o dinheiro só será liberado quando a Companhia de Transportes de Salvador – entidade formada para administrar a obra – prestar contas de R\$ 0,3 milhões referentes ao ano passado. **PÁGINA 6**



O ministro Diniz e Pellegrini passaram de trem

Duas mortes por traição e ciúme

PÁGINA 10

Intercâmbio entre França e Bahia

Em Salvador, Alford Procement, diretor do Museu Nacional de Arte Moderna do Centro Georges Pompidou, de Paris, mantém-se ferrenzo à visita de artistas, como o Rio de Janeiro, para Salvador. **CADEIANO 2**

Pantanal é a grande festa da natureza

O turismo científico vem atrair milhares de visitantes para o Pantanal sul-matopense brasileiro. Centro de pesquisa do Brasil, Alvaro de pesquisa a fauna – com única pesquisa, sobre o jacaré (foto) – e Bora da região, estudantes e jornalistas participam de safári. Bahia e hospedagem em recintos turísticos, como o de Fazenda Rio Negro. **VIAGEM 10**



ÍNDICE CADERNET 11 PÁGS. • EXTERNO 1 PÁGS. • A TARDE EXPRESSO 21 PÁGS. • FÉRIAS 1 PÁGS. • INFORMÁTICA 1 PÁGS. • CLASSE 1 PÁGS. • POLÍCIA 1 PÁGS.



4.2 A REPERCUSSÃO

O enfoque teórico apresentado na Introdução deste trabalho, utilizando um modelo de análise baseado em Dijk (2004), é relativamente genérico e serve para o discurso em geral e não apenas para o discurso de uma notícia específica. Tem como base a estrutura global da notícia que se concentra além do nível sentencial, ratificando que “traços sintáticos, semânticos, estilísticos ou retóricos das sentenças ou conexões sentenciais” não serão priorizados.

Para este estudo selecionaram-se matérias, títulos e manchetes e 8 edições publicadas no corte temporal da pesquisa, considerando-os o primeiro contato do leitor com o fato e, enquanto síntese do relato do acontecimento, representa o ponto de vista da empresa jornalística. A redação dessas manchetes e títulos evidencia o intuito de impactar o leitor sobre a ação do MST.

Na organização da estrutura temática do texto, a manchete é a categoria que abre o esquema e é o tópico mais importante, onde se percebe o grau de relevância dado ao acontecimento. Outro fator de comprovação de relevância é o número de caracteres utilizados em cada texto.

QUADRO 1 – Manchetes, títulos e tamanhos de matérias

Data	Manchetes	Títulos	Nº de caracteres com espaços
05/04	Dois mil invadem área na Bahia	1. Sem-terra invadem área da Veracel 2. Sigilo garantiu sucesso da invasão 3. Área desmatada servirá ao plantio	3.266 1.566 2.526
06/04	Sem-terra avançam em 8 Estados	4. Empresa diz que ação é ilegal 5. Vigilância é reforçada dia e noite 6. MST avança sobre terras ocupadas	1.629 2.651 2.784
07/04	Sem-terra reagem à desocupação	7. Ministro condena ocupações 8. Fazenda será reocupada 9. Sem-terra prontos para conflito 10. As invasões na Bahia - Coluna Samuel Celestino	1.029 735 2.860 3.333
08/04	-	11. Lideranças insensatas - Coluna Samuel Celestino 12. Destino da ocupação em terras da Veracel sai hoje 13. Veracel: reunião decide permanência ou expulsão do MST 14. Sem-terra fazem acordo com governo para desocupar fazenda da Veracel, na BA	4.549 4685 1.155 1.011
09/04	-	15. Acordo põe fim à ocupação 16. MST aceita abandonar a fazenda da Veracel 17. Ministro elogia decisão do MST na Bahia	2.673 3.265 708
10/04	-	18. MST promete invadir fazendas no Recôncavo	2.212
12/04	-	19. MST decide novas ocupações na Bahia 20. PT atuará junto com governo para definir salário mínimo, diz Genoino	654 521
13/04	-	21. Incra cede, após episódio Veracel 22. PF acompanha movimentação de sem-terra	6.109 1.995

Fonte: Jornal ATARDE, abr. 2004

Neste quadro 1 percebe-se a sequência discursiva que constroi a imagem do acontecimento. Entende-se como sequência discursiva o total de manchetes e títulos que narram um acontecimento, neste caso específico, a ocupação da Veracel S/A. Através desses enunciados podem-se reconhecer palavras-chave que definem

os sujeitos de cada ação. Assim identificamos quatro momentos demarcadores dos rumos dos acontecimentos:

Primeiro Momento ⇨ Ocupação – relatada nas manchetes e títulos do dia 05 à 07/04

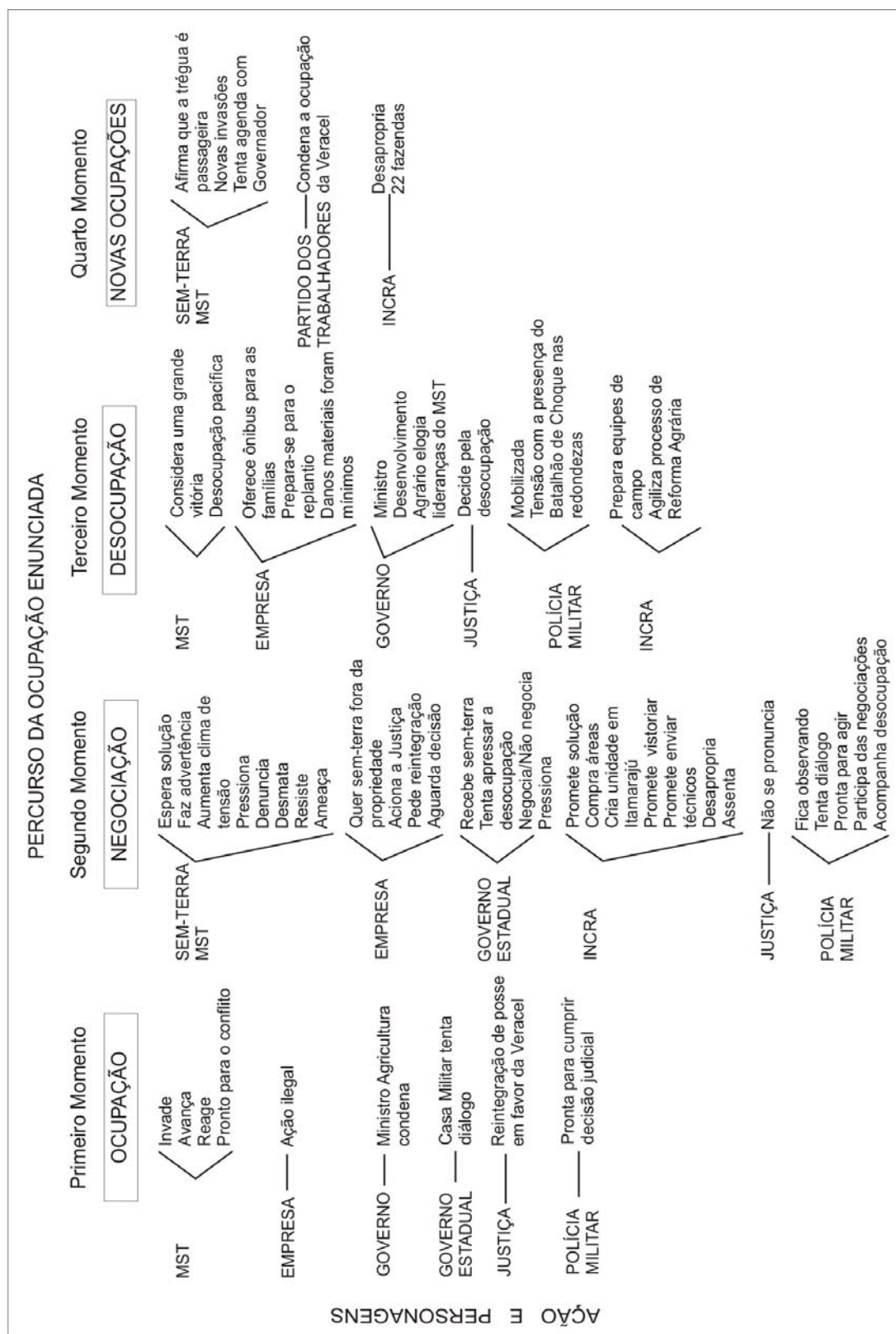
Segundo Momento ⇨ Negociação – relatada nos títulos do dia 08/04

Terceiro Momento ⇨ Desocupação – relatada nos títulos do dia 09/04

Quarto Momento ⇨ Novas Ocupações – relatadas nos títulos dos dias 10 a 13/04

O percurso dos quatro momentos também pode ser sintetizado através do conteúdo das matérias e que indicam em qual dos estágios a situação se encontra, como no quadro 2 a seguir.

QUADRO 2 – Percurso da ocupação enunciada



Fonte: Jornal ATARDE, abr. 2004, elaboração própria

O momento inicial é muito claro devido ao elemento surpresa do ato inesperado, é o momento a que se dedicaram as manchetes marcadas pelos signos “invadem”, “avançam” e “reagem”, quando imagens de ilegalidade e violência constroem a percepção inicial de toda a questão. O sujeito e o verbo aparecem na construção das manchetes, além da identificação do local da ação.

Na madrugada do dia 04 de abril de 2004, cerca de dois mil integrantes do MST ocuparam as terras da multinacional e destruíram quatro hectares de eucalipto. A ocupação foi planejada em sigilo e a ação se desenrolou rapidamente. Até à tarde do dia seguinte a polícia não tinha aparecido no local, assim como os diretores da Veracel não fizeram nenhum contato com o Movimento. O título da matéria 3, publicada no dia 05, afirmou o destino das terras ocupadas através do depoimento do líder do movimento na Bahia: “Queremos terra para plantar feijão, milho e arroz para comer”. (A TARDE, 05 de abril de 2004)

É também no primeiro momento que a pressão por parte da mídia é muito mais intensa. O Jornal A Tarde nas duas primeiras edições após o fato, dias 05 e 06 de abril, teve-se a descrever o fato. Como aconteceu, quando, quantas pessoas participantes, quantos hectares ocupados, quais as principais reivindicações, o que iria ser feito pela Veracel. O teor das matérias estava diretamente ligado a questões informativas, mas o texto já se revela uma narrativa de forte apelo dramático,

O menor Wallace dos Santos, 12 anos, era um dos mais entusiasmados. Ele fazia questão de ir contando quantos eucaliptos ia derrubando. “Já derrubei 15. Dezesseis com esse”, dizia com um facão nas mãos. Em meio à correria dentro da mata, ele parecia explodir em revolta a cada investida sobre as árvores, e depois, em alegria, quando conseguia derrubá-la. “Tome, tome e tome”, falava, enquanto dava sucessivos golpes de facão. (A Tarde, 05 abr. 2004)

Pode-se notar, através do trecho acima, a imagem muito clara de uma criança revoltada e feroz com uma arma na mão distribuindo violência. Também na matéria 3, publicada em 06 de abril, o jornalista usa o mesmo recurso de linguagem,

O barulho era de um gemido de um homem no auge da dor física. Era, de fato, o som da queda dos primeiros pés adultos de eucalipto, com mais de 30 metros, em uma das áreas de plantio da Veracel Celulose, em Porto Seguro. (A Tarde, 06 abr. 2004)

A imagem induz o leitor a relacionar árvore/ser humano/violência, uma cena realmente apavorante para quem lê.

Na matéria 2, “*Sigilo garantiu sucesso da invasão*”, um dos líderes do movimento, Francisco Estrela, declara na presença do jornalista Adilson Fonseca, a estratégia de visibilidade do MST no momento da ocupação³⁶,

Vocês peguem as foices e os facões, vão pela estrada gritando palavras de ordem e depois derrubem tudo, que ainda hoje vamos plantar feijão e milho, em vez de eucaliptos.

Em outro momento o coordenador regional e líder do MST na Bahia, Walmir Assunção, segue a estratégia de discurso “radical” do movimento,

Cansamos de esperar por soluções. Chegou o momento de agir(...) Passamos um ano na beira da estrada(...) Vamos colocar os eucaliptos abaixo para plantar feijão e milho, que alimentam o povo, pois ninguém come eucalipto.

Já na publicação do dia 06, sob a manchete “Sem-terra avançam em 8 Estados”, na matéria intitulada “Empresa diz que ação é ilegal” a Veracel através de nota oficial condena a ação do MST por estar descumprindo uma ação judicial quando, um ano atrás, a justiça reconheceu a ilegalidade da ocupação de então, concedendo liminar em favor da empresa. Na referida nota, a Veracel afirma que acionou a Justiça e aguarda seu posicionamento. Utiliza termos jurídicos (“Interdito Proibitório”) para reafirmar a legalidade de seu requerimento, mas considera a possibilidade de ocupação de outras áreas da empresa nesta região,

Na madrugada de ontem, domingo, 4 de abril, integrantes do Movimento dos SemTerra (MST) iniciaram a invasão da Fazenda Água Fria, de propriedade da Veracel. Os invasores já destruíram cerca de 25 hectares de plantio de eucaliptos e continuam retirando madeira para a construção de barracas no próprio local.

A ação do MST descumpra uma ação judicial, haja vista que, no ano passado, a mesma fazenda fora invadida por integrantes do movimento, tendo a Justiça reconhecido a ilegalidade do ato e concedido liminar em favor da Veracel, assegurando à empresa a manutenção da posse de sua propriedade. A Veracel, empresa constituída integralmente de acordo com os requisitos legais, lamenta o ocorrido porque a área invadida, que integra o Projeto Inhaíba, é uma propriedade produtiva, licenciada e cultivada em conformidade com rigorosos critérios técnicos e ambientais.

O cultivo de eucaliptos é uma atividade fundamental para a existência da futura fábrica de celulose da Veracel, um projeto responsável, atualmente, pela geração de cerca de oito mil empregos diretos e indiretos na região, empregos esses que contribuem para a melhoria da qualidade de vida de milhares de famílias. A Veracel, no uso de seus direitos assegurados por lei,

³⁶ Reforçando a utilização dos símbolos do movimento (bandeira/hino/timbre)

está acionando a Justiça para que analise o caso. No momento, a empresa aguarda o posicionamento da Justiça e vai respeitar o resultado da decisão judicial.

A empresa recorre a uma postura “politicamente correta” e apela para a sua idoneidade, capacidade de geração de emprego e potencial de crescimento como argumentos formadores de uma imagem vitimizada, deixando na mão da justiça a decisão.

Na matéria 7, do dia 07, percebe-se um acirramento de posições: o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, classifica a ocupação como: “uma coisa chata e desagradável” e que complica a implantação do projeto de reforma agrária do governo federal. Nesse mosaico de enunciados, a matéria tem um peso expressivo na produção de sentido, uma vez que reproduz a declaração de uma autoridade do primeiro escalão do governo federal.

Para o leitor, o ministro da agricultura também é a autoridade federal responsável por esta questão. No entanto, caberia ao Ministério do Desenvolvimento Agrário se posicionar, já que, como responsável pela execução da reforma agrária no país, é o principal interlocutor junto aos movimentos sociais da terra. Por que ouvir apenas o ministro da agricultura, que tem como uma de suas atribuições apoiar e financiar o agribusiness? Só na matéria 17, do dia 9, é que o jornal publica uma rápida declaração do ministro do MDA,

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, elogiou nesta quinta-feira (8) a decisão do MST de sair pacificamente da fazenda da multinacional Veracel na Bahia: "As lideranças [do movimento] tiveram um papel maduro, positivo, elogiável", disse ele.

As outras matérias do dia 07 trazem as seguintes informações que evidenciam a semântica da tensão: a justiça decide a reintegração de posse em favor da Veracel; a Polícia Militar pronta para cumprir a decisão judicial e o Movimento preparado para o conflito. “O governo não apresenta alternativas e nós não vamos sair, disse o coordenador regional do movimento, Walmir Assunção.”

A Tarde, nas matérias desse dia, alerta para a difícil posição do governo federal e estadual, diante da ocupação da Veracel: ceder ao MST demonstraria enfraquecimento e uma ação policial poderia remeter à tragédia de Eldorado dos

Carajás no estado do Pará. Também registra um movimento da Casa Militar do Governo da Bahia no sentido de mediar um acordo com o MST.

O momento de negociação já não apresenta nenhuma manchete e em seus títulos reafirma-se a presença de outros sujeitos além do MST, opiniões se divergem e se enfrentam caracterizando assim, a negociação. Nessa etapa, as matérias jornalísticas apresentam diferentes posições em um cenário de disputa. O MST através de suas ações e reivindicações contraria a ordem social e o conceito de propriedade da terra. Os outros atores – Veracel, Governo Estadual, Incra, Justiça e Polícia Militar – buscam a ordem e a garantia da lei.

O apanhado de matérias revela a descrição do fato em si, mesmo assim, já podemos identificar alguns pontos em comum e outros divergentes. O signo “invasão” é utilizado para indicar o acontecimento. A denominação da ação dos sem-terra como *invasão* ao invés de *ocupação* não é isenta de significado, já que as palavras carregam sentidos completamente diferentes como escreve Maria Aparecida Baccega apud Berger. Para ela, a ação de *invadir* significa *tomar algo que não lhe pertence*, o que, se contrapõe ao sentido da palavra *ocupar*, que indica estar em lugar devoluto, apoderar-se de uma espaço inocupado.

“Invadir” está intimamente ligado à propriedade privada, um ato ilegal e digno de punição. Já o signo “ocupar” está ligado ao conceito de propriedade social da terra, da luta e de reivindicação. Com base em BERGER (2003), pode-se representar da seguinte forma:

TERRA	
Espacialidade e Ideologia	
INVADIR	OCUPAR
<ol style="list-style-type: none"> 1. existe um obstáculo (legal) 2. este obstáculo é vencido 3. vencer significa, aqui, transgredir 4. a transgressão permite punição 5. o ato invadir é ilegal 	<ol style="list-style-type: none"> 1. não há obstáculos 2. trata-se de algo devoluto - inocupado 3. não há transgressão 4. não pode haver punição 5. o ato ocupar é legal.

As matérias jornalísticas, publicadas entre 05 e 07 de abril, utilizam predominantemente os termos "invasão", "invadir", "área invadida", "líderes da invasão", "local invadido", "onda de invasões", "propriedades invadidas", "insensata invasão" para descrever as ações do MST. O termo ocupação aparece empregado em dois sentidos, quando reproduz a fala do movimento descrevendo a ação e no conteúdo da matéria jornalística como a ação posterior à "invasão".

Ontem, mais de 100 pés foram ao chão, devastando mais ainda o espaço ocupado na madrugada de sábado para domingo por cerca de dois mil integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) . (A Tarde, 06 abr. 2004)

No terceiro parágrafo da matéria 6, "MST avança sobre terras ocupadas", encontram-se as duas acepções,

A ocupação das terras da Veracel já atingia, ontem, uma área de 25 hectares, onde estavam plantados 21 mil pés de eucalipto. Segundo explicou o assessor de comunicação da Veracel, Gleisson Resende, a empresa já comunicou a invasão à Justiça e espera resposta para poder agir. "Vamos aguardar a decisão", disse. (A Tarde, 06 abr. 2004)

Por outro lado é possível perceber que, na maior parte das matérias, a ação do governo para restaurar a ordem social é ressaltada:

Nas últimas horas, o governador Paulo Souto foi acionado. Decisões judiciais são para ser cumpridas. O governo quer tratar a questão como deve, dialogando com os invasores, de maneira que a ordem retorne e qualquer possibilidade de violência (além da invasão, já registrada) seja conjurada.(coluna Samuel Celestino, 07 abr. 2004)

Casa Militar tenta diálogo, mas trabalhadores prometem resistir a uma ação de despejo e garantem que não deixam terras. (07 abr. 2004)

Sem-terra fazem acordo com governo para desocupar fazenda da Veracel, na BA... Saiu o acordo entre a liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra(MST) e os representantes do governo baiano, para desocupação dos 25 hectares de uma fazenda da fábrica de celulose da Veracel, em Porto Seguro, no extremo-sul do estado. (08 abr. 2004)

Além de ressaltar a ação mediadora do governo, em todos os textos a partir do dia 07 de abril é destacada especificamente a atitude do governador e/ou de seus auxiliares, secretários e afins. Com utilização de palavras como: "o governador Paulo Souto foi acionado", "As preocupações do governo baiano têm sentido e Souto pede calma para que se estabeleçam diálogos", "Saiu o acordo entre a liderança do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e os representantes do governo baiano", contrapondo-se ao discurso incisivo do MST.

O Estado brasileiro vem tratando a luta pela posse da terra sob a ótica da judicialização, opondo-se à ótica dos movimentos sociais que exigem que estas questões sejam prioritariamente vistas como um problema social a que o Estado deve respostas adequadas.

O Jornal A Tarde utiliza uma formatação discursiva que se caracteriza por veicular a notícia sobre a ação do MST, através de uma linguagem recheada de induções ao jurídico, ao legal, como se vê nas citações abaixo,

As invasões geraram questões na Justiça que determinou a reintegração de posse, decisões judiciais obtidas nas comarcas de Santa Cruz de Cabrália e Porto Seguro. (A Tarde, 07 abr. 2004, coluna de Samuel Celestino)

Casa Militar tenta diálogo, mas trabalhadores prometem resistir a uma ação de despejo e garantem que não deixam terras. (A Tarde, 07 abr. 2004, Seção Local)

Antes de entrar na reunião, Valmir Assunção, membro da direção, disse que os trabalhadores só aceitariam desocupar a área sob a condição de que o Incra garantisse a desapropriação de 20 mil hectares, sendo metade em Porto Seguro e outra metade em Eunápolis. (A Tarde, 07 abr. 2004, Seção Local)

As TDAs são pagamentos feitos pelo Incra aos proprietários das fazendas desapropriadas, sendo a última etapa antes da imissão do título de posse, pela Justiça, no processo de Reforma Agrária. (A Tarde, 09 abr. 2004, Seção Local)

Durante o processo da pesquisa, foi necessário fazer um levantamento dos signos utilizados nas matérias que poderiam levar o leitor a inferir que as ações do MST estão à margem da lei, dissociando a luta pela terra da questão social e política, como se comprova no quadro 3 abaixo.

Quadro 3 – Signos e número de citações, 2004

Signos	Nº de citações
MST	146
Veracel	94
Eucalipto	42
Sem-terra	41
Incra	35
Justiça/judicial/judiciais	27
Invasão	25
Propriedade	25
Polícia/policiais	23
Militar	23
Acordo	21
Reintegração de posse	08
Ilegal/ilegalidade	04
Liminar	02
Interdito proibitório	01

Fonte: Jornal ATARDE, abr. 2004.

É certo que o texto do jornal A Tarde não permite encontrar, na variação de suas seções, um discurso homogêneo, nos vários níveis de análise. Mesmo admitindo que o texto do jornal reflete um posicionamento ideológico, deve-se reconhecer que existe um processo de produção do discurso noticioso que obedece aos princípios de uma redação mais comprometida com os acontecimentos, como na citação a seguir,

O problema é que a União não dispõe de recursos para mudar a estrutura rural brasileira de forma repentina, com uma varinha mágica. É um problema que se arrasta há séculos (os Estados Unidos fizeram a sua reforma no século XVIII) e, portanto, necessita paciência, embora se entendam as preocupações do MST, calcadas na grande injustiça social brasileira. Injustiça que não está, porém, exclusivamente no campo, mas também nos centros urbanos. (A Tarde, 07 abr. 2004, coluna de Samuel Celestino)

Já no dia 08 de abril (no Momento Negociação), em sua coluna intitulada “Lideranças insensatas”, o mesmo jornalista Samuel Celestino publica um longo texto sobre as ações do MST em cujo primeiro parágrafo comenta a fala de seu líder nacional, João Pedro Stédile, sobre os planos do movimento. O texto de Celestino analisa a situação das ocupações na Bahia, reconhecendo a necessidade da reforma agrária e a validade da luta contrapondo-se à condenação “da forma desmiolada de propagar a ação do movimento, resultado de lideranças incapazes, mal formadas, que não têm noção da responsabilidade”. Nessa análise os trabalhadores sem-terra são considerados como massa de manobra executando ordens de “lideranças vesgas” e “destrambelhadas”.

Também a partir do dia 08 percebe-se que o termo “ocupação” está presente mais frequentemente, não só nos títulos (12, 15 e 19 do quadro 1), como no corpo das matérias. O que parece indicar um clima de distensão no contexto que antes foi denominado de semântica da tensão.

O título da matéria do dia 08 “Destino da ocupação em terras da Veracel sai hoje” já antecipa para o leitor o teor da matéria, o primeiro parágrafo reafirma as informações gerais sobre a ocupação e os dois seguintes descrevem a movimentação da polícia militar, registra, também, um diálogo entre o Movimento e a Casa Militar do Governo do Estado, mediadora de uma reunião com o INCRA, Secretaria de Agricultura do Estado e representantes do MST para estabelecer um acordo de desocupação e retirada pacífica.

A matéria “Sem-terra fazem acordo com governo para desocupar fazenda da Veracel, na BA”, ainda no dia 08, registra o acordo entre a liderança do MST e os representantes do governo baiano para desocupação dos 25 hectares da Veracel. Como parte do acordo, o INCRA se comprometeu em acelerar o assentamento das famílias em 5.000 hectares distribuídos em 6 propriedades. Ao final da reunião Walmir Assunção declarou-se satisfeito com a visibilidade que o movimento alcançou na divulgação da luta pela reforma agrária.

A desocupação vem como consequência da negociação e a depender do tempo decorrido desde o momento Ocupação pode contribuir para a formação de uma

imagem de inoperância e desordem, já que o tempo em que um fato é memorizável pelo leitor é muito curto.

O quarto e último momento serve para lembrar ao leitor que novas ações acontecerão. É o momento em que o Movimento reafirma sua luta e a imagem de radicalidade e violência é reavivada através do signo invasão, que retorna na predominância dos textos.

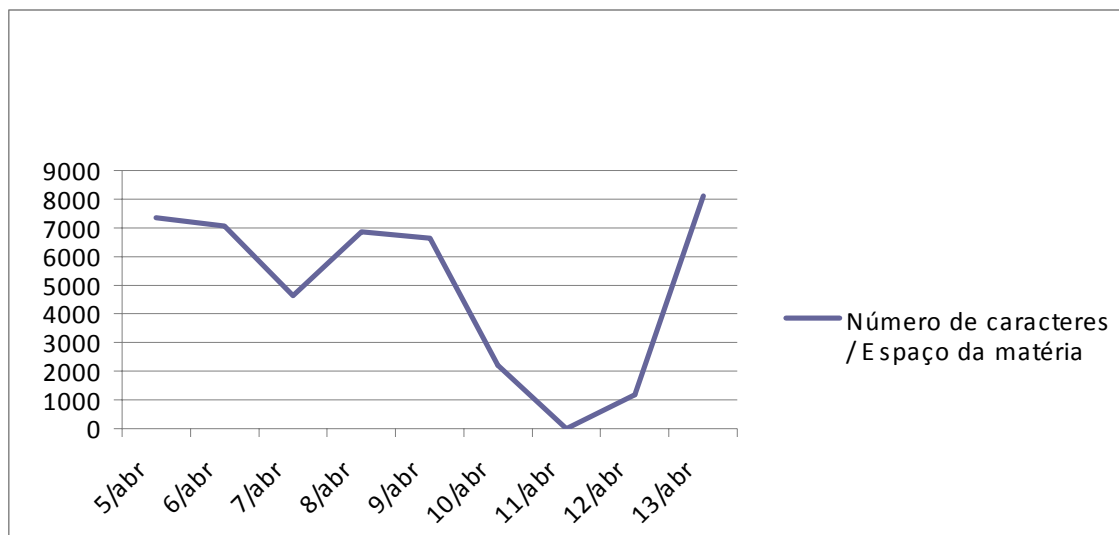
Novas ações –A trégua com a Veracel foi apenas passageira. O MST já articula novas invasões de terras na Bahia e promete manifestações no sul e extremo sul do Estado, onde estão os maiores acampamentos. (ATARDE, 13 abr. 2004)

O quadro 4 Número de Caracteres/Espaço da Matéria, retrata o interesse do jornal pelo percurso da ocupação enunciada do primeiro momento (Ocupação) ao último (Novas Ocupações). Nos dois primeiros dias as matérias sobre o fato ocupam um espaço expressivo, com apenas uma diferença de 4% do dia 05 para o dia 06. Já no último dia do momento Ocupação (07/04) percebe-se um decréscimo de 15% em relação ao dia 06, demonstrando a redução do impacto inicial da notícia.

No momento da negociação (08/04) há um crescimento de 33% em relação ao dia anterior, o que pode se explicar pelo surgimento e posicionamento de novos atores, tais como Governo do Estado e INCRA. As matérias do dia 09 fazem uma cobertura ampla do processo de desocupação, mantendo quase o mesmo destaque do dia 08, com apenas um decréscimo de 3%.

No momento Novas Ocupações registra-se uma queda vertiginosa de tamanho das matérias jornalísticas no dia 10 e não houve qualquer notícia no dia 11. O dia 12 traz uma pequena matéria (1.175 caracteres) sobre a reunião do MST para decidir as próximas ocupações e avaliar mobilização na semana anterior. A confirmação de que o INCRA cedeu às condições impostas pelo MST para desocupar a Veracel é relatada na maior matéria jornalística publicada (6.109 caracteres), no dia 13/04. Esta matéria informa sobre a desapropriação de 22 fazendas em 17 municípios baianos, além de focar a posição do MST sobre novas ocupações de terras na Bahia.

QUADRO 4 - Número de caracteres / Espaço da matéria



Fonte: Jornal ATARDE, abr. 2004

Sobre o espaço de cada matéria e o fator noticiabilidade, Christa Berger expõe,

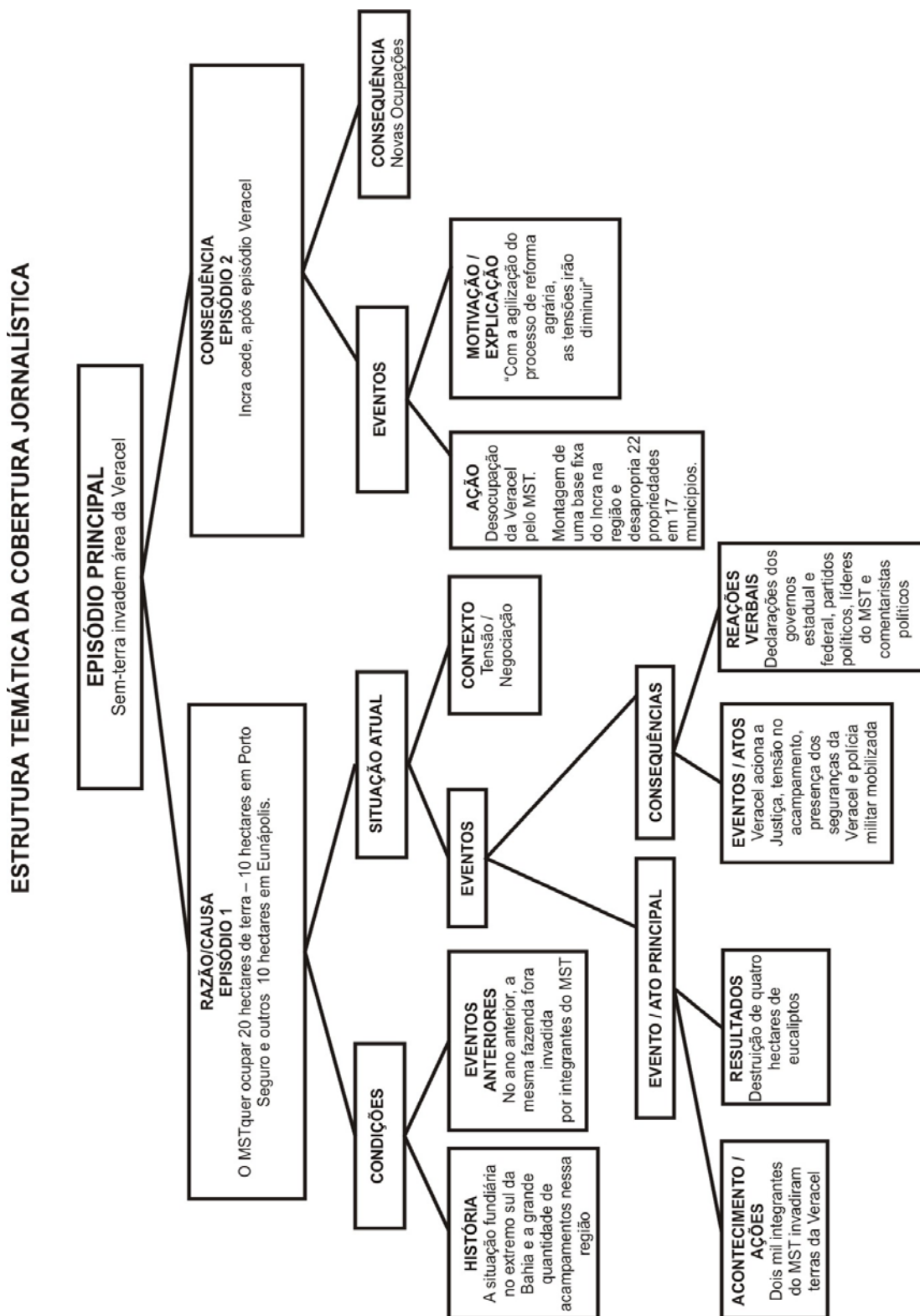
...Parece-nos uma sugestão interessante pensar, como critério de passagem do acontecimento à notícia, o espaço que ele virá a ocupar numa página. Mas mais interessante ainda é o outro sentido de caber, pois o acontecimento deve ser compatível com a “estrutura editorial”, ou seja, “caber” na ideologia do jornal. Acrescentamos a aprovação do anunciante e a aprovação do leitor para completar o círculo que ajuda a definir a noticiabilidade e, assim, a natureza da imprensa. (BERGER, 2003, p.37).

Essa dicotomia é apenas um dos fatores da realidade estudada, o exercício é imaginar como um veículo, que no seu dia-a-dia tenta conciliar interesses distintos, pode manter sua isenção na cobertura de um fato tão polêmico quanto à ocupação da Veracel Celulose S/A pelo MST, em abril de 1994.

Ao concluir a análise do percurso da ocupação enunciada, o trabalho retoma a proposta de Van Dijk de modelo de análise, que tem como base a estrutura temática da notícia e que vai permitir reconhecer que temas e categorias foram adotadas, ordenação e quantidade de informação em cada um dos temas e categorias semânticas. Segundo o autor, essas categorias organizam o conteúdo global e desempenham funções cognitivas e sociais na “produção informativa e na compreensão e memorização da notícia” (VAN DIJK, 1990).

Para melhor demonstração foi construído o quadro (Quadro 5) que considera como episódio principal a ocupação da Veracel e se desdobra em dois outros episódios, causa e consequência do episódio central.

QUADRO 5 – Estrutura temática da cobertura jornalística



Fonte: Jornal ATARDE, abr. 2004

Os conceitos organizacionais da estrutura temática facilitam a produção e compreensão da notícia, uma vez que “consequências” vêm antes de “condições” o que configura o princípio geral de “recência”, isto é, a apresentação dos temas não se baseia apenas pelo princípio de relevância.

Cognitivamente falando, ao ler uma notícia de jornal o leitor constroi um modelo próprio do evento de que trata o texto, e, a partir dele, atualiza modelos mais gerais formando novos conceitos ou modificando os já existentes. No caso em questão, os conceitos sobre reforma agrária, legislação de posse e uso da terra, papel dos movimentos sociais e da sociedade.

Na análise das matérias, foco desta pesquisa fica evidenciada a hierarquia das informações, quando o episódio 1 (Razão/Causa) vai se desdobrar nas categorias “Condições” e “Situação atual”. Para compreender o fato principal, a ocupação da área da Veracel, que configura a situação atual, são fornecidos ao leitor aspectos da história da situação fundiária na Bahia e dados sobre uma ocupação anterior da mesma fazenda pelo MST.

Os relatos das matérias permitem a compreensão da situação atual, cujo evento principal é informado nas matérias que destacam: o número de integrantes do MST (cerca de 2000) e os resultados dessa ação (destruição de quatro hectares de eucaliptos). As matérias ainda informam as “Consequências” do ato de ocupação, destacando a nota oficial da Veracel. Para conferir maior credibilidade às informações, as notícias reproduzem declarações textuais ou não das instituições oficiais, partidos políticos, líderes do movimento e comentaristas políticos. (Reações Verbais)

Ainda ligados à situação atual, os relatos enfatizam em que “Contexto” se desenvolvem as ações realçando o clima de tensão e os movimentos desenvolvidos pelo atores no sentido de se estabelecer o processo de negociação.

Na análise das matérias dos dias 12 e 13 de abril (matérias 19 a 22 do quadro 1) verificou-se a ênfase dada aos resultados da negociação: a desocupação da

Veracel, a montagem de uma base do Incra na região e a desapropriação de 22 áreas em 27 municípios. Na matéria de número 21, constante do quadro 1, “Incra cede, após episódio Veracel”, utiliza-se o recurso de declaração textual do superintendente do Incra como “Motivação/Explicação” dos resultados da ação acima descrita.

A leitura e análise das matérias, com base em Djik (2004), permite traçar um quadro que retrata a estrutura temática da cobertura jornalística da ocupação da Veracel, onde os princípios de relevância e recência se comprovam, já que é na matéria do último dia (13) que se percebe uma maior quantidade de informações e caracteres (6.109). Destaca, também neste último momento, a presença dos planos de novas ocupações por parte do MST.

No exemplo em questão, modelos específicos sobre a ação do MST ou atitudes políticas dos governos Estadual e Federal e/ou outros atores podem levar a uma representação da ação do movimento, não apenas como uma condição ou razão de luta pela terra, mas também como um pretexto para “infernizar os campos brasileiros desencadeando invasões de propriedades” (A Tarde, 08 abr. 2004)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto mais tortuosa a jornada maior o risco de se perder no caminho de volta. No caleidoscópio dos conceitos até aqui visitados, matérias analisadas, a dança das imagens não deve nos inebriar a ponto de escurecer a memória das motivações que se trazia na origem do empreendimento. Quando este trabalho começou, buscava determinar em que medida a cobertura jornalística sobre a ocupação da Veracel pelo MST, em abril de 2004, contribuiu para configurar a imagem de marginalização do movimento.

Para a consecução destes objetivos, primeiramente buscou-se um arcabouço teórico que desse conta das formulações sobre cultura, sociedade, reforma agrária, mídia impressa, movimentos sociais e as questões específicas da análise do discurso jornalístico para compreender a atuação do MST em determinado momento histórico e do jornal A Tarde ao promover a cobertura jornalística das ações do movimento.

O jornal logicamente não se posicionou sobre a ocupação da Veracel pelo MST. As ideias que defendia também não foram explicitadas. A luta pelo poder, busca pela sedução/cooptação e pela identificação de afinidades ficou mais evidente no momento de intermediação do Governo Estadual para a resolução do conflito. Cada fala autorizada; fonte oficial; dado novo informado pelos órgãos oficiais que negociavam a desocupação; cada declaração dos envolvidos, gestava um novo acontecimento discursivo, dentro de uma formação discursiva específica e tomava forma de matéria. O discurso então, “constrói uma verdade, dá rosto as coisas. Por isso o discurso é objeto de disputa, em vista do poder que em seu intermédio, se exerce” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 108).

Nessa perspectiva, as palavras e as suas colocações não são neutras, mesmo ao se buscar informar a verdade. Os sentidos estão impostos nas matérias e buscou-se medir a frequência com que os signos linguísticos traziam uma pluralidade de significados. Caminhos nublados e muitas vezes até obscuros, mas que podem ser revelados se analisados pelo viés da história, da memória, do tempo e de todo um contexto social que não só determina o fato, mas as suas interpretações.

A narração da ocupação da Veracel pelo MST segue um modelo de construção em que há uma hierarquia de temas definida a partir de decisões institucionais (editores, donos de jornais, etc.). Nota-se, também, que a construção do discurso jornalístico se baseia nos princípios de relevância e de recência para assegurar a compreensão e memorização da notícia.

As escolhas comunicativas são social, política e eticamente motivadas, o que o jornal A Tarde exercitou plenamente na cobertura do episódio Veracel. A hierarquia dos temas dessas matérias permite ver que a imagem depreciativa do MST apresentada ao leitor no primeiro momento “Ocupação” (quadro 2) é amenizada nos momentos “Negociação” e “Desocupação”, porém retoma com mais vigor, nas matérias “Incrá cede, após episódio Veracel” e “PF acompanha movimentação de sem-terra” que compõem o momento “Novas Ocupações”.

O emprego constante de expressões jurídicas e/ou policiais, como por exemplo, “invasão”, “liminar de despejo”, “reintegração de posse”, “proteção policial”, entre outras, caracterizam um discurso que atende às regras da linguagem técnico-jurídica para suprir possíveis deficiências ou dúvidas do leitor sobre a legitimidade ou não das ações do MST, induzindo a uma representação do Movimento como fora da lei, desordeiro e ilegal.

Os textos da cobertura jornalística indicam incapacidade de entender o MST como parte de uma cultura popular, um sistema simbólico, com uma lógica diversa da cultura letrada, o que resulta em diferentes interpretações.

Em nenhuma das matérias analisadas verifica-se a presença de argumentos sobre os impactos que a implantação da nova fábrica da Veracel trouxe ou poderia trazer para a região. As matérias destacavam quais as vantagens competitivas da multinacional fortalecendo uma imagem de crescimento econômico, em contraponto à imagem de destruição e vandalismo ligada à ocupação de abril de 2004.

Hoje, com a imagem relacionada à derrubada de laranjais da fazenda Cutrale³⁷, ocupações, marchas, fechamento de estradas, danificação de pedágios e, ultimamente, danificação das mudas de transgênicos na Syngenta³⁸ e a ocupação dos imóveis no Pará, o MST continua sendo o mais polêmico e midiático movimento social do Brasil. Desperta diferentes reações da sociedade, dividida entre verdades não reveladas e inverdades ditas e publicadas.

A divulgação das ocupações de terra noticiadas, no período de 05 a 13 de abril de 2004, confirma essa imagem de marginalização que empobrece e reduz a competência política do MST e sua oportunidade de evidenciar a priorização social e política da reforma agrária. No entanto, não possui elementos para atribuir um motivo determinante da construção dessa imagem. Acredito que seja fruto de vários fatores, entre os quais, desconhecimento, preconceito e comprometimento. Ousaria até afirmar que tais motivações aparecem assim seqüenciadas.

Independentemente da diversidade de opiniões favoráveis e contrárias, uma verdade permanece inegável como afirma um dos maiores críticos do MST, Zander Navarro³⁹, em texto publicado no jornal Folha de S. Paulo de 09 de dezembro de 2009, que "A maior vitória do MST é essencialmente política. Qual seja, mudar a correlação de forças no campo".

Os dados obtidos da análise do percurso da ocupação da Veracel apontam que a imagem do movimento formulada pela mídia que MST é o estuário de ações governamentais restritas e ineficazes, militância ativa e uma história de ganhos e perdas; a mídia é lugar de produção de sentidos e o encontro de ambos produz interpretações múltiplas.

³⁷ A fazenda da Cutrale em Borebi, interior de São, foi ocupada por integrantes do MST, em 27 de setembro de 2009, causando a destruição de milhares de pés de laranja.

³⁸ No dia 21 de outubro de 2007 cerca de 200 integrantes da Via Campesina e do MST ocuparam a fazenda experimental da Syngenta Seeds Santa Tereza do Oeste (PR). Durante confronto entre os sem-terra e seguranças na fazenda duas pessoas morreram e oito ficaram feridas. Foram mortos Valmir Mota de Oliveira, 32, conhecido como Keno, um dos principais líderes do MST na região oeste do Paraná, e o segurança Fábio Ferreira, 25.

³⁹ Zander Navarro, 58, mestre e doutor em sociologia, é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador visitante do Instituto de Estudos sobre o Desenvolvimento da Universidade de Sussex (Inglaterra). Atualmente integra a Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST percebe a mediação da informação quando dialoga com o poder político. A mídia reconhece seu poder na condição de mediadora. Ambos se reconhecem nesta condição e jogam um “jogo de usos”, o vermelho na cultura do papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire A. de. **Identidade, Distinção e Territorialização**: O processo de (Re) criação camponesa no Mato Grosso do Sul. 2003. 391 f. Tese (Doutorado em Geografia)Unesp, Presidente Prudente, 2003.

BARBERO, Jesús Martin. America Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARBERO, Jesús Martin. **Comunicación y Cultura**. Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad, Madrid, n. 19, p.21-26, set/nov. 1989.

BARBERO. Jesús Martin. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

BERGER, C. **Campos em confronto**: a terra e o texto. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia da Trocas Simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.

BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Cultura transnacional y culturas populares**. Seminário Latinoamericano sobre Cultura Transnacional, Culturas Populares y Políticas Culturais. Colômbia, 18-21 jun. 1985.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. México: Grijalbo, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2004.

CARVALHO JR., César Vaz de. COUTO FILHO, Vitor de Athayde. MACHADO, Gustavo B. **Atualidades, Perspectivas e desafios para o Espaço Rural Baiano**. Bahia 2000. Salvador: SEI, 2000

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade; a era da informação**: economia, sociedade e cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. 11. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

CERQUEIRA L, BRAGA A. Desastre de camará: o discurso jornalístico e “várias verdades”. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 18 mar. 2006, caderno 1, p. 7.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL (BA). **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS**: Sul da Bahia. Salvador: CAR, 1997.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

DIJK, Teun Van. A. **La Noticia como Discurso**. *Comprensión, Estructura y Producción de la Información*. Barcelona: Paidós, 1990.

DIJK, Teun Van. **Cognição, discurso e interação**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

ENGELS, Frederic; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes; 1990.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brasil**: 500 anos de luta pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST**: formação e territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.

GEERTZ, Clifford. Os usos da diversidade. In: GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GERMANI, Guiomar Inez. **Condiciones históricas sociales que regulan el acceso a la tierra em el espaço agrário de Brasil**. *Revista Eletrónica de Geografia y Ciencias Sociales*, Barcelona: Scrita Nova, n. 6, 1997.

GRAMSCI, Antonio. **A questão meridional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Los intelectuales y la organizacion de la cultura**. México: Juan Pablos, 1976.

GREGOLIN, M.R. (Org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

HAGEL, S. M.; ALMEIDA, L. S. **Movimentos sociais populares do campo e a afirmação do direito à educação: uma questão que envolve saber e poder**. Disponível em: <http://www.nead.gov.br/tmp/encontro/cdrom/gt/6/Salomao_Mufarrej_Hage.pdf> Acesso em: 23 maio 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: Liv Sovik (Org.) **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 2006: resultados preliminares**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Agropecuario_2006/>. Acesso em: 17 mar. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 1995-96**: Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE **Censo agropecuário 1985**: Bahia. Rio de Janeiro, 1991, 451p. (versão preliminar).

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Relatório da Ouvidoria**. Brasília: INCRA, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA. **Balanco da reforma agrária e da agricultura familiar**. Brasília: INCRA, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Brasília: INEP, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1987.

LECHE, Jonh. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

LEITE, Sérgio Pereira. [et al]. **Impactos dos assentamentos rurais: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. Brasília: NEAD, 2004.

LEMOS, José de Jesus S. **Pobreza rural e urbana no Brasil pós-plano real**. Disponível em: <<http://gipaf.cnptia.embrapa.br/itens/publ/sober/trab307.pdf>>. Acesso em: 14 jun.2007.

MARTINS, José de Souza. **Reforma Agrária: o Impossível Diálogo**. São Paulo: USP, 2004.

MEDEIROS, L. S. de. Os trabalhadores do campo e desencontros nas lutas por direitos. In: Medeiros, L. (Org.). **Movimentos sociais, reforma agrária e políticas públicas no Brasil hoje**. Palestra proferida na UFV Viçosa/MG. 29 mar. 2007.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986.

NAVARRO-BARBOSA, P. M. **Foucault e os domínios da linguagem**. São Paulo: Claraluz, 2004.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord). **Atlas do Bolso Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2009.

NOBLAT, Ricardo. MST é visto como sinônimo de violência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jun. 2008, caderno 1, p. 11.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez,2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PIMENTA, Antonio Carlos M. **A crise na região cacauzeira da Bahia**. Folha de S. Paulo, Caderno Dinheiro, 19 ago. 2000.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova questão agrária e a reinvenção do campesinato: o caso do MST. **Revista OSAL**, n. 16, 2005. Disponível em: <http://osal.clacso.org/dev/article.php3?id_article=109>. Acesso em: 25 set. 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RAVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

REZENDE, Gervásio de Castro. **Estado, Macroeconomia e Agricultura no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS/IPEA, 2003.

RUBEN, Guillermo. **Teoria da Identidade**: uma crítica. Anuário Antropológico. Brasília: UNB, 1986.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SCOLESE, Eduardo. **MST lidera quase metade dos sem-terra**. Folha de S. Paulo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u57288.shtml>>. Acesso em: 17 mar. 2007.

STÉDILE, João Pedro. **Movimentos sociais não conseguem falar com o povo**. Boletim NPC, Piratininga, n. 80, dez./2005.

STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: O debate tradicional: 1500 – 1960. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

STÉDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: O debate na esquerda: 1960 – 1980. São Paulo: Expressão Popular, 2005. .

STÉDILE, João Pedro (Org.) **A reforma agrária e a luta do MST**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

STÉDILE, João Pedro (Coord.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SUPERINTERNDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Cidades da Bahia**. Salvador: SEI, 1997. 150 p (séries e pesquisas, 35)

VANDERLINDE, Tarcísio. **Uma enigmática categoria que resiste**. Perspectiva Geográfica, Cascavel, v. 3, n. 3, 2007.

ANEXOS

mda.empauta.com

Ministério do Desenvolvimento Agrário Clipping da imprensa

*Brasília, 18 de fevereiro de 2005 às 13h38
Relatório da pesquisa*

RESUMO DA PESQUISA:

Período pesquisado:
 Início: 01 de abril de 2004
 Fim: 30 de abril de 2004
Veículo selecionado: A Tarde
Palavras-chave: veracel
Total de notícias: 26 resultados

05 de abril de 2004

A Tarde | BA

Área desmatada servirá ao plantio 3

A Tarde | BA

Sigilo garantiu sucesso da invasão 4

A Tarde | BA

Sem-terra invadem área da Veracel 5

06 de abril de 2004

A Tarde | BA

Empresa diz que ação é ilegal 6

A Tarde | BA

Vigilância é reforçada dia e noite 7

A Tarde | BA

MST avança sobre terras ocupadas 8

07 de abril de 2004

A Tarde | BA

As invasões na Bahia 9

COLUNA | SAMUEL CELESTINO

A Tarde | BA

Ministro condena ocupações 11

A Tarde | BA

Fazenda será reocupada 12

A Tarde | BA

Sem-terra prontos para conflito 13

08 de abril de 2004

A Tarde | BA

Lideranças insensatas 14

A Tarde | BA

Destino da ocupação em terras da Veracel sai hoje 16

A Tarde | BA

Veracel: reunião decide permanência ou expulsão do MST 18

A Tarde BA Sem-terra fazem acordo com governo para desocupar fazenda da Veracel, na BA	19
09 de abril de 2004	
A Tarde BA Acordo põe fim à ocupação	20
A Tarde BA MST aceita abandonar a fazenda da Veracel	21
A Tarde BA Ministro elogia decisão do MST na Bahia	23
10 de abril de 2004	
A Tarde BA MST promete invadir fazendas no Recôncavo	24
12 de abril de 2004	
A Tarde BA MST decide novas ocupações na Bahia	25
A Tarde BA PT atuará junto com governo para definir salário mínimo, diz Genoino	26
13 de abril de 2004	
A Tarde BA Incrá cede, após episódio Veracel	27
A Tarde BA PF acompanha movimentação de sem-terra	29
14 de abril de 2004	
A Tarde BA MST amplia número de invasões	30
18 de abril de 2004	
A Tarde BA Finlandeses visitam plantação	31
24 de abril de 2004	
A Tarde BA MST faz nona ocupação na Bahia	33
30 de abril de 2004	34

Área desmatada servirá ao plantio

Os eucaliptos da fazenda da Veracel tinham sido plantados há 11 meses e já estavam com mais de três metros de altura. Isso, contudo, não foi obstáculo para os sem-terra, que aos gritos e correndo entre a mata, colocaram milhares de árvores abaixo em pouco mais de uma hora. “Isso é uma praga. Queremos terra para plantar feijão, milho e arroz para comer”, diziam, alegres com a nova perspectiva de terem as terras desejadas, mesmo com o uso da força.

A agricultora Dalva de Jesus Souza, 42 anos e mãe de 10 filhos, mostrava-se cansada ao final da jornada, mas satisfeita por ter participado ativamente da derrubada dos eucaliptos. “Pari dois filhos, nesses 12 anos de luta pela terra, dentro de acampamentos. Mas eles (os filhos) só virão para cá, onde estou, depois que eu ganhar um pedacinho de terra para morar”, disse, misturada a outras centenas de mulheres e crianças no meio da mata.

O menor Wallace dos Santos, 12 anos, era um dos mais entusiasmados. Ele fazia questão de ir contando quantos eucaliptos ia derrubando. “Já derrubei 15. Dezesseis com esse”, dizia com um facão nas mãos. Em meio à correria dentro da mata, ele parecia explodir em revolta a cada investida sobre as árvores, e depois, em alegria, quando conseguia derrubá-la. “Tome, tome e tome”, falava, enquanto dava su-

cessivos golpes de facão.

Reencontros – Francisco Estrela, o “Chico Estrela”, como é conhecido em Porto Seguro, parecia ser um dos mais contentes com a invasão da fazenda da Vera Cruz Celulose. Não só pela derrubada de milhares de eucaliptos, mas, principalmente, por rever amigos de dezenas de outros acampamentos espalhados pela região.

Um dos primeiros líderes do movimento no interior do Estado, ele já coordenou acampamentos do **MST** no Recôncavo e no litoral norte, mas há vários anos que está longe de casa, morando no extremo sul. A cada líder que descia dos ônibus na porta do acampamento “Lulão”, que lidera desde a sua fundação, em 24 de março do ano passado, ele recebia cumprimentos animados. “Isso é que me dá ânimo no movimento e nessa vida”, dizia.

Outros trabalhadores também mostravam animação nos reencontros com amigos. Um grupo do acampamento Euclides Neto, localizado na cidade de Itamaraju, a 150 km de Eunápolis, fazia questão de enfatizar o espírito coletivo do movimento. “Hoje estamos aqui, derrubando árvores e ajudando nossos companheiros a armar seus barracos e, se possível, lutar com eles para garantir-lhes a posse da terra. Amanhã será a vez deles nos ajudarem, quando fizermos a nossa invasão”, diziam ao final da invasão.

Sigilo garantiu sucesso da invasão

A invasão da fazenda da Veracel, em Porto Seguro, foi decidida na última sexta feira, mas somente minutos antes foi comunicada aos **trabalhadores rurais** sem-terra. O sigilo da operação foi mantido pelos coordenadores dos acampamentos localizados nas regiões do baixo sul, sul e extremo sul, onde somente algumas lideranças sabiam com exatidão quais eram os planos do movimento.

No final do mês passado, Valmir Assunção viajou para a região do extremo sul, onde se reuniu várias vezes com os líderes dos acampamentos. A todos a palavra de ordem era o silêncio da operação. “Vamos realizar uma grande manifestação, que ainda não tem data e local definidos”, repetiu até os últimos instantes o líder do **MST** em Itamaraju, onde está o segundo maior acampamento do **MST** na Bahia (

Euclides Neto) , Wedes Queiroz.

Minutos antes da invasão, quando questionado por centenas de trabalhadores, o líder do Acampamento Luís Inácio Lula da Silva, em Porto Seguro, Francisco Estrela, dizia sempre que haveria uma ocupação. “Mas vocês aguardem, pois o que podemos dizer é que ela será de impacto e vai nos levar a forçar uma aceleração do processo de **reforma agrária** na Bahia”, afirmou.

Somente na assembléia, no próprio “Lulão”, que reuniu quase dois mil trabalhadores, é que cada um ficou sabendo da missão que teriam pela frente; atravessar a cerca que separava o acampamento das terras da Veracel. “Vocês peguem as foices e os facões, vão pela estrada gritando palavras de ordem e depois derubem tudo, que ainda hoje vamos plantar feijão e milho, em vez de eucaliptos”, disse Estrela.

Sem-terra invadem área da Veracel

Na madrugada de ontem, cerca de dois mil integrantes do MST invadiram terras da multinacional e devastaram quatro hectares

Adilson Fonsêca

EUNÁPOLIS/PORTO SEGURO – Em apenas uma hora e 15 minutos, quatro hectares de eucaliptos foram colocados abaixo por quase dois mil trabalhadores rurais ligados ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no município de Porto Seguro, a 810 km de Salvador. A área pertence à multinacional de celulose Veracel, uma das maiores empresas de celulose no Brasil e que possui extensas áreas de plantio entre os municípios de Porto Seguro, Eunápolis e Belmonte.

A derrubada dos eucaliptos e a imediata ocupação da fazenda foi uma operação rápida, que começou na madrugada de ontem, envolvendo centenas de famílias de diversos acampamentos do MST nas regiões do baixo sul, sul e extremo sul. Todo o processo contou com a participação da cúpula do MST no Estado, que deslocou 11 ônibus e dezenas de caminhões para levar os trabalhadores e ferramentas ao local da invasão.

Até o final da tarde de ontem a Polícia não tinha aparecido ao local e muito menos qualquer contato foi feito por diretores da Veracel com as lideranças do MST. O único sinal da presença de funcionários da empresa na área da invasão se deu com alguns seguranças, que ficaram olhando a derrubada dos eucaliptos de longe, mas iam embora ante qualquer tentativa de aproximação dos trabalhadores.

PARA VALER – Dispostos a tudo, os trabalhadores rurais mostraram que não temem o confronto, mesmo se for, neste caso, com uma poderosa multinacional. “Cansamos de esperar por soluções.

Chegou o momento de agir”, disse Valmir Assunção, coordenador do MST na Bahia, momentos antes de reunir o pessoal no acampamento “Lulão”. A área da fazenda da Veracel possui cerca de três mil hectares de plantação, mas é apenas uma das 28 propriedades que a empresa possui no município de Porto Seguro, todas plantadas com eucaliptos. Na região do extremo sul, a Veracel está presente em nove municípios, onde é dona de 65 mil hectares de terras.

O MST quer ocupar 20 hectares de terra – 10 hectares em Porto Seguro e outros 10 hectares em Eunápolis – para poder abrigar as famílias que estão acampadas somente nesses dois municípios. O coordenador do movimento na Bahia, Valmir Assunção, diz que a maioria das terras que poderiam ser disponibilizadas para a reforma agrária está nas mãos da Veracel, o que impede quaisquer ações mais efetivas do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

O ponto de partida da ação de ontem foi o Acampamento Sebastião Salgado, a pouco mais de três quilômetros na saída de Eunápolis. O acampamento, que possui 200 famílias, está localizado na extremidade de uma das propriedades da Veracel, na beira da BR-101, próximo de um assentamento do próprio MST na região, o Projeto Maravilha.

Valmir Assunção, disse que a invasão da Veracel mostra uma nova fase da luta pela reforma agrária na Bahia. “Passamos um ano na beira da estrada”, disse, referindo-se ao acampamento “Lulão”, o maior do MST no Estado, “e não vamos mais esperar”. Segundo ele, os quatro hectares de eucaliptos, que foram derrubados ontem, serão apenas os primeiros de uma série. “Vamos colocar os eucaliptos abaixo para plantar feijão e milho, que alimentam o povo, pois ninguém come eucalipto”, disse.

Empresa diz que ação é ilegal

Por meio da sua assessoria de imprensa, a Veracel emitiu, ontem à tarde, uma nota oficial na qual esclarece que a área invadida pelo **MST** é de 25 hectares e possuía mais de 21 mil pés de eucalipto, com mais de um ano de plantados. A nota diz: “Na madrugada de ontem, domingo, 4 de abril, integrantes do **Movimento dos Sem Terra (MST)** iniciaram a invasão da Fazenda Água Fria, de propriedade da Veracel. Os invasores já destruíram cerca de 25 hectares de plantio de eucaliptos e continuam retirando madeira para a construção de barracas no próprio local.

A ação do **MST** descumpre uma ação judicial, haja vista que, no ano passado, a mesma fazenda fora invadida por integrantes do movimento, tendo a Justiça reconhecido a ilegalidade do ato e concedido liminar em favor da Veracel, assegurando à empresa a ma-

nutenção da posse de sua propriedade. A Veracel, empresa constituída integralmente de acordo com os requisitos legais, lamenta o ocorrido porque a área invadida, que integra o Projeto Inhaíba, é uma propriedade produtiva, licenciada e cultivada em conformidade com rigorosos critérios técnicos e ambientais.

O cultivo de eucaliptos é uma atividade fundamental para a existência da futura fábrica de celulose da Veracel, um projeto responsável, atualmente, pela geração de cerca de oito mil empregos diretos e indiretos na região, empregos esses que contribuem para a melhoria da qualidade de vida de milhares de famílias. A Veracel, no uso de seus direitos assegurados por lei, está acionando a Justiça para que analise o caso. No momento, a empresa aguarda o posicionamento da Justiça e vai respeitar o resultado da decisão judicial”.

Vigilância é reforçada dia e noite

Para evitar qualquer surpresa, os sem-terra que ocupam as terras da Veracel, em Porto Seguro, criaram uma espécie de cordão de segurança em torno dos 25 hectares de área ocupada. A cada 100 metros eles ergueram um posto de vigilância, com homens que se intercomunicam utilizando mensageiros.

Na entrada principal do novo acampamento foi montada uma guarita cercada de arame farpado, onde só entra quem tem autorização dos líderes. À noite existe um horário marcado para entrada e saída dos acampados. O medo é que haja confronto com os seguranças da Veracel.

Na área invadida estão sendo erguidas cercas e postos avançados de vigilância, de onde se pode ver quem se aproxima do local. Trabalhadores sem-terra andam em pequenos grupos e circulam pela área próxima a uma das sedes da fazenda, que está vazia. Vigiam todos os acessos e, desconfiados, não dão entrevistas e só falam com autorização das lideranças. No acampamento mais antigo, o “Lulão”, a segurança também foi reforçada e a entrada de pessoas que não são ligadas ao movimento também não é permitida.

Santo Amaro – Até o próximo dia 17, quando será lembrado em todos os acampamentos do **MST** o Massacre de Carajás (quando 19 sem-terra foram mortos) , as invasões irão continuar. O movimento diz que não há um número definido de propriedades a

serem ocupadas, mas informa que em todo o Estado existem 250 fazendas listadas que serão apresentadas ao **Incra** (**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**) para serem incluídas na reforma agrária.

O coordenador do movimento na Bahia, Valmir Assunção, diz que a próxima área a ser ocupada é a região oeste, onde já existem 15 acampamentos do **MST** prontos para ocupar uma fazenda, cujo local vem sendo mantido em sigilo. “Vamos adotar o mesmo processo de Eunápolis e ocupar a terra para plantar”, disse Valmir.

Cumprindo o que vem anunciando desde o final do mês passado, as invasões continuam sendo feitas. Ontem de madrugada foi a vez da Fazenda Nossa Senhora do Socorro, em Santo Amaro, a 120 km de Salvador, ocupada por 150 famílias. A fazenda tem 1.200 hectares e é de propriedade de Jairo do Amor Divino e vem sendo disputada pelos sem-terra há três anos. A propriedade foi vistoriada no ano passado, mas se encontra sub judice (parado na Justiça) , o que irritou os líderes do movimento, que cobram uma definição.

Até ontem tinham sido invadidas fazendas nos municípios de Guaratinga, Porto Seguro, Santo Amaro e Arataca. Nesta última, as 150 famílias que estavam no local foram expulsas pela Polícia Militar, mas prometem retornar nos próximos dias. Outras fazendas, localizadas nos municípios de Mucuri, Prado e Guaratinga estão ocupadas há mais de um ano.

MST avança sobre terras ocupadas

Sem-terra ampliam ações na área da Veracel, invadem fazenda no Recôncavo e preparam megainvasão em Barreiras
ADILSON FONSÊCA

PORTO SEGURO/EUNÁPOLIS – O barulho era de um gemido de um homem no auge da dor física. Era, de fato, o som da queda dos primeiros pés adultos de eucalipto, com mais de 30 metros, em uma das áreas de plantio da Veracel Celulose, em Porto Seguro. Ontem, mais de 100 pés foram ao chão, devastando mais ainda o espaço ocupado na madrugada de sábado para domingo por cerca de dois mil integrantes do **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**.

A situação ficou tensa ontem pela manhã, quando os líderes da invasão determinaram que fossem derrubadas as árvores adultas de outra plantação, anexa à área invadida no dia anterior. Cantando palavras de ordem, centenas de trabalhadores empunharam os machados, foices e facões e fizeram a derrubada. Em seguida atearam fogo no matagal, provocando uma intensa fumaça que chamou a atenção de muitos motoristas que passavam pela estrada que liga Eunápolis a Porto Seguro.

A ocupação das terras da Veracel já atingia, ontem, uma área de 25 hectares, onde estavam plantados 21 mil pés de eucalipto. Segundo explicou o assessor de comunicação da Veracel, Gleisson Resende, a empresa já comunicou a invasão à Justiça e espera resposta para poder agir. “Vamos aguardar a decisão”, disse.

MAIS GENTE – Até ontem ainda continuavam chegando mais famílias ao local invadido. Segundo explicou o líder do acampamento, Oronildo Costa, 3.500 famílias tinham sido cadastradas, com previsão de quatro mil até o final de semana. A maioria delas vem de municípios próximos, onde já estavam cadastradas pelo movimento e só aguardavam o sinal verde para ocupar as terras.

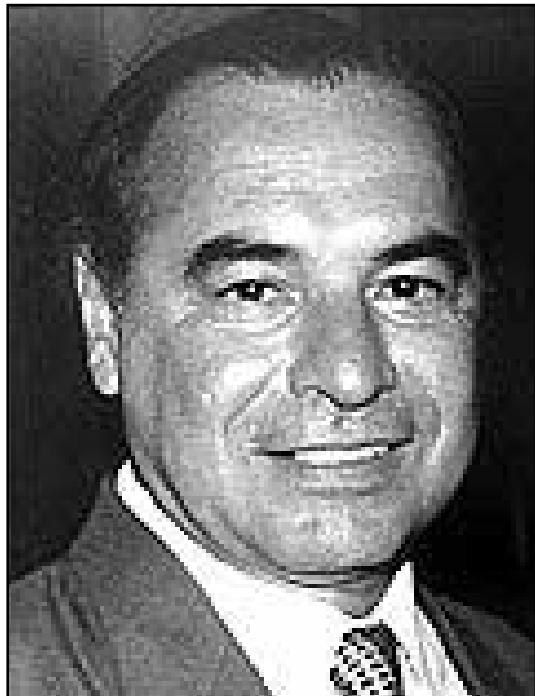
Oronildo explica que os trabalhadores ligados ao **MST** vieram para ficar. Tanto é que todas as famílias que chegam ao local trazem todos os seus pertences, numa demonstração clara de que pretendem ocupar, em definitivo, as terras da Veracel. Os barracos estão sendo montados com os troncos dos próprios eucaliptos e os trabalhadores já cuidam de separar a área de moradia da área onde pretendem plantar, delimitar ruas e espaços para armazém e até mesmo uma escola.

Ontem pela manhã os trabalhadores começaram o plantio de feijão e hoje plantarão milho e mandioca. As sementes estão vindos de outros acampamentos e de doações de entidades ligadas à Igreja Católica e de sindicatos rurais. “Daqui a gente não sai mais e o que antes era eucalipto agora será uma grande plantação de alimentos para quem tem fome”, disse Oronildo.

Matérias anteriores
Sem-terra ocupa duas fazendas na BA Sigilo garantiu sucesso da invasão
MST aguarda nova ordem para entrar Mobilização pretende aproveitar o 1º de maio
MST cumpre promessa e dá início às invasões
MST promete mais ocupações Fazendeiros pedem ajuda ao Estado

As invasões na Bahia

COLUNA



Samuel Celestino

A palavra de ordem do líder João Pedro Stédile avisando com antecedência que transformaria este abril “num inferno”, tais as invasões que o **MST** procederia, não foi mera figura de retórica. Ele substituiu posteriormente a palavra “infernizar” por “azucrinar”, mas o efeito desejado estava obtido: o País sentiu o impacto e, em expectativa, chegou a esperar que a ordem pública fosse quebrada.

A onda de invasões do **MST** acontece de forma mais acentuada no Nordeste, em Pernambuco e na Bahia em especial, principalmente no extremo sul do Estado, em áreas nobres, produtivas, que sirvam de vitrine, de propaganda para a ação política do Movimento. Agora, foram invadidas fazendas de eucalipto, do pólo de celulose da Bahia (Veracel) em fase de implantação. As invasões geraram questões na Justiça que determinou a reintegração de posse, decisões judiciais obtidas nas comarcas de Santa Cruz de Cabralia e Porto Seguro.

Nas últimas horas, o governador Paulo Souto foi acionado. Decisões judiciais são para ser cumpridas. O governo quer tratar a questão como deve, dialogando com os invasores, de maneira que a ordem retorne e qualquer possibilidade de violência (além da invasão, já registrada) seja conjurada.

O governo da República também se assustou diante da repercussão das declarações de Stédile junto à opinião pública e no Congresso Nacional. Forçou o presidente Lula, já envolvido em dificuldades resultantes da crise política instalada no coração do seu governo (que dá sinais de que começa a se dissipar), a condenar qualquer tentativa de quebra de ordem e avisar que ninguém fará a **reforma agrária** “no grito ou com desordem”, afirmando que o Estado a implantará gradativamente e dentro da lei.

O problema é que a União não dispõe de recursos para mudar a estrutura rural brasileira de forma repentina, com uma varinha mágica. É um problema que se arrasta há séculos (os Estados Unidos fizeram a sua reforma no século XVIII) e, portanto, necessita paciência, embora se entendam as preocupações do **MST**, calcadas na grande injustiça social brasileira. Injustiça que não está, porém, exclusivamente no campo, mas também nos centros urbanos.

Quem passar pela BR-101 com destino ao Sul, se assusta com as invasões às margens da estrada em território baiano. Invasões que se multiplicam geometricamente. São concebidas de forma singular. Já não se trata de invadir terras improdutivas. Invadem-se terras plantadas, como os eucaliptos plantados pela Veracel, no pólo de celulose que surge na região de Eunápolis.

As preocupações do governo baiano têm sentido e Souto pede calma para que se estabeleçam diálogos e, a partir deles, encontrem-se soluções com o cumprimento das ordens judiciais e a reintegração da posse.

Fora daí é desordem, é inaceitável. A empresa de celulose invadida – que deverá gerar cinco mil empregos na região – teme por 10 hectares de eucaliptos já com sete anos e meio de plantados.

A crise social brasileira se aguça, é perversa. A União tem a obrigação de acelerar o seu projeto de reforma e de assentamento de famílias, mas as lideranças do **MST** têm que ter o descortínio de que não podem agir (embora devam pressionar) praticando destruição e ocupando áreas produtivas de pólos econômicos que geram empregos, conseqüentemente crescimento.

E só com o crescimento econômico e a geração de empregos se combatem as injustiças sociais.

Civilidade

A forte tônica de civilidade política observada na primeira iniciativa do Instituto Simões Filho, anteontem, no Fiesta Convention Center, repetiu-se menos de 24 horas depois, dessa vez no Palácio de Ondina.

Não parece ser clima da Semana Santa e, sim, uma nova reflexão sobre a atividade política que perpassa alguns segmentos importantes da política baiana.

O governador Paulo Souto ofereceu um almoço ao ministro de Cidades, Olívio Dutra, e aos secretários nacionais que acompanharam a sua comitiva e que, com ele, assinaram diversos protocolos assegurando obras da União para a Bahia e a retomada das obras do metrô de Salvador.

Mais civilidade -II

Ao lado do governador Paulo Souto no almoço de

Ondina, o prefeito Antonio Imbassahy e ao lado do ministro Olívio Dutra, o candidato a prefeito pelo PT, Nelson Pelegrino, além do presidente da Assembléia, Carlos Gaban, e secretários de Estado.

Tão descontraído foi o almoço que Ondina mais parecia dar abrigo a correligionários com os mesmos propósitos políticos. Deu até margem, entre um assunto e outro, para que o candidato do PT pedisse uma audiência a Imbassahy e este respondeu prontamente a Pelegrino que teria prazer em recebê-lo pedindo que com ele levasse o presidente regional do PT, deputado Josias Gomes, com quem mantém bom diálogo.

É. Bola para frente. . .

Propaganda

A propaganda eleitoral do PP que está sendo exibida na televisão é deselegante com o prefeito Antonio Imbassahy.

Aliás, partindo de quem produziu, não surpreende. Surpresa seria encontrar senso de responsabilidade e equilíbrio emocional, que nunca foram o forte de Marcos Medrado. Não se pode negar que a prefeitura realizou obras no Subúrbio Ferroviário, desde a recuperação total da Avenida Suburbana a projetos em todos os seus bairros.

O último deles, aliás, só para reavivar a memória do vice-prefeito, foi a total requalificação de uma escola em Coutos, com a implantação de uma proposta pedagógica inovadora.

Esse Medrado, ao invés de “unir forças”, desata nós, enquanto, nele próprio, aplica um nó cego.

Nó de marinheiro de catraia.

Ministro condena ocupações

São Paulo – O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, disse ontem em São Paulo que a invasão de terras por parte de militantes do **MST** é “uma coisa chata e desagradável”. Segundo ele, as invasões apenas complicam a implantação do projeto de **reforma agrária** do governo. Para ele, os sem-terra precisam entender que a reforma acontecerá no tempo certo.

– A invasão é uma coisa desagradável, chata, complicada e preocupante – disse o ministro, em entrevista no seminário “Perspectivas para o Agribusiness”, realizada ontem, em São Paulo, num

evento promovido pela Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) .

Rodrigues disse que as invasões que ocorrem durante o chamado “abril vermelho”, com ocupações de terra em todo o País e com a derrubada de matas de eucalipto da Veracel, na Bahia, apenas dificultam a implementação do projeto do presidente Lula.

- É coisa de um movimento que deseja pressionar o governo, colocando um impacto muito mais emocional do que prático na questão - avaliou o ministro.

Mais **MST** na página seguinte

Fazenda será reocupada

As 150 famílias que foram despejadas da Fazenda Santa Luzia, no distrito de Anuri, município de Aratoca, a 495 km de Salvador, foram convocados pelo **MST** a retornar à propriedade. A reocupação foi marcada para a manhã de hoje, conforme explicou o coordenador Valmir Assunção. A fazenda possui 615 hectares e foi vistoriada pelo **Incra**, mas cujo pro-

cesso de desapropriação está parado na Justiça.

A resistência na Fazenda Santa Luzia coincide com o batismo do acampamento dos sem-terra na Veracel, que passou a ser chamado de Eldorado de Carajás, numa clara referência ao massacre de 19 sem-terra, em 17 de abril de 1996, mortos pela Polícia Militar do Estado do Pará. “Aqui é a nossa resistência e referência de luta”, disse Assunção.

Sem-terra prontos para conflito

Casa Militar tenta diálogo, mas trabalhadores prometem resistir a uma ação de despejo e garantem que não deixam terras

Adilson Fonsêca

Eunápolis/Porto Seguro – As 3.500 famílias que estão acampadas desde o último domingo nas terras da Veracel, entre os municípios de Porto Seguro e Eunápolis, estão dispostas a resistir a qualquer ação de despejo determinada pela justiça. Ontem pela manhã a direção estadual do **MST** (**Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**) foi comunicada oficialmente da decisão de reintegração de posse, em favor da Veracel.

Ante a possibilidade de conflito, a Casa Militar do Governo do Estado chamou a coordenação estadual do **MST** para tentar mediar um acordo com a Veracel e evitar o confronto, alertando sobre os riscos que o movimento corre ante uma possível ação da polícia. Na conversa que teve com o coronel Cristóvão, chefe da Casa Militar, Valmir Assunção, líder do **MST** na Bahia, foi informado que a Polícia Militar já estaria pronta para agir, cumprindo determinações da justiça.

“Não há o que negociar, pois não iremos sair pacificamente da área ocupada. Se fizer isso estarei destruindo o sonho de milhares de famílias que estão aqui”, respondeu Valmir, que ontem mesmo se deslocou, com outros integrantes da direção estadual do **MST**, de Salvador para Porto Seguro, para participar da resistência ante uma possível ação da Polícia Militar.

SEM SAÍDA – A ocupação das terras da Veracel

ganhou repercussão nacional e colocou, tanto o governo do Estado como o federal, diante de um impasse. Se ceder à pressão do **MST**, o governo dará mostra de enfraquecimento e, ao mesmo tempo, estímulo para novas ocupações. Por outro lado, se intervir com a polícia, corre o risco de repetir uma tragédia, semelhante ao que aconteceu há oito anos, em Eldorado dos Carajás, quando 19 sem-terra morreram em confronto com a Polícia Militar do Estado do Pará.

A direção da Veracel reiterou, ontem, que aguarda uma ação da Justiça, com base no “Interdito Proibitório”, determinado no ano passado, que lhe garante a posse da terra. A decisão considera a ação do **MST** de ocupar as terras da Veracel como ilegal. Mesmo assim, alguns diretores manifestaram o temor de que outras áreas da empresa, que atua em nove municípios do extremo sul, venham a ser ocupadas pelos sem-terra. A Veracel domina 65 mil hectares de terras nesta região da Bahia, plantados com eucaliptos.

Ontem os líderes do acampamento se reuniram com representantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e com lideranças do PT (Partido dos Trabalhadores) de Eunápolis. As suspeitas de uma ação de reintegração de posse, com o apoio da Polícia Militar, ganhou contornos mais nítidos com a presença de dez ônibus vazios que se deslocaram de Eunápolis para Porto Seguro. “O governo não apresenta alternativas e nós não vamos sair. Não existe essa possibilidade”, disse o coordenador regional do movimento, Valmir Assunção.

Lideranças insensatas

Samuel Celestino celestino@atarde.com.br

Este jornal publicou na sua terceira página de ontem, em seqüência à manchete de primeira página, uma fotografia de Carlos Casaes que revela o desatino, a inseqüência e a exata extensão da insensata provocação do líder do **MST**, João Pedro Stédile, que prometeu “infernizar” os campos brasileiros desencadeando invasões de propriedades: um trabalhador do **movimento dos sem terra** abateu um pé de eucalipto numa das fazendas da Veracel na região de Eunápolis.

Imagens semelhantes foram publicadas em diversos jornais de grande circulação do País e mostradas nos noticiários das redes nacionais de televisão. Se a destruição por si só choca, dói a ausência de comprometimento de trabalhadores do **MST** com um País que necessita crescer e fortalecer a sua economia em nome exatamente dos excluídos.

Seguramente, o trabalhador executava ordens de lideranças incapazes, destrambelhadas. A plantação de eucaliptos da Veracel do nascente pólo de celulose da Bahia aparecia na foto parcialmente destruída. A razão da destruição foi justificada com uma frase idiota de um desses líderes. Disse ele que derrubava os eucaliptos para plantar feijão, complementando com uma imbecilidade maior: “Eucalipto não se come”.

Dói ainda mais a falta de consciência com os valores da terra. Come-se petróleo? Não? Então, justifica-se, de acordo com esse raciocínio, destruir a Petrobras. O impasse estabelecido pelo **MST** ao ocupar plantações de eucaliptos da Veracel e destruí-los nada mais é do que um lance do **MST** para propagar a sua luta pelo assentamento de famílias excluídas e pressionar para que o governo apresse a **reforma agrária**.

Tanto a luta é válida como a reforma é necessária.

O que é incorreto é essa forma desmiolada de propagar a ação do movimento, resultado de lideranças incapazes, mal formadas, que não têm noção da responsabilidade.

A invasão das terras na região de Eunápolis, onde se situa o pólo de celulose das Bahia ganhou dimensão nacional em razão dos investimentos que a multinacional realiza e o seu significado para as economias baiana e brasileira, além de gerar milhares de empregos.

A empresa investe US\$ 1, 25 bilhão e a fábrica que transformará o eucalipto em celulose deverá gerar, já a partir de 2005, exportações em torno de US\$ 500 milhões/ano.

É um dos maiores projetos que, no momento, está sendo tocado no Brasil. O impacto que causará no Extremo Sul do Estado está vocacionado a revolucionar toda a região.

É pena que as lideranças vesgas que comandam politicamente o **MST** manipulem **os trabalhadores sem terra** para ações negativas que maculam a imagem de um movimento que tem um objetivo nobre, além de ser socialmente correto.

Invasão

O presidente regional do PT, deputado federal Josias Gomes, condenou as ações do **MST** no Extremo Sul da Bahia e a “insensata invasão da fazenda da Veracel”.

Josias, que é agrônomo por formação, condena a linha de ação do **MST** que, para ele, não incorpora o debate sadio e, sim, procura o enfrentamento indesejado com o Estado brasileiro.

O presidente do PT regional disse que o projeto que se implanta na região de Eunápolis está destinado a mudar a produção na região, gerando empregos e tra-

balho.

“Nós somos favoráveis à **reforma agrária**. O presidente Lula já disse que a fará, mas é preciso paciência. Aqui na Bahia, por exemplo, tenho absoluta certeza de que o presidente implantará um projeto de reforma dos mais avançados do País”.

Josias Gomes ressalta que a **reforma agrária** brasileira está surgindo com muito atraso.

“Na verdade, ela deveria ter sido introduzida no momento da abolição da escravatura, no século XIX. Se isso tivesse acontecido, o Brasil seria outro”.

Líder crítica

Indignado, o líder do PFL na Câmara, deputado José Carlos Aleluia, disse que as imagens da ocupação feita por integrantes do **MST** em áreas de cultivo de eucaliptos no extremo sul da Bahia “são cenas típicas de um País em desordem”.

A área invadida pertence à maior produtora de celulose branqueada, a Aracruz Celulose, que se uniu à suco-finlandesa Stora para criar o projeto Veracel, que prevê uma produção de 900 mil toneladas de celulose branqueada.

Para o deputado, a invasão mostrou não apenas a desorientação, mas também a falta de compromisso do governo com a palavra dada. Lembrou que, no ano passado, o presidente recebeu os empresários europeus que decidiram investir US\$ 1, 25 bilhão no cultivo da celulose “e agora estão sendo enganados”.

O líder reforçou suas críticas afirmando que “políticas e decisões são tomadas por símbolos e este é o do governo Lula”. “É por isso que o desemprego está aí, ninguém investe no Brasil porque não confia no governo. Aonde vamos chegar e para onde vamos?” perguntou.

Santa casa

Se a casa é santa, agora pairam dúvidas, mas, com certeza, não é de misericórdia. Quem leu o artigo da historiadora e acadêmica Consuelo Novaes, ontem, neste jornal, não pode deixar de se indignar com a decisão do provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, cujo tratamento é “Vossa Caridade”, desde que a primeira Santa Casa foi fundada em 1492 pela rainha D. Leonor, mãe do rei D. Manuel, o Venturoso, que impulsionou as conquistas da navegação lusa.

Pois é. Quem não leu o artigo deveria ler para saber como “Vossa Caridade” mandou despejar a quase histórica Livraria Universitária, na Praça da Sé, onde, há 65 anos, o livreiro Abdon Rosado, hoje com 88 anos de idade, vende livros e contribui para a formação da cultura baiana.

O provedor, lembra Consuelo, tem a missão de prover, nunca de tirar. Mas é isso mesmo. A Santa Casa da Misericórdia mudou. Pena. Primeiro foi a Pupileira, em Nazaré. Agora, não respeitam nem o querido Abdon.

Porca miséria!

Destino da ocupação em terras da Veracel sai hoje

Governo do Estado e Incra reúnem-se para decidir desocupação de área da empresa

ADILSON FONSÊCA

EUNÁPOLIS E PORTO SEGURO) – Da reunião marcada para a manhã de hoje, na Secretaria da Agricultura, em Salvador, sairá a solução de paz ou de confronto entre os integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e os donos da Veracel Celulose. As terras da empresa, em Porto Seguro, foram invadidas no último domingo por mais de duas mil famílias que permanecem acampadas no local e derrubaram milhares de pés de eucalipto numa área de 25 hectares.

Ontem pela manhã, 26 ônibus foram deslocados para as proximidades do acampamento onde estão as famílias dos sem-terra. Os veículos, disponibilizados pela Veracel, serviriam ao deslocamento dos sem-terra, e contaria com a presença da Polícia Militar. Mas o pelotão do Batalhão de Choque não passou da cidade de Itabuna, a 217 km de Eunápolis. A informação sobre a ação da Polícia Militar foi passada, segundo explicou o coordenador do MST, Valmir Assunção, por um coronel da Casa Militar, José Alves, por telefone, de Salvador.

Os ônibus chegaram cedo e permaneceram, por toda a manhã, à espera da Polícia Militar, que recebeu ordens, contudo, de não intervir e esperar o resultado da reunião em Salvador, hoje de manhã. A reunião, que acontecerá às 11 horas, foi convocada pela Casa Militar do governo do Estado e deverá contar com a participação do secretário executivo do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Marco Kovalic, do secretário estadual da Agricultura, Pedro Barbosa de Deus, do chefe da Casa Militar, coronel Cristóvão Rios, e de representantes do MST. Os representantes da Veracel, contudo, não irão participar.

FAZENDAS – Para que haja uma retirada pacífica, o

MST impõe condições, como a cessão de 20 mil hectares de terras – 10 mil hectares em Porto Seguro e 10 mil em Eunápolis –, agilização nos processos de desapropriação de fazendas em todo o Estado e implantação de infra-estrutura nos assentamentos já consolidados.

Conforme explicou o coordenador estadual do MST, Valmir Assunção, somente com a cessão dos 20 mil hectares é que se pode falar em retirada pacífica das famílias acampadas nas terras da Veracel, em Porto Seguro. “Não queremos, necessariamente, que sejam as terras da Veracel, mas queremos que sejam dadas as terras para que possamos assentar, pelo menos, mil famílias, o que aliviaria a pressão nos acampamentos no sul e extremo sul”, disse.

Além de exigir que sejam feitas uma série de melhorias nos assentamentos e agilizados os processos de desapropriação de terras, pelo Incra, o MST quer que haja uma definição quanto aos destinos das fazendas Canadá, Corumbau, Santa Maria, Itatiaia, Rosa do Prado, Santa Luzia, São José, Pilões e Pedra Mole.

Todas as fazendas estão localizadas nas regiões sul e extremo sul da Bahia, há mais de um ano. Essas propriedades já foram vistoriadas pelo Incra, mas os processos finais de reforma agrária encontram-se parados na Justiça. Em algumas dessas fazendas, como a Canadá, em Mucuri, ocupada por mais de 200 famílias, já ocorreram 19 ações de reintegração de posse, descumpridas sucessivamente pelos integrantes do MST.

retirada – Por volta das 9 horas, 26 ônibus, vindo das cidades de Belmonte e Itapebi, a 55 e 30 quilômetros do local, onde estão as mais de 2 mil famílias de sem-terra acampadas na área da Veracel, se posicionaram numa estrada vicinal, aguardando ordens para chegar até o acampamento e transportar as famílias até os seus locais de origem.

Continuação: Destino da ocupação em terras da Veracel sai hoje

A orientação dada aos motoristas é de que eles teriam que aguardar a chegada da Polícia Militar, que viria com uma tropa de choque da cidade de Itabuna, onde já estaria desde o dia anterior. A apreensão tomou conta do acampamento e os homens abandonaram o plantio de semente e se posicionaram nas guaritas de vigilância, fechando o portão de acesso ao interior do acampamento. “Eles (os policiais) terão que ser muitos para nos desalojar”, disseram alguns.

No acampamento, ante a possibilidade de invasão do local pela Polícia Militar, os sem-terra apressaram a construção de mais barracos e reforçaram a vi-

gilância. Os grupos nas guaritas, construídas a cada 100 metros na beira da BR-467 (Eunápolis/Porto Seguro) , ficaram de soltar rojões para avisar os demais sobre a chegada dos policiais. “Vamos ver no que vai dar”, disse o líder do acampamento, Onorildo Costa.

Matérias anteriores
Ministro condena ocupações
Fazenda será reocupada Sem-terra prontos para conflito
Mais duas fazendas invadidas no Mato Grosso
MST avança sobre terras ocupadas
Protesto hoje poupará Lula
Invasões são chatas, desagradáveis e preocupantes", diz ministro
MST bloqueia rodovia em Porto Alegre
Sem-terra ocupa duas fazendas na BA

Veracel: reunião decide permanência ou expulsão do MST

A permanência ou expulsão do Movimento do **Sem Terra** (**MST**) na Vereacel Celulose, em Eunápolis, sul do Bahia, será decidida na manhã desta quinta-feira, 8, na Secretaria de Agricultura, em Salvador.

No encontro, estarão presentes o secretário executivo do **Incra** (**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**), Marco Kovalic, do secretário estadual da Agricultura, Pedro Barbosa de Deus, do chefe da Casa Militar, coronel Cristóvão Rios e representantes do grupo.

Segundo o capitão da Polícia Militar de Eunápolis,

Ivanildo de Souza, uma tropa de choque está chegando à cidade, por volta das 13h, e só vai intervir após o resultado da reunião. "Nós vamos cumprir o que for determinado pela justiça", diz.

Para sair pacificamente do local, O **MST** exigiu a cessão de 20 mil hectares de terras – 10 mil hectares em Porto Seguro e 10 mil em Eunápolis –, a rapidez na desapropriação de fazendas em todo o Estado e implantação de infra-estrutura nos assentamentos.

As terras da empresa foram ocupadas no domingo, 4, por aproximadamente duas mil famílias. O grupo derrubou milhares de pés de eucalipto numa área de 25 hectares.

Sem-terra fazem acordo com governo para desocupar fazenda da Veracel, na BA

Da Agência Estado

Saiu o acordo entre a liderança do Movimento dos **Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)** e os representantes do governo baiano, para desocupação dos 25 hectares de uma fazenda da fábrica de celulose da Veracel, em Porto Seguro, no extremo-sul do estado. No início da tarde, depois de três horas de negociações, na sede da Secretaria da Agricultura, entre o representante do **MST**, Valmir Assunção, o

secretário da Agricultura da Bahia, Pedro Barbosa, e o superintendente regional do **Instituto Nacional de**

Colonização e Reforma Agrária (**Incra**), Marcelino Galo, ficou decidido que os sem-terra vão deixar a área. O **Incra** se comprometeu a instalar em Itamaraju, uma das maiores cidades da região, um escritório avançado para acelerar o assentamento de famílias de sem-terra em 5 mil hectares distribuídos em 6 propriedades. Assunção saiu satisfeito da reunião, pois segundo ele, o **MST** teve um ganho de divulgação da luta pela reforma agrária.

Acordo põe fim à ocupação

NIKAS ROCHA

A reunião na qual a direção do **MST** concordou em desocupar a fazenda da Veracel Celulose durou três horas. O acordo foi possível após os representantes do **Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra)** garantirem que o órgão montará um posto avançado com quatro equipes técnicas em Itamaraju para agilizar a vistoria das fazendas na região do extremo sul do Estado, com o objetivo de fazer novas desapropriações.

A reunião realizada na Secretaria Estadual de Agricultura e Reforma Agrária era aguardada com expectativa e, até, certa tensão. É que, acatando uma ação da Veracel, a Justiça tinha decidido pela desocupação da área de 25 hectares invadida desde domingo. A empresa possui 95 mil hectares entre Porto Seguro e Eunápolis, onde planta eucaliptos para a fabricação de celulose.

O acordo deixou a direção estadual do **MST** satisfeita, embora o que foi assegurado não fosse a proposta inicial do movimento. Antes de entrar na reunião, Valmir Assunção, membro da direção, disse que os trabalhadores só aceitariam desocupar a área sob a condição de que o **Incra** garantisse a desapropriação de 20 mil hectares, sendo metade em Porto Seguro e outra metade em Eunápolis. Assunção estava acompanhado de integrantes do movimento e do deputado federal Luiz Alberto(PT) .

Ao final da reunião, o dirigente do **MST** considerou o resultado “uma grande vitória”. Afirmou que a ocupação fez com que a direção regional do **Incra** instale quatro equipes para agilizar as vistorias das fazendas, quando não existia nenhuma na região e que houve a garantia de colocar 30 mil hectares de terras passíveis de desapropriação. Além disso, destacou que foi proposto um projeto para o plantio de hortas, criação de galinhas e produção de mel nos assentamentos e houve a abertura do debate sobre a cultura do eucalipto, que segundo ele, não gera empregos conforme a necessidade do povo da região.

posto avançado – No acordo, o **Incra** vai instalar um posto avançado em Itamaraju, com quatro equipes dirigidas por engenheiros agrônomos para agilizar o processo de **reforma agrária** por intermédio das vistorias em terras que podem ser desapropriadas. A unidade contará com a infra-estrutura de apoio, incluindo computadores.

O superintendente regional do **Incra**, Marcelino Galo, informou que o órgão atua em 48 áreas na região. Nelas, foram iniciadas as vistorias, correspondendo a 25 mil hectares. Do total, seis delas situadas em Porto Seguro, Itamaraju e Itabela foram encaminhadas para serem feitos os decretos de desapropriação. De acordo com a legislação federal, o processo segue para a decisão de um juiz federal e posteriormente para o cálculo do valor da indenização a ser pago ao proprietário pelo governo federal.

MST aceita abandonar a fazenda da Veracel

Tropa de Choque da PM chegou a ser mobilizada, mas desocupação foi pacífica

ADILSON FONSÊCA (PORTO SEGURO/EUNÁPOLIS) – No Quartel da Polícia Militar, em Eunápolis, 200 homens do Batalhão de Choque, vindos de Salvador, estavam prontos para intervir, desalojando mais de 3. 500 pessoas que estavam há cinco dias ocupando 25 hectares de terras da Veracel Celulose, no município de Porto Seguro. O forte aparato militar, distribuído em seis ônibus, picape e um caminhão de apoio, contudo, não precisou ser acionado, pois as famílias de **trabalhadores rurais** ligados ao **MST**, deixaram o local no início da noite de ontem.

A retirada foi pacífica, feita em veículos cedidos pela própria empresa Veracel, que chegaram ao local para levar parte das famílias aos seus locais de origem. Antes da saída das famílias, o clima permaneceu tenso durante todo o dia.

Enquanto as lideranças do **MST** negociavam em Salvador, circulavam informações no acampamento da presença de grandes contingentes de PMs em Porto Seguro e Eunápolis. Às 13 horas, a tensão aumentou, com a informação de que cerca de 200 soldados do Batalhão de Choque, vindos de Itabuna, onde estavam aquartelados desde o dia anterior, chegaram à cidade, aguardando ordens para desalojar as famílias de sem-terra.

Vistorias – A partir da próxima terça-feira, quatro técnicos do **Incra** vão iniciar o processo de vistorias de diversas propriedades no extremo sul do Estado, para agilizar o processo de **reforma agrária** na re-

gião. A decisão faz parte do acordo formado ontem, em Salvador, pelos governos federal e estadual, com as lideranças dos sem-terra na Bahia.

Apesar do acordo firmado entre as lideranças do **MST**, o **Incra** e o governo do Estado, para desocupar as terras da Veracel, em Porto Seguro, as invasões de propriedades irão continuar. Quem garante isso é o próprio líder do **MST** na Bahia, Valmir Assunção, que afirmou que “o que fizemos na Veracel vale somente para aqui. Nas demais fazendas, a ocupação permanece”, disse.

Atualmente estão invadidas as fazendas Nossa Senhora do Socorro, no município de Santo Amaro, região do Recôncavo, com 150 famílias, a Santa Luzia, na região sul, município de Arataca, com 150 famílias, e Candelária-I, no extremo sul, no município de Guaratinga, com 45 famílias.

Nas negociações feitas, foi acordado que o **Incra** emitirá, até o final do ano, os TDAs (Títulos da Dívida Agrária) para 18 propriedades, no extremo sul do Estado. As TDAs são pagamentos feitos pelo **Incra** aos proprietários das fazendas desapropriadas, sendo a última etapa antes da imissão do título de posse, pela Justiça, no processo de **Reforma Agrária**. Ainda no acordo, ficou definido que outras 48 propriedades serão vistoriadas nos municípios de Eunápolis, Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia, Itamaraju e Itabela.

Continuação: MST aceita abandonar a fazenda da Veracel

Novo plantio – Terminado o impasse, a Veracel Celulose deverá reiniciar, de imediato, a limpeza e o posterior plantio de eucaliptos na área de 25 hectares que até ontem estava ocupada, desde o último domingo, por mais de 3. 500 trabalhadores sem-terra, em Porto Seguro.

Segundo explicou o assessor de comunicação da empresa, Gleison Rezende, os prejuízos materiais são de pequena monta – a empresa tem 138 mil hectares de terras ainda não-plantados e outros 65 mil já plantados em nove municípios da região extremo sul do Estado.

Ministro elogia decisão do MST na Bahia

Da Agência Folha

O **ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto**, elogiou nesta quinta-feira (8) a decisão do **MST** de sair pacificamente da fazenda da multinacional Veracel na Bahia: "As lideranças [do movimento] tiveram um papel maduro, positivo, elogiável", disse ele.

A cúpula do governo soube da decisão durante uma reunião no Planalto para discutir basicamente a questão da seca na região Sul, da qual Rossetto também participou. "A saída do impasse foi bem recebida", relatou.

Rossetto disse que não telefonou diretamente para nenhum dos líderes do **MST** e que o governo federal participou das negociações por meio do **Incra** (**Instituto de Colonização e Reforma Agrária**) .

MST promete invadir fazendas no Recôncavo

Da A Tarde On Line

A coordenadora do **Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)** na região do Recôncavo, Dejacira Maria de Oliveira, afirma que os acampamentos da região já têm articulado várias ações para próxima semana. O diretor do movimento para a Bahia, Valmir Assunção, afirmou que as ações do grupo serão retomadas a partir de segunda-feira, 12, quando o Governo do Estado deve confirmar data de uma audiência com os líderes do movimento.

Dejacira Oliveira diz que o objetivo do grupo é "massificar as ocupações e o número de acampamentos em todo o Estado. Vamos tirar todos os acampamentos da beira da estrada", que são oito dos 11 existentes na região. Os outros três restantes estão dentro de fazendas.

O remanejamento de parte das 250 famílias que ocupam a Fazenda Ouro Negro, em Mata de São João, é outra prioridade do Movimento. Segundo Dejacira Oliveira, o acampamento, de 500 hectares, comporta apenas cerca de 50 famílias. O excedente deverá participar de novas invasões. Um dos locais cogitados é o município de Catu, onde o movimento ainda não possui acampamento.

Veracel

As 3.500 famílias que ocuparam e destruíram plantações de eucalipto da Fazenda Veracel, em Porto Seguro, deixaram as terras na quinta-feira, 8. Mas o **MST** não está parado.

Valmir Assunção informa que a maioria das famílias que saíram da área da Veracel foram encaminhados para outros acampamentos do Extremo-Sul, Sul e Baixo-Sul do Estado. Cerca de mil famílias ficaram no acampamento "Lulão", nome dado em homenagem ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, situado ao lado da fazenda.

Vistorias

Na reunião de quinta-feira, 8, entre os líderes do **MST** e a superintendência do **Incra** foi selada a desocupação das terras em Porto Seguro. Assunção informou que nesse mesmo encontro o órgão federal garantiu que vai vistoriar 30 mil hectares em 48 fazendas no Extremo Sul. A última pauta de reivindicação entregue ao **Incra** pelo **MST** solicitava a liberação de 10 mil hectares nas áreas de Eunápolis e Porto Seguro.

O coordenador estadual do movimento disse que o **Incra** prometeu criar um posto avançado na região, a fim de acelerar as vistorias das terras improdutivas. A unidade vai contar com quatro equipes de técnicos e terá sede em Itamaraju.

MST decide novas ocupações na Bahia

Luiza Torres, do **A Tarde On Line**

O Movimento dos Sem-Terra (**MST**) se reuniu na manhã desta segunda-feira, 12, em Itamaraju, extremo sul do Estado, para decidir sobre as próximas ocupações. Segundo o líder do movimento, Valmir Assunção, até o dia 1º de maio o grupo vai ocupar outras fazendas na Bahia.

De acordo com o líder, a reunião também vai avaliar a mobilização feita na semana passada na fazenda da Veracel, quando os sem-teto queimaram bambus e acamparam no local.

Assunção disse que cerca de 1.300 famílias que deixaram a Veracel estão no acampamento "Luiz Inácio Lula da Silva", na estrada que liga Porto Seguro a Eunápolis.

PT atuará junto com governo para definir salário mínimo, diz Genoino

Da Agência Estado

O próximo valor do salário mínimo deve ser um sinalizador do governo na linha do crescimento e da melhoria da renda do trabalhador, na opinião do presidente nacional do PT, José Genoino. Porém, ele disse que não cabe à legenda discutir números, mas informou que o PT atuará junto com o governo para definir um "bom" salário mínimo no dia 1º de maio.

Genoino informou nesta manhã em entrevista ao site do partido que na reunião do Diretório Nacional do partido que acontece no próximo fim de semana, pretende debater sobre projetos de desenvolvimento para o Brasil, com crescimento do emprego e da renda, e não se prender somente às metas macroeconômicas. "Temos de debater como articular todas as iniciativas e projetos do governo com a política industrial, o projeto para a construção civil, o crédito popular e o aumento do salário mínimo", enfatizou.

O presidente nacional da legenda condenou a ocupação de terras produtivas, como a que ocorreu na fazenda Veracel, na Bahia, por integrantes do

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo Genoino, o governo já deu sinais do seu compromisso com a **reforma agrária** e irá cumprir as metas anunciadas ao **MST**, à Confederação Nacional dos Trabalhadores (**Contag**), ao Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST), entre outros. Portanto, os movimentos têm de respeitar a autoridade democrática do governo, disse Genoino.

Questionado se a base de sustentação do governo no Congresso está dividida para a disputa das eleições municipais nas capitais e nas grandes cidades, ele comentou que o processo de fechamento de alianças está começando agora e, em muitos desses locais, elas só deverão acontecer no segundo turno.

O petista disse ainda que apóia as iniciativas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de discutir com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com os chefes de estado os investimentos nas estatais. "O governo não pode ficar no debate ideológico sobre metas, mas como ter uma administração fiscal e cambial e trabalhar para uma queda consistente nos juros."

Incra cede, após episódio Veracel

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária confirmou desapropriação de 22 fazendas em 17 municípios baianos

ADILSON FONSÊCA

Depois da invasão e desocupação pelo **MST** (Movimento dos Trabalhadores **Sem Terra**) da fazenda da Veracel, em Porto Seguro, o **Incra** (**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**) anunciou ontem a desapropriação de 22 propriedades em 17 municípios. A notícia vai beneficiar 1. 383 famílias acampadas há dois anos. Vinte e uma fazendas ficarão com integrantes do **MST**, cabendo ao MLT (Movimento de Libertação da Terra) apenas uma em Ilhéus. A invasão da área da Veracel ocorreu dia 4 de abril, quando foram ocupados 25 hectares e derubados cerca de 21 mil pés de eucalipto.

Os recursos, de valor ainda não revelado pelo **Incra**, para o pagamento aos antigos proprietários, já se encontram na superintendência regional em Salvador, ficando todo o processo a depender, unicamente, da Justiça, que dará imissão do título de posse para que se possa fazer o assentamento das famílias. Segundo explicou o superintendente regional, Marcelino Galo, as desapropriações mostram a disposição do governo federal em agilizar o processo de reforma agrária e, ao mesmo tempo, proporcionar uma distensão das tensões no campo.

Com os recursos em caixa, o órgão acredita que nos próximos meses todo o processo estará concluído. “Já temos o dinheiro”, diz Marcelino. Segundo explicou, todas as etapas das desapropriações foram cumpridas, não cabendo mais recursos administrativos por parte dos fazendeiros, restando agora o encaminhamento para que a Justiça dê o título de posse em nome do **Incra** e este possa fazer a seleção das famílias que serão assentadas.

PROVIDÊNCIAS – Hoje seguem para Itamaraju, a 773 km de Salvador, quatro equipes técnicas que irão

montar uma base fixa do **Incra** na região. Elas farão a vistoria em 48 fazendas (25 mil hectares) relacionadas pelo **MST** como improdutivas, e procurarão agilizar a pauta de reivindicação do movimento, com base no acordo feito na semana passada, entre o **Incra**, governo do Estado e o próprio **MST**, após a desocupação, pelos sem-terra, de uma fazenda da Veracel Celulose, em Porto Seguro. A fazenda tinha sido ocupada por mais de dois mil trabalhadores no último dia 4 e desocupada na última quinta-feira.

O superintendente do **Incra** disse que até o final do ano 92 propriedades rurais, incluindo as 48 fazendas do extremo sul, deverão ser vistoriadas na Bahia. O escritório do **Incra** em Itamaraju, que funcionará em parceria com o governo do Estado, deverá ficar pronto até o dia 25 e será responsável por todo o processo de **reforma agrária** nas regiões sul e extremo sul do Estado, onde estão os maiores contingentes dos sem-terra, tanto do **MST** quanto do MLT. “Acredito que, com a agilização do processo de **reforma agrária**, as tensões irão diminuir”, disse Marcelino.

As crescentes tensões dos últimos dias, na visão do **Incra**, devem-se à aproximação do 17 de abril, data em que é lembrado o massacre de 19 **trabalhadores rurais**, em Eldorado dos Carajás, Estado do Pará, em confronto com a Polícia Militar daquele Estado. “É mais uma questão do calendário deles, que deverá se estender até o 1º de maio”, disse, referindo-se às novas ocupações do **MST** em todo o País. “Ao contrário de outros Estados, como Pernambuco, a Bahia tem disponibilidade de terras”, afirmou Marcelino.

Novas ações – A trégua com a Veracel foi apenas passageira. O **MST** já articula novas invasões de terras na Bahia e promete manifestações no sul e extremo sul do Estado, onde estão os maiores acampamentos. Até o dia 17 e, posteriormente, por todo o primeiro semestre, o movimento pretende intensificar as ocu-

Continuação: Incra cede, após episódio Veracel

pações de terras listadas para a **reforma agrária**, mas cujos processos de desapropriação estão parados na Justiça.

O dia 17 será marcante, admite o coordenador do **MST** na Bahia, Valmir Assunção. A data lembra o massacre de 19 sem-terras, na cidade de Eldorado dos Carajás, no Estado do Pará, há nove anos. Ontem, as principais lideranças dos acampamentos do **MST** nas regiões sul e extremo sul estiveram reunidas em Itamaraju, a 773 km de Salvador, articulando as manifestações que farão em várias regiões do Estado, na próximo sábado.

Atualmente, o **MST** mantém ocupações recentes nas fazendas Nossa Senhora do Socorro, no município de Santo Amaro, onde estão 150 famílias; Santa Luzia, em Arataca, onde estão 150 famílias; e Candelária I, em Guyaratinga, com 45 famílias. Além dessas, estão ocupadas as fazendas Candá (Mucuri), Pedra Bonita (Itamaraju), Rosa do Prado, Santa Maria (Guaratinga), Itatiaia (Guaratinga) e Refúgio I e II (Prado). Essas propriedades foram desapropriadas pelo **Incra**, mas os processos estão parados na Justiça.

TESTE DE FORÇA – Conforme explicou Valmir Assunção, a ocupação da Veracel, onde os sem-terra ficaram por cinco dias numa área de 25 hectares, em Porto Seguro, foi uma espécie de teste de força com o governo. Dispostos ao confronto, eles só deixaram o local após a promessa do **Incra** de enviar, a partir de

hoje, técnicos para o extremo sul para avaliar 48 áreas que deverão ser desapropriadas até o final do ano, totalizando 30 mil hectares de terras.

Com a desocupação da Veracel, parte das famílias que ali estavam acampadas voltaram para os acampamentos nas cidades de Itamaraju, Guaratinga, Itabela, Porto Seguro e Eunápolis. No local, contudo, permanecem pouco mais de 1.300 pessoas no Acampamento Luiz Inácio Lula da Silva, o maior do Estado, aguardando o cumprimento do acordo feito com o **Incra**.

O **MST** articula uma audiência com o governador Paulo Souto, ainda esta semana, quando pretende, também, apresentar uma pauta específica de reivindicações voltadas para os assentamentos. Os sem-terra querem que o governo forneça infra-estrutura em educação e saneamento nos locais onde já estão as famílias. “Queremos que o governo do Estado cumpra o que prometeu, que foi o de montar escolas e postos de saúde, entre outras coisas”, disse.

Matérias anteriores
MST decide novas ocupações na Bahia
MST decide ocupar três propriedades em Paranapanema
Sem-terra tentam invadir fazenda em Uruçuca
Acampamento em Aracata é mantido
MST aceita abandonar fazenda Veracel
MST volta a fazenda Santa Luzia
MST invadem mais quatro áreas em PE

PF acompanha movimentação de sem-terra

Da Agência Estado

A Polícia Federal recebeu instruções do governo para acompanhar com ações de inteligência e dados fornecidos por agentes infiltrados a movimentação dos trabalhadores sem-terra em todo o País. A preocupação maior, no momento, é com a marcha em direção a várias capitais, inclusive Brasília, até o próximo sábado (17) , data do oitavo aniversário do massacre de Eldorado do Carajás, no qual 19 trabalhadores foram mortos em confronto com a Polícia Militar do Pará.

Até lá as invasões e manifestações são inevitáveis e o governo se limitará a fazer o monitoramento para evitar violência e novos atos ilegais, como ocupação de prédios públicos e de terras produtivas.

Segundo o diretor-geral da PF, Paulo Lacerda, desde o início do governo a orientação é não tratar movimentos sociais como caso de polícia. Desse modo, os policiais ficam na retaguarda, enquanto missões negociadoras acionados pelo governo discutem as soluções.

Na semana passada, o governo mandou dois emissários para as regiões mais conflagradas: a ouvidora agrária Maria de Oliveira, que foi para Pernambuco, e o assessor do **Incra** Marcos Kovarik foi para a Bahia negociar a desocupação da propriedade da multinacional Veracel.

Marchas-

As marchas estão sendo feitas em pelo menos 12 estados, a maior parte deles no Nordeste, e mobilizam mais de 20 mil manifestantes. O balanço das invasões e as providências que o governo está adotando para solucionar o impasse com os sem-terra foram levadas nesta segunda-feira ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo **ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto**.

Com mais quatro invasões contabilizados hoje - duas em São Paulo e duas em Pernambuco - subiu para 62 o total de ocupações promovidas em 14 estados brasileiros por trabalhadores sem-terra. Os acampamentos montados nesses locais reúnem 19 mil famílias, que totalizam quase 100 mil pessoas. A PF recebeu do Ministério da Justiça a recomendação de acompanhar as ações dos sem-terra de forma atenta, mas discreta.

MST amplia número de invasões

REDAÇÃO

O **Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)** articula novas invasões no Estado da Bahia, depois da trégua com a desocupação da fazenda pertencente à empresa de celulose Veracel, em Porto Seguro. Os líderes organizam novas manifestações no sul e extremo sul da Bahia, onde montaram os maiores acampamentos. Os sem-terra avisam que até o dia 17 de abril e depois desta data, as ocupações vão continuar. O dia 17 lembra o massacre de 19 trabalhadores, em Eldorado dos Carajás, no Pará.

Ontem seguiram para Itamaraju (extremo sul) quatro equipes técnicas do **Incra** que vão montar um base fixa na região. Os técnicos farão vistorias em 48 fazendas (25 mil hectares) relacionadas pelo **MST** como improdutivas. Também tentarão acelerar a pauta de reivindicações do movimento, com base no acordo feito semana passada, entre o **Incra**, governo do Estado e o **MST**.

SERGIPE – Cerca de 150 famílias de sem-terra ocuparam, ontem pela manhã, duas fazendas nos municípios de Itabi e Arauá, em Sergipe. Na Fazenda Campo Grande, em Itabi, estão acampadas 52 famílias, outras 80 famílias invadiram a Fazenda Travessão, em Arauá. Foi a terceira ação do **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** no Estado desde ontem (12), quando 52 famílias invadiram uma fazenda em Guararu, a 161 km de Aracaju.

A mobilização do **MST** faz parte da operação chamada de “abril vermelho”. Desde a semana passada, 1.400 famílias de sem-terra ocuparam sete fazendas em cinco municípios sergipanos – em dois casos a

Justiça concedeu mandado de reintegração de posse e os sem-terra fizeram a desocupação de forma pacífica.

PARANÁ – Um grupo de dez famílias invadiu no dia (12) uma área do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em Guaraqueçaba, no litoral do Paraná. Elas não ligadas ao **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**.

Com seis mil hectares, a Fazenda Bom Jesus fora entregue à União em 1999 para pagamento de dívida e repassada ao Ibama no ano seguinte. A fazenda havia sido invadida em março pelo mesmo grupo, que saiu depois de a Justiça ter determinado a reintegração de posse.

O gerente executivo do Ibama no Paraná, Marino Elígio Gonçalves, disse que uma equipe foi ao litoral para dar prazo para que eles saiam, antes de reativar a liminar.

MATO GROSSO DO SUL – Um grupo de 200 sem-terra ligado à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (**Contag**), invadiu anteontem, por volta do meio-dia, a Prefeitura Municipal de Novo Horizonte do Sul, a 345 km de Campo Grande. Vinte funcionários foram feitos reféns e serão liberados somente com a presença do prefeito Adilso José Scapin, que está viajando e volta hoje.

Cerca de dois mil sem-terra fizeram protestos no centro da cidade, bloqueando ruas e gritando palavras de ordem. Eles querem que o **Incra** tome medidas urgentes para impedir o desmatamento na Fazenda Someco, com 18 mil hectares.

Finlandeses visitam plantação

Interessados em saber o que o dinheiro finlandês está promovendo em terras tropicais, 11 jornalistas finlandeses estiveram no extremo sul da Bahia no início desta semana para visitar a Veracel Celulose e ouvir ambientalistas, sindicalistas, pequenos produtores agrícolas e integrantes do movimento dos sem-terra.

A viagem foi motivada pela repercussão da visita de ambientalistas baianos e capixabas a Estocolmo, capital da Suécia, em setembro do ano passado, quando foram mostradas imagens do desmatamento da Mata Atlântica promovido pela Veracel, em 1993, quando iniciava os plantios na região. O coordenador do grupo e repórter da TV1, Kari Rissa, disse que o público finlandês acompanha o que acontece na região. Já a jornalista Eija Jarvinen, do ministério finlandês do Meio Ambiente, disse, em português, estar interessada no que o dinheiro finlandês faz aqui. Paga pelos próprios jornalistas, que integram uma rede de jornalismo ambiental, a viagem segue até o dia 24, após passarem pelo Espírito Santo, Brasília, Manaus e Santarém.

Os jornalistas estão produzindo reportagens para emissoras de rádio, TV, jornal e revistas da Finlândia. Os primeiros dias da visita foram intensos e os colocaram em contato com opiniões muito divergentes. Os representantes da empresa foram muito questionados sobre os aspectos críticos da monocultura de eucalipto, mas também o foram os opositores da monocultura, de quem eles esperavam dados precisos sobre os problemas atribuídos à empresa. Para Eija, o mais grave problema parece ser a dimensão das terras de propriedade da Veracel. “Que solução terá este problema, eu não sei”, disse ela.

A Veracel é uma joint-venture das empresas Aracruz

e Stora Enso, esta de capital sueco-finlandês, e que já é detentora de 153 mil hectares de terras em nove municípios da região. Segundo dados da Veracel, do total da área da empresa, 73 mil estão plantados com eucalipto e 66. 434 correspondem à reserva legal de Mata Atlântica e 6. 069 à Estação Veracruz, uma reserva particular do patrimônio natural – RPPN.

A bordo de um microônibus oferecido pela empresa, os jornalistas iniciaram a visita pela Estação Vera Cruz, onde conheceram um remanescente de Mata Atlântica. A empresa mantém guardas para proteger a área dos caçadores, que, segundo a bióloga Denise Oliveira, são a principal ameaça. Segundo os ambientalistas, esses remanescentes foram salvos graças às denúncias do desmatamento promovido pela empresa em 1993, que não teria poupado a mata onde hoje é a estação.

“Podemos dizer que a estação foi uma conquista nossa”, disse o ambientalista Rogério Freitas, da ONG Flora Brasil, aos jornalistas. A informação oficial da empresa omite os pecados do passado e ressalta ter iniciado os plantios em 92, “quando 95% da Mata Atlântica já tinham sido destruídos”. “Isso não é verdade”, afirmou o coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia – Cepedes, Melquíades Oliveira, ao apresentar as imagens em vídeo feitas em 93 que atestam o desmatamento feito pela empresa, na época com o nome de Veracruz, quando ainda pertencia à Odebrecht.

ERROS DO PASSADO – O consultor da Veracel, João Borges, disse, enquanto acompanhava o tour dos finlandeses, que a empresa tem consciência dos erros cometidos no passado, que foram frutos de um contexto histórico no qual o desmatamento não era visto como erro e sim como algo que era ensinado nas próprias universidades. “A sociedade evoluiu na direção da proteção das florestas nativas, mas é preciso

Continuação: Finlandeses visitam plantação

lembrar que os engenheiros florestais, há cerca de 30 anos, tinham, em sua formação, aulas de técnicas de desmatamento”.

Os 66.434 hectares de Mata Atlântica preservada da área da empresa estão nos fundos dos vales e sufocados pelos eucaliptais. A integração de remanescentes com os eucaliptais formam a paisagem de mosaico com a qual a empresa se vangloria de es-

tar promovendo um modelo de plantação sustentável. Segundo Borges, o programa de recuperação da Mata Atlântica da empresa prevê o plantio de 400 hectares por ano. No viveiro da Veracel, o responsável pela produção de mudas informou que a previsão para este ano é de 750 mil mudas de 160 espécies nativas. É um número significativo para um viveiro de espécies da mata, mas quase nada se comparado às 200 mil mudas de eucalipto que são produzidas por dia.

MST faz nona ocupação na Bahia

Da Agência Estado

A fazenda São José, no município de Casa Nova, nas margens do lago da Barragem de Sobradinho, foi invadida por trabalhadores ligados ao Movimento dos **Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)**. Cem famílias ocuparam a área na noite de sexta-feira (23), sem dificuldades, pois aparentemente as terras estão abandonadas.

O **MST** reivindica a inclusão da São José na relação

de propriedades a serem vistoriadas pelo Instituto da Colonização e **Reforma Agrária (Incra)** para desapropriação. Já são nove as propriedades invadidas pelo movimento na Bahia durante o chamado "abril vermelho", das quais oito permanecem ocupadas.

O **MST** só aceitou deixar a área da Veracel Celulose após firmar um acordo com o **Incra** e governo estadual. Conforme o principal líder do **MST** no Estado, Valmir Assunção, que é suplente de deputado estadual pelo PT, outras três fazendas devem ser ocupadas até o final do mês.

Cronologia das ações

Janeiro 6 – **MST** ocupa propriedades rurais em Aratoca e Marauá, no sul da Bahia.

9 – Em Itabuna, sul da Bahia, José Rainha, o líder nacional do **MST**, diz que se a **reforma agrária** não sair pela caneta do presidente Lula vai sair nas foices e facões.

20 – **MST** comemora o 20º aniversário de sua fundação.

24 – Sem-teto ligados ao Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS) ocupam local onde funcionou a Mesbla (Mares) e o prédio do Supermercado Paes Mendonça em Amaralina.

28 – Sem-teto do MSTS bloqueiam a Estrada Velha do Aeroporto em protesto contra corte de energia em assentamento localizado nas proximidades da via.

Fevereiro 4 – Sem-terra acampam em praça localizada em frente à Prefeitura de Mucuri, a 980 km de Salvador.

17 – 800 famílias de sem-terra ligadas ao MST-BA acampam na porta da Prefeitura de Prado, extremo sul da Bahia.

22 – 150 famílias de sem-teto invadem Clube Português na Pituba, em Salvador.

Março 8 – 1.700 mulheres participantes do **MST** marcham por ruas de Salvador, marcando presença nas comemorações do Dia Internacional da Mulher.

9 – MSTS já tem 12 áreas de ocupação em Salvador, reunindo 1.500 famílias.

10 – Famílias ligadas ao MSTS ocupam prédio abandonado em Campinas de Brotas.

28 – João Pedro Stédile, coordenador nacional do **MST**, declara que o movimento vai infernizar o País e fazer um “abril vermelho”.

31 – Stédile ameniza o discurso e diz que, na verdade, quis usar a palavra infernizar no sentido de azucrinar.

Abril 1 – **MST** começa no sul onda de invasões.

3 – MSTS ocupa em Salvador o Hotel Paulus na Pituba.

3 – **MST** ocupa terras da Veracel em Porto Seguro a 810 km de Salvador. O grupo derruba uma área plantada com eucaliptos para iniciar a preparação de roças.

3 – Sem-teto saem do Clube Português e ocupam Hotel Paulus na Pituba.

8 – As 3.500 pessoas ligadas ao **MST** e acampadas na Fazenda da Veracel em Porto Seguro decidem deixar o lugar.

16 – 500 sem-terra ligados ao **MST** fazem manifestação em Itabuna para homenagear os 19 companheiros mortos em Eldorado dos Carajás, Pará, durante um confronto com a PM.

17 – 600 trabalhadores do **MST** chegam a Valença para homenagear os mortos em Eldorado dos Carajás.

18 – 100 famílias de sem-terra invadem fazenda em Alagoinhas a 120 km de Salvador.

19 – 62 famílias ligadas ao Movimento de Luta pela Terra (MLT) acampam em frente a uma fazenda da qual foram expulsos por ordem judicial.

21 – MSTS invade antigo prédio da Alfred no Largo de Roma.

22 – Sem-terra ligados ao **MST** ocupam fazenda em distrito de Alagoinhas.

23 – 120 integrantes do MLT invadem sede do Ibama em Salvador para protestar contra desocupação de uma área em Camaçari.

24 – Encontro da União Nacional por Moradia Popular, reunindo 400 sem-teto de vários Estados do Brasil, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, decide fazer ocupações de prédios públicos em todo o País, no dia 12 de maio. O ministro das cidades Olívio Dutra participa do encontro.

25 – 100 famílias do **MST** invadem a Fazenda São Vítor pertencente ao espólio do ex-prefeito de Casa Nova. A área fica a 82 km da sede do município.

26 – As 154 famílias do MSTs acampadas no Hotel Paulus têm dez dias de prazo para deixar o local. O acordo foi firmado depois de uma decisão judicial que determinou a reintegração de posse.

26 – 1.600 trabalhadores ligados ao **Movimento dos Trabalhadores Assentados** (Ceta) ocupam a sede da Coordenação de **Desenvolvimento Agrário (CDA)**, em Salvador, órgão vinculado à Secretaria Estadual de Agricultura.

Onde estão os sem-teto em Salvador

As ações de maior força em Salvador são realizadas pelo Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS), uma organização que vai festejar seu primeiro aniversário em junho deste ano. Mas já existem outros grupos independentes. O MSTS tem 12 mil famílias cadastradas.

Estrada Velha do Aeroporto – 545 famílias em barracos de palha, lona e madeirite.

Pirajá – 350 famílias em barracos já construídos.

Lobato – 85 famílias alojadas em um galpão de madeira e lona.

Periperi – 39 famílias nas antigas instalações do Centro Educacional de Periperi e outras 49 famílias em um terreno anexo à invasão da Polêmica.

Baixa do Bonfim – 200 famílias, antigo prédio da fábrica Tóster.

Mares – 200 famílias no antigo prédio da Mesbla Veículos.

Amaralina – 150 famílias, prédio do antigo Supermercado Paes Mendonça.

Stiep – 34 famílias, prédio abandonado da Encol.

Bom Juá/BR-324 – Aproximadamente, 300 famílias, que não estão ligadas ao MSTs, mas incluídas no programa emergencial de construção habitacional da prefeitura e governo do Estado.

Lapinha – 29 famílias, prédio tombado pelo Ipac.

Lauro de Freitas – 29 famílias acampadas e outras mil inscritas aguardando área para invadir.

Conceição da Feira – 220 famílias acampadas.

Fonte: MSTS (Movimento dos Sem Teto de Salvador)

Dados de fevereiro de 2004

Números da **reforma agrária**

MST

Famílias acampadas no Brasil: 180 mil

Famílias acampadas na Bahia: 31 mil

Acampamentos na Bahia: 114

Continuação: Cronologia das ações

Fetag

Famílias acampadas na Bahia: 10 mil

Nº de acampamentos: 73

Nº de assentamentos na Bahia: 93

Famílias assentadas (1995 até 10 setembro de 2002)

Brasil: 579. 733

Nordeste: 191. 319

Bahia: 26. 284

Ocupações em 2002: 80

Ocupações em 2003: 222

Ocupações em 2004 (Janeiro) : 08

Fontes: **Incra** (**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**) , **Fetag** e **MST**.

Dados divulgados em março de 2004

Pesquisa: Cleidiana Ramos e Adilson Fonseca